



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**Mestrado Integrado em Teologia (1.º grau canónico)**

**JACINTO BALIU SIBANDIO**

**D. Settimio Arturo Ferrazzetta (1924-1999):  
O contributo da missão Católica para o  
desenvolvimento da Guiné-Bissau**

**Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor Jorge Teixeira Da Cunha**

**Porto  
2017**

## Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>iii</b>
<b>Abreviaturas</b> .....	<b>iv</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>vi</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>vii</b>
<b>Bibliografía</b> .....	<b>viii</b>
Fontes .....	viii
Internet .....	xi
Obras estudadas .....	xi
Dicionários .....	xii
<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>6</b>
<b>GUINÉ-BISSAU: UM PAÍS DE MISSÃO PARA D. SETTIMIO ARTURO FERRAZZETTA</b> .....	<b>6</b>
1.2. Apresentação histórica do País .....	6
1.2. A realidade político-social da Guiné, após a independência .....	8
1.2.1. O processo de democratização do país .....	8
1.2.2. A situação da Justiça na Guiné Bissau .....	12
1.2.3. A situação da Paz e Reconciliação na Guiné-Bissau .....	14
1.3. A Igreja da Guiné antes da independência .....	16
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>28</b>
<b>UM MISSIONÁRIO PARA A GUINÉ: D. SETTIMIO ARTURO FERRAZZETTA</b> .....	<b>28</b>
2.1. Os dados biográficos .....	28
2.1.1 Experiência familiar e formação religiosa .....	29
2.2. Experiência Missionária. ....	32
2.2.1. De leprosaria de Cumura ao Episcopado .....	32
2.3. Um rosto do missionário a exemplo de Jesus e de São Francisco (Da consagração episcopal ao Conflito de 1998) .....	45
2.3.1. Diálogo com a cultura e valores morais guineenses .....	45
2.3.2. Principais pontos de ação pastoral de D. Settimio para a construção do país .....	49
2.3.3. Perfil espiritual .....	63
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>67</b>

<b>CONTRIBUIÇÃO DE UM HOMEM DA IGREJA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM PAÍS .....</b>	<b>67</b>
3.1. A sua visão sobre a realidade política da Guiné .....	70
3.2. As instituições fundadas por D. Settimio.....	75
3.3. Consolidação da paz e reconciliação nacional.....	76
3.4. A morte e sepultura.....	84
<b>Conclusão .....</b>	<b>88</b>

## **Agradecimentos**

Chegado ao termo da minha formação inicial e teológica, é com o coração profundamente agradecido que dirijo os meus sinceros agradecimentos a todos os que, de forma direta ou indireta, contribuíram essencialmente para o meu crescimento humano e intelectual, durante todos esses anos. De modo especial, à minha família que, apesar da distância que nos separou desde início, não cessou de me encorajar e motivar nos momentos bons ou nos mais difíceis.

Dirijo, igualmente, os meus agradecimentos à Congregação do Espírito Santo, pela confiança e a possibilidade dadas, no sentido de me formar humana e intelectualmente; aos meus professores e funcionários do Centro Santo Agostinho de Dakar e desta Universidade Católica Portuguesa, Centro regional do Porto, que puseram à minha disposição ferramentas estruturantes do meu saber filosófico e teológico para o saber-fazer.

Agradeço, por fim, e de forma distinguida, ao Professor Doutor Jorge Teixeira da Cunha, que orientou este trabalho, pelos seus conselhos e encorajamento e ao Doutor Manuel Dias, pela sua disponibilidade.

## Abreviaturas

Act:	Atos dos Apóstolos
AG:	Ad Gentes
CA:	Centicimus Annus
CD:	Christus Dominus
CDC:	Código de Direito Canónico
CDSI:	Compêndio da Doutrina social da Igreja
CIC:	Catecismo da Igreja Católica
CE:	Conselho de Estado
CCE:	Conselho dos Comissários de Estado
CR:	Conselho da Revolução
CIFP	Centro de Instrução e Formação Profissional
EN:	Evangelii Nuntiandi
EG:	Evangelii Gaudium
ECOMOG	Grupo de Monitoramento da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental
Ef:	Cartas aos Efésios
FD:	Frente Democrática
FDS:	Frente Democrática Social
GS:	Gaudium et Spes
Jo:	Evangelho de João
Mt:	Evangelho de Mateus
PG:	Pastores Gregis
PT:	Pacem in Terris
PIME	Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras
PAIGC:	Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
PCD:	Partido da Convergência Democrática

Rm: Carta aos Romanos

SRS: Sollicitudo Rei Socialis

## **Resumo**

Na Guiné-Bissau, como em vários países do mundo e, particularmente, em tantos países Africanos, a Igreja particular deste território Africano, sob a orientação de diversos prefeitos apostólicos e sobretudo do seu primeiro Bispo D. Settimio Arturo Ferrazzetta, desempenhou e desempenha, ainda hoje, um papel relevante e notório no processo de desenvolvimento do país, a todos os níveis: humano, cultural e social, através de ações concretas e visíveis, apesar das condições ainda precárias em que vive o povo. E, neste capítulo, queremos destacar essencialmente a contribuição inesquecível de D. Settimio que, com o seu bom senso e o espírito atento aos sinais dos tempos, soube guiar a sua Igreja, permitindo-lhe realizar profundamente um dos elementos fundamentais e incontornáveis para o anúncio do evangelho: a promoção humana, que é o fator sem o qual o conteúdo evangélico não teria o seu verdadeiro e autêntico sentido, ou melhor, o desenvolvimento integral do homem e a promoção autêntica da sua dignidade. Isto, graças à sua capacidade de integração e de abertura às novas realidades culturais, pondo em prática a palavra da Sagrada Escritura e o ensinamento da Igreja (doutrina social da Igreja), numa determinada realidade e contexto cultural e social.

Neste âmbito, o nosso trabalho pretende, não somente contribuir, essencialmente, para o despertar das consciências dos muitos Guineenses sobre a importância deste papel eminente e os objetivos visados por ele, no sentido de ajudar o país e todos os Guineenses a progredirem para o melhor, mas sobretudo, salientar, através de uma reflexão teológica baseada nos factos históricos concretos e reais, como é que a ação divina se traduz numa realidade e contexto concreto, por meio de um missionário e pastor da sua Igreja. Por outras palavras, como é que Cristo continua a agir no mundo através dos homens e mulheres que dedicam todas as suas vidas a esta causa, até a morte.

**Palavras chaves:** D. Settimio Arturo Ferrazzetta, contributo, Missão católica, desenvolvimento, Guiné-Bissau.

## **Abstract**

This dissertation seeks to explore the contributions of Bishop Settimio Arturo Ferrazzetta among the people of Guinea Bissau. As a Bishop of the Catholic Diocese of Bissau, he worked tirelessly and selflessly for the general development of the people of Guinea Bissau. This research seeks to address the basic contributions of Bishop Settimio in the following areas: promotion of human dignity, integral development of man, concern for the marginalized in the society, active participation in the cultural and social life of the people of Guinea Bissau. This theological reflection will equally take into consideration the docility of Bishop Settimio and his capacity of adapting into a new culture that is completely foreign to his. In his intention to evangelize the people of Guinea Bissau, he relied solely on the Scriptures and the teaching of the Church that enabled him to convey the message of the Gospel in a cultural and social context.

In the final analysis, this dissertation not only aims at reawakening the consciousness of all the inhabitants of Guinea Bissau about the indispensable role of Bishop Settimio towards the integral development of the people of Guinea Bissau, but also aims at examining the action of God through the human instrument of Bishop Settimio. In view of this, this academic research aims at reminding contemporary men that God still manifest his presence in the world through men and women who dedicate their entire lives for the service of the Good News of the kingdom of God.

**KEY WORDS-** Bishop Settimio Arturo Ferrazzatta, contribution, Catholic Mission, Integral development of Guinea Bissau.

## Bibliográficas Final

### Fontes

FERRAZZETTA A. S., *Mensagem pascal: reconciliação e paz*, 1986, 1-6. (fonte não publicada).

\_\_\_\_\_, *Irmãos, dialoguemos. Mensagem para o ano de 1992*, 1-2. (fonte não publicada)

\_\_\_\_\_, *Reflexão sobre a paz, mensagem do ano novo 1993, dia mundial da paz há 25 anos*, 1-2. (fonte não publicada)

\_\_\_\_\_, *Diocese de Bissau carta pastoral. Esperança num futuro melhor*, 1994, 1-21. (fonte não publicada)

\_\_\_\_\_, *O nosso bem comum. Carta da Diocese de Bissau para o ano novo de 1994*, 1-5. (fonte não publicada)

\_\_\_\_\_, *Por ocasião do Encontro da paz, do diálogo e da fraternidade*, 1994, 1-2. (fonte não publicada)

\_\_\_\_\_, *À população da Guiné-Bissau difundida pela rádio nacional. “Em nome de Deus que a cabe esta guerra entre irmãos*, 1998, 1-2. (fonte não publicada)

\_\_\_\_\_, *Rezemos, irmãos, a paz está à vista! Mas “palavra i ca limpo inda!”*, 1998, 1-2. (fonte não publicada)

\_\_\_\_\_, *Mensagem do Bispo de Bissau D. Settimio Arturo Ferrazzetta, para o ano internacional da família*, 1993-1994, 1-119, (fonte não publicada).

\_\_\_\_\_, *Um apelo ao governo da Guiné-Bissau, à junta militar, aos partidos políticos, às ONG’S, à sociedade civil*, 1998, 1-2 (a fonte não publicada).

\_\_\_\_\_, *São António de Bandim missa de agradecimento pelo fim da guerra*, 1998, (homilia, fonte não publicada).

BELTRÁN G. G., *La dimensión de la evangelización en la Exortación Apostólica Evangelii Gaudium*, in Scripta Theologica. Granada, Espanha, 2014. Vol 46.2.

CONSELHO PONTIFÍCIO «Justiça e Paz», *compêndio da doutrina social da igreja*, Cascais, Príncípia Editora, 2015.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio Vaticano, 1962-1965 - *Gaudium et Spes*: [Constituição de 7 de Dezembro de 1966]. *AAS*. 58 (1966) 1025 – 1115.

\_\_\_\_\_, *Ad Gentes Divinitus*: [Decreto de 7 de Dezembro de 1965]. *AAS*. 58 (1966), 947-990.

\_\_\_\_\_, *Cristus Dominus*: [Decreto de 8 de Outubro de 1966]. *AAS*. 58 (1966), 673-696.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1958-1963 (JOÃO XXIII) – *Pacem in Teris*: [Carta Encíclica de 20 de Abril de 1963]. *AAS*. 55 (1963), 257-304.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (PAULO VI) - *Evangelii Nunciandi*: [Exortação Apostólica de 8 de Dezembro de 1975]. *AAS*. 68 (1976), 5- 76.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (JOÃO PAULO II) - *Sollicitudo Rei Socialis*: [Carta Encíclica de 30 de Dezembro de 1988]. *AAS*. 80 (1988), 513- 586.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (JOÃO PAULO II) - *Centesimus Annus*: [Carta Encíclica de 1 de Maio de 1991]. *AAS*. 83 (1991), 793- 867.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (JOÃO PAULO II) – *Pastores Gregis*: [Exortação Apostólica de 3 de Dezembro de 2004]. *AAS*. 96 (2004), 825 – 924.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013... (FRANCISCO) – *Evangelii Gaudium*: [Exortação Apostólica de 6 Dezembro de 2013]. *AAS*. 105 (2013), 1019 – 1137.

CÁ M. O. H., *O papel da Igreja católica no processo da implementação da democracia na Guiné Bissau*, Seminário maior interdiocesano “D. Settimio Arturo Ferrazzetta” Bissau, 2016. (Tesse não publicada)

COSTA J., *Guiné Bissau, D. Settimio, pastor e pai, ação missionária, 1999, n° 689*, p. 1-12.

FURLATO. R., *P. Settimio em Cumura. Cumura precisa de missionários*, 2009, 1-5, (fonte não publicada).

\_\_\_\_\_, *Bispo Settimio Ferrazzetta. Primeiro Bispo de Bissau*, 2009, 1-7, (fonte não publicada)

\_\_\_\_\_, *São António de Bandim missa de agradecimento pelo fim da guerra*, 1998.  
1-2 (fonte não publicada).

INDEQUE E., *O papel da Igreja no processo da reconciliação sociopolítica na Guiné Bissau*, seminário maior interdiocesano “D. Settimio Arturo Ferrazzetta”, Bissau, 2016.  
(tese não publicada).

KASPER. W. *Teología e Iglesia*. Barcelona: Herder Editora, 1989.

LONGO F., *Os frades menores de Veneza na Guiné-Bissau 50 anos de história para recordar (1955-2005)*. Itália: Padova Editora, 2009.

LOPES F., *Monsignor Settimio Arturo Ferrazzetta, testimone di pace in Guinea Bissau, (1924-1999)*, Itália: L'harmattan, 2013.

MAZZOTTO G, ...[et al.], *Settimio Arturo Ferrazzetta Sono allora africano? Raccolta di lettere alla famiglia 1943-1999*. Verona, Siz, 2009.

MATOGI M. N., *Fundamentos teológico-pastorales de una pastoral Afrocolombiana*, in reflexiones teológicas 8 (69-90), Editorial Sello, Santiago de Cali, Bogotá Colômbia, 2011.

MANSO B. D. M., *História da companhia de Jesus em Portugal*. Lisboa: Parsifal, 2016.

PAULO II. J., *As reflexões para o ano 2000*. Lisboa: Livros do Brasil, 1994.

REMA P. H., *História das missões católicas da Guiné*. Braga: Franciscana Editora, 1982.

SILVA D. E. A., *Invenção e construção da Guiné-Bissau. Administração colonial/Nacionalismo constitucionalismo*. Coimbra: Gráfico de Coimbra, 2010.

VOIGT S., *vocabulário de teologia Bíblica*. 4º ed., Brasil: Vozes Petrópolis Editora, 1987, p. 730.

VICENTE D. J... [et al.], *Breve história da evangelização de Guiné*. Cucujães: Escola Tipográfica das Missões Cucujães Editora, 1997.

ZILLI C. P., *Anuário de dioceses, de Bissau e Bafatá*, 1-85.

## Internet.

SANTOS F. A. [et a.], *a justiça num estado frágil: o exemplo da Guiné-Bissau*, WP 137/2015, p 13, [https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/index.php/files/Doc\\_trabalho/WP\\_137](https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/index.php/files/Doc_trabalho/WP_137), (consultado 28/07/2017 as 15 24m), 1- 48.

## Obras estudadas

AUBERT M. J., *Manual da moral católica. A Fé vivida*, Lisboa, Paulistas, 1991.

AMORIM C. J., *Dimensão social. Reflexões antropológicas*, Lisboa, Paulinas, 2000.

ALFORO J., *Teologia da Justiça. Comissão Pontifícia Justiça e Paz cidade do Vaticano, 3º vol*, São Paulo, Paulinas, 1978.

ARRUPE P., *Testemunhos de Justiça. Comissão Pontifícia Justiça e Paz cidade do Vaticano, 2º vol*, São Paulo, Paulinas, 1978.

BAUR J., *2000 anos de cristianismo em África. Uma história da Igreja Africana*, Lisboa, Paulinas, 2002.

COELHO S. J., *Iniciación a la doctrina social de la Iglesia*. Madrid: San Pablo, 1995.

COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ E INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO., *Justiça e Paz: Manual para animadores da justiça, da paz e da integridade da criação*. Vila de Cucujães: Escola Tipográfica das Missões, 2001.

HENRICH. S. S., *Grandes temas da Bíblia*. Lisboa: Paulus, 2010. Vol. 2.

HUMANÍSICA E TEOLOGIA. Porto: Faculdade de Teologia, 1980- . ISSN 0870-080X.

IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

KAFUBWANGA N. E-G. K., *Le principe de destination universelle des biens dans l'encyclique Sollicitudo Rei Socialis et sa penitence pour la justice sociale*. Paris: Institut Catholique de Paris, 2011.

LAUZUN P., *Chrétienté et démocratie*. Paris: Piere Téqui, 2002.

LAND P., *Justiça no mundo. Visão panorâmica. Comissão Pontifícia Justiça e Paz cidade do Vaticano*. São Paulo: Paulinas, 1978. Vol.1.

LINSCOTT M., *Educar na justiça. Comissão Pontifícia Justiça e Paz cidade Vaticano*. São Paulo: Paulinas, 1978. Vol.4.

MOURA J., *Doutrina social da Igreja. Vista e vivida por um leigo*. Coimbra: Gráfico de Coimbra, 2009.

MAUGENEST D., *Le discours social de l'Église catholique. De Léon XIII à Jean-Paul II*. Paris: Centurion, 1985.

MARTINI M. C., *Viagem pelo Vocabulário da ética. Definições e conceitos*. Lisboa: São Paulo, 1994.

PONTIFÍCIO CONSELHO «Justiça e Paz», *Agenda social. Coleção de textos Magisteriais*. Roma: Città del Vaticano, 2000.

STILWELL P., *Caminhos da justiça e da Paz. Doutrina social da Igreja documentos de 1891-1987*. 2ª ed. Lisboa: Rei dos Livros, 1987.

\_\_\_\_\_, *Caminhos da justiça e da Paz. Doutrina social da Igreja documentos de 1891-1991*. 4.ª ed. Lisboa: Rei dos livros, 2002.

SCHELKLE H. K., *Teologia do novo Testamento. Ethos comportamento moral do homem*. São Paulo: Loyola, 1978. Vol.4.

VICENTE D. J., *Mensagem do Papa João Paulo II na Guiné-Bissau*. Lisboa, Tipografia Jerónimus, 1990.

VIEIRA L. D., *La solidarité au coeur de l'éthique social. La notion de solidarité dans l'enseignement social de l'Église catholique*. Paris: Marie et Martin, 2006.

VIDAL M., *Moral de atitudes, 1.º vol moral fundamental*. 3.ª ed. Aparecida: Santuário Editora, 1986.

## **Dicionários**

CONSTA A. J... [et al.], *Dicionário editora. Dicionário da língua portuguesa*. 8.ª ed., Porto: Porto Editora, 1999.

EICHER P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus 1993.

FONSECA J., *Novo dicionário Francês- Português*. Porto: Lello e Irmão (ed.), 1962.

MARTINÉZ ALMOYNA J. *Dicionário editora. Dicionário de Espanhol-Português*. Porto: Porto Editora, 1996.

MEA G., *Dicionário editora. Dicionário de Italiano-Português*, 2.<sup>a</sup> ed. Porto: Porto Editora, 2000.

POUPARD P., *Dictionnaire des religions*, Paris, Presses Universitaires de France, 1985.

VIDAL M., *Dicionário de moral. Dicionário de ética teológica*. Porto: Perpétuo Socorro Editora, 1991. Vol. 5.

## Introdução

É possível realizar uma autêntica abordagem teológica, com base numa história consideravelmente significativa de uma determinada realidade ou contexto? Esta é uma das questões verdadeiramente importantes, à qual procuraremos responder ao longo deste trabalho, fixando o nosso olhar sobre o papel de D. Settimio e da Igreja da Guiné, no processo de desenvolvimento ou progresso do país.

«Cristo Senhor, Filho de Deus vivo, que veio salvar o seu povo dos pecados (Mt. 1, 21) e santificar todos os homens, assim como Ele foi enviado pelo Pai, assim também enviou os seus Apóstolos (Jo. 20, 21), a quem santificou, dando-lhes o Espírito Santo, para que também eles glorificassem o Pai na terra e salvassem os homens, “para a edificação do Corpo de Cristo” (Ef. 4, 12), que é a Igreja» (C D 1). E ela, como sacramento universal da salvação enviada por Deus, através do seu filho Jesus Cristo, anunciar infatigavelmente a Boa Nova a toda a humanidade (Cf. A G 1), é chamada a estabelecer com o mundo ou a sociedade humana, no meio da qual vive, um verdadeiro e autêntico diálogo, promovido, em primeiro lugar, pelos seus pastores bispos que são chamados a ir ao encontro dos homens, a fim de provocar e fomentar esse diálogo (Cf. C D 13), que não se limita unicamente às palavras, mas também à vivência quotidiana dos povos, nos momentos de paz, de alegria e nos momentos de dificuldades da vida: «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (...). Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história» (G S 1). Mas para que esse diálogo e comunhão com o mundo se tornem uma realidade concreta e visível é necessário que ela esteja vigilante e atenta aos sinais dos tempos, a fim de poder interpretá-los à luz do evangelho (Cf. G S 4) e dar aos homens uma resposta adequada e autêntica sobre o sentido das suas vidas.

Esta é a verdadeira e profunda missão da Igreja no mundo que envolve todo o povo cristão sem exceção, sob a orientação do magistério e dos bispos do mundo inteiro, segundo a realidade de cada sociedade. E, como afirma a doutrina social da Igreja, um dos critérios

fundamentais da ação pastoral da Igreja, na dimensão social, é o anúncio do evangelho, confrontando a sua mensagem com a realidade social, com o objetivo de a renovar em relação às exigências da moral cristã (Cf. C D S I 526). Por esta razão, a Igreja necessita de pastores que, configurados com Cristo na santidade de vida, se dediquem generosamente em favor das Igrejas que lhes foram confiadas, procurando o bem-estar de todos e o desenvolvimento integral dos homens, tendo, ao mesmo tempo, nos seus corações, a solicitude para todas as Igrejas espalhadas pelo mundo. Eles têm a tarefa de anunciar ao mundo a esperança e a confiança, baseando-se na pregação do evangelho de Jesus Cristo (Cf. P G 1 e 3), porque os dois valores (esperança e confiança) são essenciais para o crescimento e transformação profunda do homem ferido pelo mal.

«É a esperança que o anima a discernir, no contexto onde desempenha o seu ministério, os sinais de vida capazes de derrotar os germes nocivos e mortais. É também a esperança que o sustenta na transformação dos próprios conflitos em ocasiões de crescimento, abrindo-os à reconciliação. Será ainda esperança em Jesus, Bom Pastor, a encher o seu coração de compaixão induzindo-o a debruçar-se sobre a dor de cada homem e mulher que sofre, para cuidar das suas chagas, mantendo sempre viva a confiança de que a ovelha perdida pode ser encontrada. Deste modo o bispo será um sinal cada vez mais luminoso de Cristo, Pastor e Esposo da Igreja. Agindo como pai, irmão, amigo de todo o homem, será junto de cada um a imagem viva de Cristo, nossa esperança, no qual se cumprem todas as promessas de Deus e realizam todas as expectativas da criação» (P G 4).

Cristo é a imagem perfeita do Pai e a manifestação da sua bondade e da sua misericórdia, no meio dos homens. É por isso que o bispo, agindo em nome do mesmo Cristo, se torna para o povo, que lhe foi confiado, o sinal vivo que testemunha verdadeiramente o amor infinito de Deus para com a humanidade. «Cada bispo, no seu ministério, tem obrigação de vigiar amorosamente todo o rebanho, no meio do qual é posto pelo Espírito para governar a Igreja de Deus: em nome do Pai que torna presente a sua imagem na pessoa de Jesus Cristo, o seu filho, por quem é constituído mestre, sacerdote e pastor, e em nome do Espírito Santo que dá vida à Igreja e, com a sua força, ampara e habilita a humanidade» (P G 7). Eles são chamados, em união com a Igreja universal, a agir ativamente nas realidades locais, com vista à construção e ao desenvolvimento de todos os homens, sem nenhuma discriminação religiosa, através dos princípios que ajudam

verdadeiramente a resolver os problemas gravíssimos da posse, do aumento e da justa distribuição dos bens materiais, da paz e da guerra e da convivência fraterna de todos os povos (Cf. P T 11). «Para poderem atender melhor ao bem dos fiéis, segundo a condição de cada um, procurem conhecer-lhes bem as necessidades, dentro das circunstâncias sociais em que vivem, recorrendo aos meios convenientes, sobretudo à investigação social, mostrem interesse por todos, de qualquer idade, condição ou nacionalidade que sejam» (C D 16).

Fiel à sua vocação de pastor, à mensagem evangélica e tudo o que ela implica e às orientações da Igreja católica universal (doutrina social da Igreja), acima referidas, D. Settimio Arturo Ferrazzetta, primeiro bispo da diocese de Bissau e com ele toda a Igreja da Guiné, procurou responder, através das suas palavras, das suas ações concretas e da sua dinâmica pastoral social, às exigências e às necessidades urgentes e, essencialmente, incontornáveis para a coesão, o equilíbrio e a restauração da fraternidade social Guineense. Tentou aplicar rigorosamente essas orientações e recomendações da Igreja na realidade guineense, sem ser fundamentalista, fixando o seu olhar sobretudo na dimensão ou campo social, com o objetivo de ajudar e contribuir o máximo possível e quanto pudesse, para o desenvolvimento integral do homem guineense e a profunda promoção da dignidade da pessoa humana, porque isso faz parte integrante do desígnio de Deus e da missão da própria Igreja no mundo: interessar-se pela realidade de cada sociedade em que se implementa. Por isso, dedicou toda a sua vida a esta causa, entre outras, como a consolidação da paz e da reconciliação nacional.

Por tudo isto, merece uma verdadeira honra e reconhecimento de todos os Guineenses. Mas, para que esta estimável contribuição (obra) seja verdadeiramente reconhecida e se torne um dos caminhos ou valores fundamentais para o progresso contínuo do país, é necessário que seja conhecida por todos, sobretudo pelas novas gerações. Esta é uma das razões que, verdadeiramente, nos motiva a debruçar sobre a questão, na mesma linha do trabalho teológico, seguindo os passos dos que nos precederam. Por outras palavras, queremos, a partir deste trabalho teológico, no contexto da moral social, mostrar como é que a ação e a vontade (desígnio) divinas se concretizaram numa realidade e numa cultura concreta, através dos gestos e ações concretas de um missionário, de um pastor

simples e humilde. Queremos, igualmente, através deste trabalho, perpetuar, de forma significativa, a grandiosa obra e a contribuição preciosa de D. Settimio Arturo Ferrazzetta, na verdadeira construção e desenvolvimento da Guiné-Bissau. Este trabalho enquadra-se também na comemoração dos quarenta (40) anos da elevação da Igreja da Guiné à dignidade de Diocese, após vários anos de missão e progresso de autonomização.

Tendo em conta tudo o que foi referido e a importância do tema que queremos tratar neste trabalho, com o objetivo de contribuir não somente para o verdadeiro conhecimento do valor da ação e do papel de D. Settimio no processo de desenvolvimento do país, mas também para a consciencialização de todos os Guineenses, sobretudo da nova geração, sobre a necessidade de encarnar nas suas vidas o espírito de justiça, de paz e reconciliação, de solidariedade, de amor ao próximo e da distribuição justa e honesta dos bens comuns, os valores fundamentais para uma sincera organização, coesão e equilíbrio social. Esta reflexão irá ser repartida ou subdividida, para melhor percepção, em três capítulos, para além da introdução e da conclusão.

No primeiro capítulo, iremos abordar a questão histórica da Guiné-Bissau, a sua localização, inclusive alguns fatores essenciais e universais, como: a democracia, a justiça social e a paz, que têm dificuldade em serem assumidas autenticamente e com rigor pelas entidades e as estruturas políticas, o que gera, necessariamente, a instabilidade política e social permanente no país, impedindo, assim, o verdadeiro progresso ou desenvolvimento humano, social e cultural. E não só, mas também induz o povo ou a maioria dos cidadãos às condições lamentáveis da pobreza. A Igreja tentou introduzir-se nestas situações, dando o seu apoio e contribuição para o progresso de todos: razão pela qual iremos, igualmente, neste mesmo capítulo, abordar a questão histórica da Igreja da Guiné antes da independência, porque não podemos fazer um trabalho verdadeiramente teológico sobre uma realidade de um determinado contexto, sem uma prévia contextualização.

Isso permitir-nos-á abordar e analisar, no segundo capítulo, a questão da experiência familiar e missionária de D. Settimio, para melhor compreender a sua inestimável dedicação e empenho, durante toda a sua vida como missionário e pastor (bispo) na Guiné-Bissau, a exemplo de Jesus e de São Francisco de Assis, no processo de desenvolvimento do país, como já referimos. Este ponto é fundamental, porque permite compreender melhor

tudo o que sucedeu até à sua morte. A fixação do seu olhar e a orientação da sua ação pastoral, como padre de Cumura e, depois, como bispo no campo ou dimensão social. E, enfim, no terceiro capítulo, analisaremos, em forma de conclusão, o ponto mais alto da sua ação ou contribuição para o progresso do país, que é a pacificação e a procura incessante da consolidação da paz e reconciliação nacional, durante o conflito armado de 1998, que culminou com a sua morte e sepultura. Período em que, como pastor que conhece as suas ovelhas e por elas dá sua vida, D. Settimio deu a sua vida para o bem de todo o povo Guineense, sem distinção de classe nem de religião.

## Capítulo I

### **Guiné-Bissau: um país de missão para D. Settimio Arturo Ferrazzetta**

Não podemos realizar um trabalho teológico sobre uma situação concreta, sem conhecer previamente e profundamente o contexto em que se desenvolveu: a realidade geográfica, histórica, cultural e vivencial deste povo, porque é a primeira dimensão ou lugar da nossa reflexão teológica. Ela permite-nos compreender melhor os vários acontecimentos que se sucederam ao longo dos tempos. É por isso que queremos, neste primeiro capítulo, fazer uma breve abordagem contextual da realidade sociopolítica e eclesial da Guiné-Bissau, em que D. Settimio, primeiro Bispo da diocese de Bissau, deu a sua contribuição significativa e irrefutável, em vista do desenvolvimento integral e promoção da dignidade do homem guineense, a todos os níveis.

#### **1.1 Apresentação histórica do País**

A República da Guiné-Bissau, (Guiné Portuguesa) como era denominada, é um pequeno país situado na Costa Ocidental da África, entre a República do Senegal (Norte e Este), a República de Guiné Conakry (Sul e Leste) e Oceano Atlântico (Nordeste e Oeste, com a superfície total de 36 125 Km<sup>2</sup>. E conta aproximadamente com 1. 816 000 habitantes (2016). A sua população é composta por 32 grupos étnicos bem organizados nas suas culturas e nas suas tradições, com idiomas, costumes e crenças religiosas próprios. Entre eles, os mais significativos, numericamente, são: Balantas, Fulas, Manjacos, Pepéis, Bijagós, Mandingas, Felupes (Djola), Mancanhas, Brames, Baiotes e Nalus<sup>1</sup>, espalhados por todo o país que é administrativamente repartido em oito regiões, um sector autónomo (Bissau) e 37 sectores. O território é constituído por uma parte continental e uma parte insular que comporta o arquipélago dos Bijagós. E é um país plano com ligeiras elevações no nordeste e leste, com altura de cem (100) a duzentos (200) metros<sup>2</sup>. As principais fontes

---

<sup>1</sup> Cf. F. LONGO, *Os frades menores de Veneza na Guiné-Bissau anos de história para recordar (1955-2005)*, Padova editora, Itália, 2009, p 17.

<sup>2</sup> Cf. H. M. O. CÁ, *O papel da Igreja católica no processo da implementação da democracia na Guiné Bissau*, Seminário maior interdiocesano “D. Settimio Arturo Ferrazzetta” Bissau, 2016, p 29

de rendimento ou da economia do país são: a agricultura, a pesca, a exploração da madeira, castanha de cajo e vários produtos, como amendoim e arroz. O clima predominante no país é o clima tropical e húmido, de duas estações: estação seca e estação das chuvas. Quase 85% da população vive da agricultura e da pesca. O país possui grandes potencialidades e recursos naturais, como: petróleo, fósforo e muitas outras riquezas ainda não exploradas, apesar da situação de pobreza que se vive nesta terra e que a classifica como um dos países mais pobres do mundo. Segundo a história, este território fazia parte do reino de Gabu, ao qual pertencia igualmente o atual Casamança, o reino a que pertencia o império de Mali, do qual se tornou independente, no século XV<sup>3</sup>.

A sua designação como “Guiné” deriva, segundo os dados históricos, da povoação Gená, Genua, Ghenea (Jenné, Jeni ou Geni), fundada em 1400, nas margens do Níger<sup>4</sup>. A presença portuguesa no território data do século XV (em 1446), através da chegada dos primeiros navegadores que estabeleceram pontos de escala para os navios em direção à Índia. E, mais tarde, em 1912-1915, através da conquista forçada e violenta, dirigida pelo capitão Teixeira Pinto que incendiava as aldeias, o reino português conseguiu impor a sua soberania sobre alguns grupos étnicos, como: Balantas, Manjacos e Pepéis e, quinze anos depois, os Bijagós e os Felupes (1935-1936). Em 1951 tornou-se província ultramarina, uma parte integrante do território português, institucionalmente. Mas a situação da discriminação, acentuada pela crise económica, suscitou no povo, não somente o espírito de revolta, mas também o aparecimento dos primeiros movimentos independentistas pacíficos que, em 1962, se transformaram nos movimentos combativos de libertação: “Partido Africano para a independência da Guiné e Cabo-Verde, PAIGC, fundado por Amílcar Cabral, em 1956”<sup>5</sup>. O movimento que conduziu à luta de libertação, neste mesmo ano, (1962) até 24 de setembro de 1973, ano da proclamação unilateral da independência e reconhecida oficialmente, em 1974, sendo, assim, uma das lutas mais longas da história Africana das independências, situação que deixou marcas profundas nos corações e nas consciências de vários Guineenses e que continua a ter um grande impacto no campo

---

<sup>3</sup> Cf. E. INDEQUE, *O papel da Igreja no processo da reconciliação sociopolítica na Guiné Bissau*, seminário maior interdiocesano “D. Settimio Arturo Ferrazzetta”, Bissau, 2016, p 6.

<sup>4</sup> Cf. H. M. O. CÁ, *O papel da Igreja católica no processo da implementação da democracia na Guiné Bissau*, Seminário maior interdiocesano “D. Settimio Arturo Ferrazzetta” p 28.

<sup>5</sup> Cf. F. LONGO, *Os frades menores de Veneza na Guiné-Bissau anos de história para recordar (1955-2005)*, p 20.

político e social, mantendo o país numa situação de conflitos e instabilidade permanente. E, como afirmou o D. Settimio na sua mensagem dirigida ao Papa João Paulo II, por ocasião da sua visita à Guiné Bissau, o povo Guineense é naturalmente pacífico e trabalhador, mas a situação de instabilidade, de pobreza e de insegurança transformaram a atitude do povo, dando-lhe a característica de um povo violento, mas, na realidade, é um povo pacífico.

## **1.2. A realidade político-social da Guiné, após a independência**

Após a independência, todos os guineenses esperavam viver, verdadeiramente, num ambiente de paz, de tranquilidade, de coesão e de equilíbrio social; num ambiente favorável e de segurança. Mas esta profunda esperança transformou-se numa total desilusão, devido à falta de coerência das entidades políticas e à instabilidade política permanente. Isso por causa da má aplicação dos valores fundamentais para o desenvolvimento, como: a democracia, a justiça social e a paz, desencadeando, assim, uma situação de extrema pobreza em que vivem muitos guineenses.

### **1.2.1. O processo de democratização do país**

A criação de um Estado democrático, com estatuto de Estado-Nação, aberto à modernidade, uma república soberana e democrática, e a consolidação da unidade entre Guiné e Cabo-Verde, foram, desde os primeiros momentos da independência, alguns dos objetivos principais do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), a fim de garantir uma libertação nacional mais alargada e duradoura. Um desenvolvimento progressivo e certo a nível político e jurídico (art 3º)<sup>6</sup>. Estes objetivos foram configurados na primeira constituição de 24 de setembro de 1973 (Boé), que era relativamente curta, com 58 artigos repartidos em quatro capítulos, entre os quais: *dos fundamentos e objetivos* (arts. 1º - 10º); *dos direitos, liberdades e deveres fundamentais* (arts. 11º-22º); *da organização do poder político* (arts. 23º- 56) e, enfim, *da revisão*

---

<sup>6</sup> Cf. A. E. D. SILVA, *Invenção e construção, da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, Gráfico de Coimbra, LDA, Coimbra, 2010, p 185.

*Constitucional*. Esta constituição foi marcada, apesar da sua originalidade, pelo sistema da união soviética. Os seus princípios político-constitucionais, como: o princípio da hegemonia e o princípio da democracia nacional revolucionária, tinham como base o constitucionalismo soviético<sup>7</sup>. E os órgãos do poder eram a Assembleia Nacional Popular (ANP), o Conselho de Estado (CE), o Conselho dos Comissários de Estado (CCE) e conselhos regionais. O congresso elegeu, igualmente, através da votação, o sucessor de Amílcar Cabral, que foi Aristides Pereira, e Luís Cabral como adjunto do PAIGC. E mais, Luís Cabral foi eleito presidente da nova República implantando, assim, o sistema do partido único, que foi renovado no terceiro congresso de 1977, com o pretexto de poder concretizar o conteúdo ideológico da luta<sup>8</sup>. Este sistema vigorou durante duas legislaturas: de 1973 a 1976 e de 1977 a 1980, com dois objetivos fundamentais: a autossuficiência alimentar e o equilíbrio do orçamento. O que permitiu realizar, na primeira legislatura, as eleições para os conselhos regionais que elegeram os deputados.<sup>9</sup> Mas isso acabou por fracassar, devido a várias situações: as lutas e conflitos internos, a multiplicação das medidas de repressão, sinais de corrupção e de ostentação, derivadas da incompetência técnica do partido, a crescente centralização e arbitrariedade do poder que induzia, progressivamente, o espírito de tolerância face aos erros, a negligência no trabalho e, além da improvisação como método de trabalho (...) o pragmatismo excessivo e, ainda, a atitude tecnocrática e o burocratismo, erigidos em sistema de governo<sup>10</sup>. Esta situação permitiu o nascimento de dois grupos: um, liderado por Luís Cabral e outro, liderado por Nino Vieira das forças armadas, mas também a desconfiança entre os chefes que levou ao golpe do Estado, de 14 de novembro de 1981, impedindo, assim, a execução da nova constituição da República, aprovada, em 1980, pela Assembleia Nacional Popular e a consolidação da unidade entre Guiné e Cabo Verde. Uma rotura total entre os dois países foram as causas fundamentais que desencadearam este acontecimento, segundo alguns dados históricos: a

---

<sup>7</sup>Cf. A. E. D. SILVA, *Invenção e construção da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 185.

<sup>8</sup> Cf. A. E. D. SILVA, *Invenção e construção da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 190.

<sup>9</sup> Cf. A. E. D. SILVA, *Invenção e construção, da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 186-187.

<sup>10</sup> Cf. A. E. D. SILVA, *Invenção e construção da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 191, (Cf. Aristides Pereira, *vencer a batalhada ideologia*, Bissau, PAIGC, 1980, p 26-28).

unidade entre Guiné e Cabo-Verde e a distribuição do poder que favorecia Luís Cabral e enfraquecia Nino Vieira, representante da Ala guineense do partido<sup>11</sup>.

O Movimento que organizou este acontecimento apresentava-se como movimento reajustador, liderado pelo conselho da revolução, «órgão predominantemente militar que, no entanto, manteve as estruturas partidárias e não defendeu a alternativa política e ideológica, limitando-se, de imediato, a um genérico propósito de reajustamento que, considerando que nascera como órgão máximo para orientar os destinos do Estado e da Nação, não cumpriu e surgiu o conselho da revolução (CR)<sup>12</sup>», que lançou uma nova lei constitucional nº 1/80, de quinze de novembro, que destituiu o presidente do conselho do Estado Luís Cabral (art. 1.º), dissolveu a Assembleia Nacional Popular e o próprio Conselho de Estado (art. 2.º), suprimiu igualmente o Conselho dos Comissários do Estado (art. 3.º) e todos os poderes e responsabilidades, assumidas anteriormente pelos diferentes órgãos destituídos foram centralizados e assumidos pelo novo conselho, constituído ou composto por nove membros permanentes, entre os quais sete militares, designados pelo movimento reajustador e quatro principais colaboradores, escolhidos pelo próprio conselho da revolução. Assim, criou-se um governo de gestão ou governo provisório, mantendo igualmente o sistema do partido único, liderado maioritariamente pela força armada que funcionava com tríplice forma de centralização de poder: no seio do Partido (PAIGC), no conselho das forças armadas e no presidente do conselho da revolução, na pessoa de Nino Vieira<sup>13</sup>. Esta atitude desencadeou revoltas, contestações e tentativas de golpes de Estado com consequências ainda mais graves, como: exoneração de alguns representantes do governo dos seus cargos, as suas expulsões do partido e o exílio, apesar da modificação significativa da constituição, em 1984<sup>14</sup>.

«Em 1985, numa situação de generalizada insatisfação dos militares e de crescente influência dos serviços de segurança, foram detidos e interrogados de modo desumano, por eventual participação numa tentativa de golpe de Estado, cerca de quarenta civis e militares,

---

<sup>11</sup> Cf. A. E. D. SILVA, *Invenção e construção, da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 193.

<sup>12</sup> A. E. D. SILVA, *Invenção e construção da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 195.

<sup>13</sup> Cf. A. E. D. SILVA, *Invenção e construção da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 196.

<sup>14</sup> Cf. A. E. D. SILVA, *Invenção e construção da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 198- 199.

a maioria de etnia balanta. Este caso, em 17 de outubro, além de dezenas de condenações a prisão e trabalhos forçados, culminaria tragicamente com o fuzilamento, em julho de 1986, de seis acusados, entre eles, Paulo Correia e Viriato Pã<sup>15</sup>».

Esta situação suscitou, igualmente, várias reações externas e reivindicações internas que exigiam uma transição para a democracia representativa e pluralista, a fim de pôr fim ao sistema ditatorial em vigor<sup>16</sup>, levando, assim, a terceira reunião do comité central do PAIGC a aprovar, em 1990, vários documentos, inclusive o programa da transição política, com objetivos básicos, como: «uma revisão constitucional que instaurasse a separação de poderes, o pluripartidarismo, a eleição direta do presidente da República e a liberdade de imprensa e sindical<sup>17</sup>». O programa foi modificado em 1991, no segundo congresso extraordinário do PAIGC, ao mesmo tempo que a constituição de 1984, com a criação do governo de transição, tendo como primeiro ministro Carlos Correia. Isso foi um grande passo para a mudança do sistema político Guineense, concretizado através da lei Constitucional n.º 1/93 de 25 de 1992, que permitiu criar a comissão multipartidária de transição, encarregada de preparar a continuação da revisão constitucional e regulação do processo eleitoral. Introduziu, igualmente, profundas alterações em relação aos direitos fundamentais e à organização do poder político, transformando radicalmente o sistema de governo e o regime político<sup>18</sup>.

A profunda revisão constitucional efetuada pela comissão multipartidária da transição deu, como primeiro resultado, o nascimento de três partidos: A frente Democrática (FD), liderada por Canjura Injai, a frente Democrática Social (FDS), liderada por Rafael Barbosa e o Partido da Convergência Democrática (PCD), liderado por Victor Mandiga<sup>19</sup>, o que fez, deste ano, o ano da democratização do sistema político da Guiné Bissau. Três anos mais tarde, foram reconhecidos legalmente onze partidos e a realização das primeiras eleições democráticas multipartidárias, em junho de 1994, que terminaram

---

<sup>15</sup> A. E. D. SILVA, *Invenção e construção da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 201.

<sup>16</sup> Cf. A. E. D. SILVA, *Invenção e construção da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 202.

<sup>17</sup> A. E. D. SILVA, *Invenção e construção da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 203.

<sup>18</sup> Cf. A. E. D. SILVA, *Invenção e construção da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 205.

<sup>19</sup> Cf. H. M. O. CÁ, *O papel da Igreja católica no processo da implementação da democracia na Guiné Bissau* p 35.

sem constrangimentos nem violências. Mas, apesar desta abertura, o sistema político da Guiné continuou e continua ainda debilitado, fruto duma gerência do poder, baseada nos interesses pessoais ou individuais e ao sistema ditatorial de alguns regimes. E, como afirma José Manuel Sérvulo Correia, no prefácio da obra “Invenção e Construção da Guiné Bissau”, da autoria de António E. Duarte Silva:

«Bissau devorou os valores da luta de libertação nacional, ou... o PAIGC ainda sobrevive como sigla. Tudo aquilo por que lutou e chegou a alcançar-libertação nacional, paz, progresso, independência, melhoria das condições de vida, unidade Guiné-Cabo Verde, um estado, uma constituição- falhou, está em ruínas, desapareceu. Se a libertação viera do campo, a cidade tudo devorou, ou, ainda “... enquanto o mito de Che Guevara cresceu após a morte- o sonho e a obra de Amílcar Cabral têm tido “várias mortes póstumas”<sup>20</sup>».

## **1.2. 2: A situação da Justiça na Guiné Bissau**

A justiça social é um valor fundamental e incontornável para a coesão, o equilíbrio e a segurança humana de qualquer sociedade. A sua ausência pode gerar, necessariamente, as injustiças, as desigualdades, a crueldade total e a ditadura, porque não há um sistema que regule os comportamentos humanos inaceitáveis e que geram desordens e violências, etc. Esta é uma das razões pelas quais foi necessário criar sistemas jurídicos que possam garantir equilíbrio nas relações humanas, mas, muitas vezes, não desempenham verdadeiramente as suas funções, permitindo, assim, o crescimento excessivo de injustiças, de desigualdades e de exploração humana, como o caso da Guiné Bissau, em que o sistema jurídico funciona segundo os desejos e interesses dos mais fortes: os ricos, os políticos, os representantes das estruturas e instituições. E as consequências são, muitas vezes, alarmantes, como conflitos e instabilidades, que impedem o desenvolvimento integral do homem, a promoção da dignidade da pessoa humana e uma autêntica paz. É por isso que é necessário que o sistema jurídico se liberte do jugo dos mais fortes e poderosos, a fim de poder desempenhar verdadeira e autenticamente a sua função reguladora e garantir uma profunda coesão e equilíbrio social. Ele é um elemento incontornável para a ordem social

---

<sup>20</sup> A. E. D. SILVA, *Invenção e construção da Guiné-Bissau, Administração colonial, nacionalismo constitucionalismo*, p 7.

de muitos povos, sobretudo o povo Guineense que, desde muitas décadas da sua história, é privado da verdadeira e autêntica justiça social, que deveria garantir a segurança e a boa relação entre os homens, sem distinção de raça e de classe, mas, infelizmente, tornou-se instrumento de opressão dos mais fracos, dos marginalizados e dos pobres que, muitas vezes, não têm acesso a esses serviços ou os seus processos são simplesmente sufocados, dando vantagens aos mais poderosos.

Esta situação lamentável de disfuncionamento total do sistema jurídico Guineense tem, como causas fundamentais: a falta de recursos financeiros; a falta de formação qualificada de muitos juizes no domínio do direito, a situação miserável do salário dos juizes; a falta de parcialidade no tratamento dos processos; o conflito de competências entre os tribunais regionais e sectoriais e a polícia de ordem pública, substituto da polícia judiciária, que, por falta de meios, não tem representação fora da capital; a falta de clareza na administração penitenciária que, teoricamente, está sob a tutela do ministério da justiça, mas, na realidade, é gerida pelo ministério do interior, com duas grandes prisões - Mansoa e Bafatá; a falta de confiança nas autoridades; a falta de colaboração entre as diferentes instituições ligadas à própria justiça e, sobretudo, à interferência da força armada nos assuntos políticos<sup>21</sup>. E, como afirma Guerreiro, Sara e outros, esses fatores debilitam não somente o funcionamento do sistema jurídico, mas comprometem também a sua qualidade.

«a falta de estrutura compromete a qualidade do trabalho, sendo que o que é realizado decorre apenas do abnegado comprometimento dos profissionais que laboram no sector da Justiça. Impede, também, um registo e tratamento de dados importantes para o planeamento das políticas públicas e acompanhamento fiel da produtividade do setor. A falta de números fiáveis impede a constatação precisa das questões ligadas à celebridade processual e do numero de processos pendentes<sup>22</sup>».

Esta situação dramática do sistema jurídico Guineense é a realidade concreta e atual do funcionamento da justiça, apesar da mudança efetuada na revisão da constituição de 1993, que afirmou, nos artigos 120.º e 121.º, a independência do poder judicial e dos respetivos juizes, considerando igualmente, no artigo 59.º, que os órgãos soberanos são: o

---

<sup>21</sup> E. INDEQUE, *O papel da Igreja no processo da reconciliação sociopolítica na Guiné Bissau*, p 11.

<sup>22</sup> A. F. SANTOS (... et al), *A justiça num estado frágil: o exemplo da Guiné-Bissau*, p 18 (Cf. Guerreiro, Sara et al 2011).

Presidente da República, a Assembleia Nacional Popular, o Governo e os tribunais, e que a organização do poder político devia basear-se na separação e na independência dos órgãos de soberania e na subordinação de todos eles à Lei fundamental. A revisão afirmou, igualmente, no artigo 119.º da mesma constituição, que os tribunais são órgãos de soberania com competência para administrar a Justiça em nome do Povo<sup>23</sup>.

Por outras palavras, a ausência da verdadeira e autêntica justiça, nesta terra, deu lugar ao elevado crescimento da impunidade, do nepotismo, do desvio de fundos públicos, de abusos de poder, de assassinatos, de crimes, de golpes de Estado, de assaltos armados e de todas as formas de violências físicas e morais, que são as causas fundamentais da instabilidade político-social permanente e das sucessivas convulsões que, muitas vezes, culminaram com o derramamento do sangue de vários inocentes, carência interminável da paz no país e a extrema pobreza que desumaniza a sociedade. Por esta razão, é necessário, com o empenho de todos, que o sistema jurídico assuma, verdadeiramente, as suas responsabilidades, para poder garantir uma autêntica ordem, equilíbrio e coesão social, promovendo o desenvolvimento integral do homem e a dignidade da pessoa humana.

### **1.2.3. A situação da Paz e Reconciliação na Guiné-Bissau**

A verdadeira e autêntica paz é um valor fundamental para a vida humana, para o desenvolvimento integral do homem e a promoção da dignidade da pessoa humana, porque, sem ela, é impossível pensar e sonhar no progresso humano e de todo o país. Ela é um dos fatores invioláveis e inalienáveis, porque designa o bem-estar da existência quotidiana, o estado do homem que vive em harmonia com a natureza, consigo próprio e com Deus. Ela é, no concreto, a bênção, o repouso, a glória, a riqueza, a salvação e a vida<sup>24</sup>. Logo, é a plenitude da vida e da existência humana.

O povo Guineense, mais que nunca, precisa deste bem (paz) precioso, para poder avançar e seguir o caminho de desenvolvimento autêntico de todos sem exceção, mas, para

---

<sup>23</sup> Cf. A. F. SANTOS (... et al), *A justiça num estado frágil: o exemplo da Guiné-Bissau*, WP 137/2015, p 13, [https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/index.php/files/Doc\\_trabalho/WP 137](https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/index.php/files/Doc_trabalho/WP_137), (consultado 28/07/2017 as 15 24m).

<sup>24</sup> S. VOIGT, *Vocabulário de teologia Bíblica*, 4ª ed, Vozes LTDA Petrópolis editora, brasil, 1987, p 730.

atingir este objetivo, é necessário que a democracia e a justiça social sejam assumidas, verdadeiramente, por todos e, particularmente, pelas entidades políticas com honestidade e responsabilidade, porque se não for por este caminho ou por esta via, é difícil falar da verdadeira organização social, da consolidação da paz, da proteção dos interesses comuns, do combate às ideologias e aos comportamentos inaceitáveis que desencadeiam permanentemente a instabilidade e a violência no território, do combate à influência de narcotraficantes e aos conflitos de interesses entre as instituições internacionais presentes no país. Estes são os fatores que perpetuam a ausência da paz e harmonia da sociedade guineense, porque continuam a deixar traços e feridas que não facilitam a autêntica reconciliação e a própria unidade nacional. Não permitem desenvolver o espírito de paz, de perdão, de amor ao próximo, de diálogo, de solidariedade, e de erradicar o espírito de vingança que se transmitiu de geração em geração, criando no seio da sociedade um ambiente de violência. É necessário, igualmente, desenvolver o espírito de diálogo, sobretudo na questão da resolução dos conflitos ou problemas internos, porque o diálogo é um dos elementos essenciais na resolução dos problemas e várias situações que podem desaguar na violência. O diálogo é, igualmente, uma das bases viáveis da reconciliação. Sem ele não podemos falar da reconciliação autêntica, numa sociedade como a sociedade Guineense. É um dos elementos fundamentais da reconciliação, entendido como a vontade de prestar ouvidos aos outros e aceitar ou reconhecer o valor das suas opiniões diferentes das nossas.

A outra condição fundamental para a consolidação da paz na Guiné Bissau é a política de reparação dos danos infligidos, que é, igualmente, a tarefa e o dever da própria justiça. Ela é, de uma certa forma, o gesto de reconhecimento dos erros cometidos em relação ao outro e a vontade de repará-los, através do perdão. Isso significa, igualmente, reconhecer o outro como pessoa humana que tem os seus direitos e a dignidade inviolável. É por isso que é necessário e fundamental valorizar, neste processo de consolidação de paz na Guiné, a política de reparação, porque favorece uma verdadeira recuperação psicológica das pessoas afetadas profundamente pela destruição, infligida pela violência e pelas guerras. Essa reparação dos danos produzidos nas consciências dos vários Guineenses pode ser feita através do gesto de desagravo público, por parte da sociedade e do Estado, para com as vítimas, como: museus, monumentos, praças, publicações, para os que morreram;

para os vivos, a reparação da saúde física e mental e várias formas de considerar e reconhecer as vítimas das situações violentas e desumanas<sup>25</sup>.

Os diferentes caminhos, propostos neste ponto, são muito importantes para a consolidação da paz na Guiné Bissau, mesmo que não sejam caminhos absolutos, mas devem ser entendidos como vias da reconstrução do pacto social e político e, isso exige, obrigatoriamente, o empenho do governo e da sociedade inteira porque, para além dos diferentes fatores e elementos acima citados, é necessário, igualmente, o respeito do estado de direito e uma profunda e sincera reforma no sector da segurança e da defesa. E isto só se consegue quando todas as partes colaboram e agem em conjunto, num espírito construtivo que permite resolver, definitivamente, os vários conflitos armados e as violências internas que abalam o país, há vários anos, e debilitam, profundamente, o processo da consolidação da paz, induzindo, ao mesmo tempo, a maioria da população na situação de extrema pobreza. Isto porque a Guiné Bissau transformou-se num país sem leis nem regras, onde os mais fortes e poderosos ditam as suas leis, que oprimem, marginalizam e ferem a dignidade da pessoa humana, sobretudo os mais fracos e pobres. O país onde reina a corrupção e o espírito de concorrência, desencadeia uma onda de desconfiança permanente entre os atores políticos, impedindo qualquer tentativa de diálogo e de reconciliação nacional; o país onde o princípio do destino universal dos bens, no qual se apoia a doutrina social da Igreja, não é tido em conta para muitos que ignoram que todos têm o direito de usufruir dos bens comuns, substituindo o princípio de solidariedade e de amor ao próximo pelo princípio individualista, egoísta e conforto pessoal, é um país destinado ao total fracasso.

### **1.3. A Igreja da Guiné antes da independência**

Segundo os relatos históricos, os primeiros contactos do cristianismo com o povo da província da Guiné ou rios da Guiné, que cobria uma boa parte da costa Ocidental de África, desde Cabo Não até Serra-Leoa, data dos meados do século XV (1470), com a chegada dos franciscanos Espanhóis e portugueses, entre os quais frei Afonso de Bolanho,

---

<sup>25</sup> Cf. E. INDEQUE, *O papel da Igreja no processo da reconciliação sociopolítica na Guiné Bissau*, p 25.

superior do grupo<sup>26</sup> e «dos seus 16 companheiros, 12 das províncias de Espanha e 4 da província de Portugal<sup>27</sup>». Mas, devido a várias situações climáticas e relacionais, a primeira tentativa missionária acabou por fracassar. Entre essas situações temos:

«o mortífero clima da zona Guineense, que exigia cuidados ignorados dos primeiros europeus que tentaram fixar-se naquelas paragens; o isolamento em que viviam os missionários, faltos de viveres, de recursos de toda a espécie e em terrenos pobres; o islamismo, que procurava dificultar a nossa primeira penetração política, comercial e, sobretudo, religiosa; a antipatia e até a hostilidade do indígena para com o europeu, em razão da escravatura incipiente efetuada pelos brancos e a dificuldade de penetrar nas terras do selvagem e inóspito indígena feiticista, que se manteve hostil, em geral, até nossos dias<sup>28</sup>».

A situação dos rios da Guiné permanecerá até à criação da diocese do Funchal (Sé metrópole), pela bula *Pro excellenti*, de Lião X, de 12 de junho de 1514, que incluía também as ilhas Terceiras (Açores), Cabo-Verde e Guiné, São Tomé (Costa da Mina e Congo) e Goa. E, mais tarde, com a criação da diocese da Guiné (rios de Guiné) e Cabo-Verde, pela Bula *Pro Excellenti*, de 31 de janeiro de 1533, com a sede em S. Tiago, e que se estendia desde o rio Gambia até a Cabo de Palmas e rio de Santo André<sup>29</sup>. Mas, apesar da criação dessas dioceses, segundo alguns historiadores, o território dos rios da Guiné e, sobretudo, da atual Guiné-Bissau, permaneceu esquecido no que diz respeito ao campo espiritual e à presença efetiva dos padres missionários. Foram os leigos que tentaram anunciar o evangelho, quanto podiam, e esperavam as visitas ocasionais dos clérigos residentes em Cabo-Verde para a realização dos sacramentos, sobretudo do batismo<sup>30</sup>. Esta situação gerou muitas superstições ou apostasias, não somente da parte dos novos cristãos, mas também, da parte de alguns portugueses residentes no território. «Mais de dois séculos, a missionação da Costa da Guiné não foi a preocupação da Igreja católica. Os proventos

---

<sup>26</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, franciscana editora, Montreal Braga, 1982, p 44.

<sup>27</sup> J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, Escola Tipográfica das missões Cucujães editora, 1997, p 5.

<sup>28</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 47.

<sup>29</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 48-49.

<sup>30</sup> Cf. J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 6-7.

eram poucos e a hostilidade do clima e dos nativos foram razões suficientes para o esquecimento a que toda aquela gente foi votada»<sup>31</sup>.

A missão dos padres visitantes prolongou-se até ao século XVII, quando 12 missionários da companhia de Jesus foram enviados para Cabo-Verde e rios da Guiné, com a orientação da residência ou fixação de oitos padres nos rios da Guiné “quatro em Cacheu e quatro em Serra-Leoa, com o objetivo de conversão do povo, da pregação e do ensino”, passando pelos rios de São Domingos e outras partes da costa da Guiné. Segundo alguns relatos históricos, a maior preocupação desses missionários jesuítas, centrada nas pequenas povoações da costa da Guiné, era a cristianização profunda e alargada dos povos deste território, porque apresentavam os sinais da possibilidade universal de doutrinação. Mas, para atingir estes objetivos, era necessária uma estratégia missionária autêntica, que podia facilitar não somente o contacto do cristianismo com o povo, mas sobretudo, a conversão do mesmo. Por esta razão, optaram pela via da conversão das elites locais e os seus familiares, a fim de que, a exemplo desses, o resto do povo se convertesse ao cristianismo. Baseando-se nesta ideia, o padre Barreiro começou a entrar em contacto com alguns reis locais de Bissau, em 1604, e de Guinela, em 1605, mas não conseguiu converter nenhum desses reis, devido às suas resistências em abandonar as suas práticas ancestrais, como a poligamia, e porque desconfiavam das verdadeiras intenções da conversão. E, por causa de várias outras situações, inclusive a mudança da trajetória dos missionários jesuítas, a relação entre a província portuguesa e o rei de Portugal começou a degradar-se progressivamente até à morte de Baltasar Barreira, de Manuel Álvares e o regresso a Portugal de outros jesuítas. Esta situação afetou a missão, apesar da sua permanência até 1642<sup>32</sup>. «A missão continuou, mas sem grande esplendor, quer pela falta de missionários, quer pela dificuldade que as populações locais tinham em abandonar a cultura ancestral<sup>33</sup>».

Depois de várias tentativas falhadas de implementação do cristianismo na província da Guiné ou rios da Guiné, o grande desejo do monarca português, D. João IV, da presença religiosa em Cabo-Verde e Guiné, através dos religiosos nacionais ou portugueses, acabou por se realizar ou concretizar, em 1657, depois da sua morte, em 1656, quando os

---

<sup>31</sup> Cf. J. D. VICENTE, (...et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 12.

<sup>32</sup> Cf. M. D. B. MANSO, *História da companhia de Jesus em Portugal*, Parsifal, Lisboa, 2016, p 186-187.

<sup>33</sup> Cf. M. D. B. MANSO, *História da companhia de Jesus em Portugal*, p 188.

franciscanos capuchos da província de Piedade, chamada igualmente província dos *capuchos*, no capítulo intermédio, celebrado em 29 de outubro de 1656, na cidade de Vila Viçosa, sob a presidência do provincial P. Frei Diogo de Lagos, decidiram aceitar o pedido do monarca português e enviar para as missões de Cabo-Verde e Guiné oito confrades ou religiosos que se ofereceram livremente: Frei António de Braga, Frei Domingos de Braga, Frei Luís de Chaves, Frei Manuel de Borba, Frei Sebastião de São Vicente da Beira, todos sacerdotes, Frei Costantino de Amarante, Frei Sebastião de Ourando, ambos leigos e, como prelado deste grupo missionário e da própria missão foi Frei Gonçalo de Vila Real, chamado igualmente Frei Boaventura<sup>34</sup>.

Esta primeira vaga dos missionários capuchinhos chegou às ilhas de Cabo-Verde, no dia 10 de janeiro de 1657, onde permaneceram todos espalhados em várias ilhas do território, o que significa que nenhum desses missionários prosseguiu para a terra firme da Guiné, e por isso foi necessário esperar a chegada de mais quatro religiosos, em 1658, entre os quais: Frei Paulo de Lordelo e Frei Manuel de Castelejo, para alargar a missão até à Guiné, enviando para lá Frei Paulo de Lordelo e Frei Sebastião de São Vicente da Beira<sup>35</sup>. Esta tentativa missionária dos Franciscanos Capuchinhos portugueses faz parte da experiência da dinamização das congregações religiosas para a obra missionária realizada pela Sagrada Congregação da Propaganda Fidei, criada em 1622, e que solicitou imediatamente à província franciscana dos capuchinhos da Normandia, pedindo-lhe missionários para a costa da Guiné. A província respondeu favoravelmente, enviando dois missionários padres: Aleixo Saint-Loe e Bernardino du Renouard, em forma de visitantes e exploradores do território, em 1634. E nessa viagem conseguiram batizar 44 pessoas, facto que foi transmitido ao conselho de Estado português, através do vigário de Cacheu, que escreveu ao seu bispo para dar conhecimento da situação e o mesmo bispo informou o próprio conselho. A reação negativa do mesmo conselho contra a presença dos missionários estrangeiros nos territórios ocupados pelo reino português não demorou a surgir. E para resolver a questão, o monarca decidiu pedir à província Franciscana Capuchinho da Piedade, missionários para a Costa Ocidental da África, neste mesmo período do século

---

<sup>34</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 145-146.

<sup>35</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 146-147.

XVII<sup>36</sup>. O pedido foi bem acolhido pela província, disponibilizando, como já referimos, oito dos seus membros para esta missão, mas somente dois, acima citados, conseguiram chegar aos rios da Guiné ou à terra firme da Guiné (Cacheu), onde se fixaram e realizaram uma obra evangelizadora muito significativa, que serviu de base para a evangelização propriamente dita e com regularidade, nos rios da Guiné e, de forma particular, à terra firme da Guiné, apesar da criação das duas dioceses. «A estes dois missionários se deve a honra de erguerem hospícios, pequenas capelas, um ou outro oratório em honra de Nossa Senhora da Piedade, Santo António e São Francisco; a eles se deve o anúncio do Evangelho aos Manjacos, Felupes, Papéis e Balantas; a eles se deve o batismo de alguns reis, régulos e muitos nativos; a eles se deve, enfim, a coragem de enfrentar o perigo da insalubridade do clima (...)»<sup>37</sup>.

Os dois pioneiros infatigáveis não se limitaram unicamente à manutenção das comunidades já existentes, mas criaram igualmente outras comunidades, dinamizando ao mesmo tempo a própria missão e as comunidades vivas. Percorreram quase todo o território até Serra-Leoa, conseguindo batizar, como já referimos, vários reis, entre os quais: o Rei de Banhuns, chamado Lampo, a quem deram o nome cristão de D. Afonso, o Rei de Cassangas, o Rei da Mata de Putama, o Rei de Bassarel e muitos dos principais do reino, o Rei de Jamo e muitos vassalos, mas, em Bissau, o Rei rejeitou o sacramento do batismo, apesar de os ter acolhido bem e permitir batizar os cristãos. Batizaram também o Rei Cachimpim Serra-Leoa e o Rei de Balula<sup>38</sup>. Permaneceram nesta missão dos rios da Guiné até à morte de Frei Sebastião, em 1664, que apesar da presença de dois novos padres e um leigo, Frei Paulo, desamparado da situação, decidiu regressar para Santiago e depois para Portugal. Assim terminou o trabalho incansável e a obra evangelizadora de dois pioneiros franciscanos capuchinhos da província de Piedade. E, antes de continuarmos a abordagem, queremos salientar, como se pode notar, que a forma de evangelização adotada pelos dois missionários era itinerante, tendo como ponto de fixação ou de partida a cidade de Cacheu, na atual Guiné-Bissau.

---

<sup>36</sup> Cf. J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 24-25.

<sup>37</sup> J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 34.

<sup>38</sup> Cf. J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 34-35.

A obra missionária dos dois foi verdadeiramente importante para a implantação progressiva do cristianismo no território da província da Guiné e, particularmente, na terra firme da Guiné, porque, apesar da morte de Frei Sebastião e do regresso a Portugal de Frei Paulo, a missão continuou com Frei André de Faro, Frei Salvador de Taveiro e o leigo Francisco de Braga, que chegaram a Cacheu, no dia 9 de março de 1663<sup>39</sup>, e tiveram oportunidade de serem introduzidos no ambiente pelos dois combatentes, pioneiros experimentados. Continuaram a obra com grande zelo e entusiasmo, através da catequese e administração dos sacramentos, dando alma às chamas da Fé que os primeiros missionários inculcaram nos corações desses povos, mas não por muito tempo, porque, por obediência, foram obrigados a retirar-se da Guiné<sup>40</sup>. Houve igualmente muitas dificuldades para alguns missionários que permaneceram nas terras da Guiné e acabaram por morrer.

Depois da passagem desses missionários, a missão dos rios da Guiné tornou-se uma realidade temporária porque, devido às situações climáticas mortíferas e à lenta conversão dos povos nativos, os missionários morriam prematuramente, como alguns missionários Franciscanos da Soledade, em 1680, ou permaneciam por pouco tempo, pois «pela Guiné a vida missionária continuava um pouco aos sobressaltos, mercê de circunstâncias muito complexas. Os religiosos capuchos, como portugueses, viviam muito intensamente os problemas políticos da nação<sup>41</sup>». Isso desencadeou um clima de insegurança nos rios da Guiné, causando, assim, a morte de muitos missionários. Esta situação não é somente por causa da situação climática, que era uma das causas fundamentais da complexidade da missão, mas também por causa da forte e violenta resistência dos nativos sobre o tráfico dos escravos que desvalorizava a pessoa humana, transformando-a em objeto de negócio, como afirmou D. João V, ao responder ao bispo D. José de Santa Maria de Jesus. E, nesta luta pela autodefesa dos nativos, os missionários foram também vítimas, apesar de se terem empenhado igualmente pela dignificação dos Africanos (na promoção da dignidade da pessoa humana), sobretudo no século XVIII. Com esta tensão e vários confrontos entre os nativos e homens europeus, sobretudo os religiosos, os frades franciscanos começaram a retirar-se progressivamente do território<sup>42</sup>. Mas, apesar desta situação, é necessário

---

<sup>39</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 154.

<sup>40</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 161.

<sup>41</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 197.

<sup>42</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 211.

reconhecer que houve nestes tempos um aumento significativo dos batizados, entre 600 e 700, no período de D. Frei Vitoriano do Porto, que acabou por morrer em 1705. Houve igualmente a conversão de alguns reis, como o Rei de Bissau Bicampolo C6, do qual surgiram dois filhos sacerdotes: um, Francisco da Costa e, outro, que morreu em Cabo-verde, depois da sua ordena760

Por outras palavras, podemos dizer que o s6culo XVII foi, para Cabo-Verde e rios da Guin6, um per6odo de expens6o do cristianismo nesses territ6rios, apesar de muitas perip6cias que dificultavam enormemente a obra mission6ria e a pr6pria convers6o dos povos nativos. As v6rias conjunturas clim6ticas e relacionais fizeram com que, nos meados do s6culo XVIII, com a seculariza76o e as ideias iluministas, o esp6rito mission6rio deixasse de motivar os novos sacerdotes. A evangeliza76o dos outros povos deixou de ser, para muitos, uma realidade priorit6ria, suscitando, assim, uma forte e progressiva decad6ncia da obra mission6ria, em v6rios cantos do mundo e, particularmente, em Cabo-Verde e os rios da Guin6:

«O s6c. XVII foi o s6culo da expens6o mission6ria, o mesmo n6o podemos dizer do s6culo XVIII. O esp6rito de miss6o deixou de motivar os jovens sacerdotes; mutos religiosos foram abalados no seu esp6rito de servi76o; a seculariza76o, as ideias iluministas, penetraram nos muros do claustro e fizeram Mossa. Partir para o territ6rio de negritas deixou de ter a prioridade nas intenc76es de evangeliza76o. Partir para batizar e administrar os outros sacramentos deixou de ser um servi76o priorit6rio<sup>43</sup>».

Esta decad6ncia progressiva da miss6o da Guin6 por motivo das perip6cias da vida, da seculariza76o e das ideias iluministas que diminu6am sucessivamente o zelo apost6lico dos novos mission6rios e a presen76a mission6ria nos rios da Guin6, at6 6 sua extinc76o completa nos primeiros vinte anos do s6culo XIX<sup>45</sup>, ficou profundamente marcada pelos acontecimentos dos finais do s6culo XVIII, quando o vig6rio de Cacheu come76ou a interessar-se mais com a vida dos comerciantes do que com a pr6pria miss6o ou zelo pela salva76o das almas. Muitos crist6os morreram sem assist6ncia e sem funerais religiosos<sup>46</sup>, o que n6o somente confirmou o fim da era religiosa, mas reavivou tamb6m a miss6o do clero

<sup>43</sup> Cf. J. D. VICENTE, (... et al), *Breve hist6ria da evangeliza76o da Guin6*, p 40-41.

<sup>44</sup> J. D. VICENTE, (... et al), *Breve hist6ria da evangeliza76o da Guin6*, p 44.

<sup>45</sup> Cf. H. P. REMA, *Hist6ria das miss6es cat6licas da Guin6*, p 262.

<sup>46</sup> Cf. J. D. VICENTE, (... et al), *Breve hist6ria da evangeliza76o da Guin6*, p 45.

secular que já existia teoricamente nestes territórios, desde o século XVI, durante a missão dos Jesuítas de 1605-1617 e durante a missão dos franciscanos de 1635-1834, quase dois séculos<sup>47</sup>. E durante este declínio, e quase 100 anos de 1834 -1932 da ausência dos missionários franciscanos no território até aos meados do século XX, esta missão do clero secular foi profundamente importante, no contexto da continuidade da obra evangelizadora realizada pelos religiosos, sobretudo os dois pioneiros acima citados. E, ao longo desses anos, tentaram reavivar a fé dos cristãos da província da Guiné, através das visitas temporárias e da permanência regular ou pela fixação em algumas cidades principais, como: Bissau, Cacheu, Geba, Farim, Ziguinchor e Bolama. E, para dar mais peso e valor a esta obra, foi necessário, no século XIX, criar, para além dos seminários de Portugal, os seminários de Sernache de Bonjardim, no território Cabo-verdiano, em 1856, e da arquidiocese de Goa, na Índia, para uma formação autêntica a nível intelectual e doutrinal. O que significa que os vários sacerdotes seculares que missionavam nos rios da Guiné, ao longo dos séculos, eram nativos de Portugal de Cabo-Verde, da Guiné e da Índia. Entre esses pioneiros seculares, as figuras mais relevantes que nasceram na atual Guiné-Bissau, são: Marcelino Marques de Barros (1844-1929) e Henrique Lopes Cardoso (1863-1914)<sup>48</sup>.

Este progresso missionário nos rios da Guiné, através da criação do seminário de Bonjardim, deve-se ao esforço e à personalidade de D. Patrício Xavier de Moura, bispo da diocese de Cabo-Verde e Guiné, nos meados do século XIX, e que abriu uma nova e próspera era para as missões desses territórios, através do lançamento das bases da reforma eclesiástica, dando, assim, os primeiros passos da independência progressiva das Igrejas da terra firme da Guiné, que se iniciou, como criação do Vicariato Geral de Guiné, em 23 de Maio de 1867, por D. José Luís Alves Feijó, tendo como primeiro vigário geral o Padre Joaquim Vicente Moniz, durante quase 6 anos. Em 27 de Dezembro de 1873, foi nomeado em seu lugar o padre Marcelino Marques de Barros, segundo vigário geral efetivo e nativo da Guiné-Bissau<sup>49</sup>, onde trabalhou como missionário incansável, desde 1866 a esta data da sua nomeação como vigário geral da Guiné, de 1873 a 1885<sup>50</sup>. E durante esses doze anos, como vigário geral da Guiné, tentou, através das suas atividades itinerantes, organizar a

---

<sup>47</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 254.

<sup>48</sup> Cf. J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 52-53.

<sup>49</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 299-305.

<sup>50</sup> Cf. J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 54.

missão, com vários projetos, como: «o projeto da organização das missões na Guiné, em 1880, o projeto de tabela dos direitos paroquiais, estatuto da irmandade e Confraria do Santíssimo Sacramento, notas para uma coreografia da Guiné, Vocabulário da língua Felupe (...), relatório das missões da Guiné e a Literatura dos negros<sup>51</sup>». Ele tentou, igualmente, organizar e dinamizar a missão, através das paróquias, entre as quais: a paróquia de Buba, a paróquia de Ziguinchor, a Paróquia de Geba, a Paróquia de Farim, a paróquia de Cacheu, a paróquia de Bissau, a paróquia de Bolama e Vicariato Geral.

No entanto, apesar da criação do vicariato geral, as dificuldades da missão nos rios da Guiné não cessavam de aumentar, devido à falta de sacerdotes e ao limitado número do clero secular. Para resolver o problema, a Santa Sé fez apelo aos missionários da ordem dos franciscanos da província Portuguesa, que já tinham missionado neste território, um século antes. O pedido encontrou uma grande resistência da parte da província em questão, mas, depois de uma longa discussão e reflexão, acabou por aceitar sem grande dificuldade o pedido da Santa Sé, que não cessava de insistir. Assim, em 1932, foi enviado um grupo de missionários que tinham como superior da missão o padre Pedro Araújo. O grupo era pequeno, o que causou necessariamente algumas dificuldades, porque eram os únicos missionários presentes no território, neste período, até à chegada das irmãs Franciscanas Hospitaleiras portuguesas, em 1933, e que vieram a ter, mais tarde, um papel muito relevante no campo social, em Bula, nos asilos (instituições de caridade) de Bôr e Bafatá, e no Hospital central de Bissau.

Por outras palavras, o regresso dos frades franciscanos, juntamente com as irmãs Franciscanas Hospitaleiras, foi o ponto de partida para uma nova era de evangelização e de implementação do cristianismo, de uma forma mais ativa e presente na província da Guiné, porque introduziram não somente uma nova dinâmica de evangelização que incluía o ensino e a ação social, mas tinham também a perspetiva de abrir a missão a outras congregações religiosas, com vista a uma nova organização missionária voltada ou envolvendo duas dimensões fundamentais: a evangelização e a promoção social (a promoção humana). Perspetiva que se realizou 14 anos depois, com a chegada de várias congregações, das quais teremos oportunidade de falar mais adiante. Neste mesmo período

---

<sup>51</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 308-309.

de 1933-1934, abriram alguns internatos femininos e masculinos, em Bula, Bôr e Bafatá<sup>52</sup>. Abriram igualmente, em 1937, uma enfermaria e tantas outras obras realizadas neste período. Este esforço missionário dos franciscanos e franciscanas hospitaleiras que, de uma certa forma, deu continuidade mais ativa e permitiu a criação da missão “*Sui júris*” da Guiné independente da diocese de Cabo-Verde, com a bula “*Sollemnibus conventionibus*”, de 4 de setembro de 1940, depois da assinatura da *Concordata* e o *Acordo Missionário*, no dia 7 de maio de 1940 entre Santa Sé e o governo português. A concordata tinha como objetivo a reorganização eclesiástica do Ultramar Português: «De facto, pela bula pontifícia *Sollemnibus conventionibus*, de 4 de setembro de 1940, o vicariato Geral da Guiné é transformado em “*Missão Sui júris*”, quer dizer, independente da diocese de Cabo-Verde<sup>53</sup>». E foi nomeado para esta nova missão da Guiné, como primeiro prefeito Apostólico, através do decreto de 20 de janeiro de 1941, o padre José Ribeiro de Magalhães, ex-missionário franciscano de Moçambique, que não demorou a chegar à Guiné, no dia 18 de outubro de 1941. Logo ao chegar, procurou conhecer melhor a situação da missão da Guiné, a fim de poder organizar a missão. Assim, de 11 a 19 de novembro, visitou as missões de «Bolama, Bissau, Bula, Có, Pelundo, Canchungo, Cacheu, Binar, Farim, Mansabá, Bafatá, Geba, Mansoa, Bissorã e Bôr, e visitou, igualmente, em 1942, a missão dos Felupes e Farim<sup>54</sup>». Depois desta breve visita, o prefeito Apostólico tentou organizar a circunscrição eclesiástica da Guiné, dividindo-a em paróquias e missões, mantendo as paróquias já existentes. E durante este período da missão sui júris, foram realizadas muitas obras, entre as quais o seminário indígena e a escola de professores, em 1942, o colégio católico de Bissau, em 1943. Atuaram também a nível sanitário, sobretudo no dispensário de Bôr e no Hospital Central de Bissau<sup>55</sup>.

Esta nova dinâmica missionária que vem desde o regresso dos franciscanos e a chegada das irmãs franciscanas hospitaleiras, permitiu, mais tarde, depois de um longo debate e diálogo entre o prefeito Apostólico José Ribeiro Magalhães e o governador Major Ricardo Vaz Monteiro, a entrega, em 1941, das escolas indígenas e rudimentares não oficiais de Cacheu, Bissorã, Mansoa, Gabu, Bambadicanca e Sonaco, às missões

---

<sup>52</sup> Cf. J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 70-71.

<sup>53</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 501.

<sup>54</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 507.

<sup>55</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 514-532.

católicas<sup>56</sup>, o que deu à Igreja a oportunidade de continuar a evangelizar através das escolas e da promoção humana, até à elevação da *missão sui júris*” da Guiné à categoria de *Prefeitura Apostólica*, através do decreto de 29 de Abril de 1955, da Sagrada Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários, assinado por Domenico Tardini, do Secretariado de Estado de Sua Santidade Pio XII. E outro decreto da mesma Sagrada Congregação, de 1 de Maio do mesmo ano, confirmou a D. Martinho da Silva Carvalhosa, franciscano português, como prefeito Apostólico, o poder que já exercia desde Outubro de 1953. Este gesto da Santa Sé veio, mais uma vez, coroar não somente o esforço missionário incansável dos últimos 15 anos, mas também o esforço de muitos missionários que lá passaram<sup>57</sup>. E, como já referimos anteriormente, a perspectiva dos missionários franciscanos de abrir a missão da Guiné às outras congregações, em vista não somente da evangelização, mas também da promoção social e humana, foi acolhida favoravelmente pelos diferentes prefeitos Apostólicos, pelo Ministro Geral da Ordem Franciscana (P. Schaf) e pela Sagrada Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários, que não cessavam de pressionar o governo Português, a fim de deixar entrar na Guiné outras congregações estrangeiras, disponíveis a enviar missionários para a Guiné. O que acabou por se realizar através da vinda das outras congregações, entre as quais: Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras P. I. M. E, que enviou 7 missionários e segundo João Dias Vicente e Manuel Pereira Gonçalves, na sua obra, *Breve história da evangelização da Guiné*, os setes missionários chegaram à Guiné, no dia 25 de maio de 1947<sup>58</sup>, mas segundo Henrique Pinto Rema, na sua obra *História das missões católicas da Guiné*, o instituto enviou para a Guiné cinco missionários dos quais chegaram três, no dia 20 de Março de 1955<sup>59</sup>. E, para além deste instituto, foram enviados igualmente três missionários da província franciscana de Veneza Verona (Itália), dos quais fazia parte, como superior do grupo, o futuro Bispo da Diocese de Bissau, padre Settimio Arturo Ferrazzetta, que chegaram à Guiné, dia 6 de Maio de 1955<sup>60</sup>.

A vinda dessas duas congregações e tantas outras que chegaram mais tarde foi muito benéfica para a continuidade da obra missionária voltada para a promoção social e a

---

<sup>56</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 539-541.

<sup>57</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 687.

<sup>58</sup> Cf. J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 71.

<sup>59</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 691.

<sup>60</sup> Cf. J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 71.

própria evangelização de forma mais ativa e eficaz. O esforço que foi, igualmente, coroado, em 1977, pela elevação da prefeitura Apostólica de Guiné à dignidade da Diocese de Bissau, com a nomeação para este cargo de D. Settimio Arturo Ferrazzetta, da província franciscana de Veneza Verona, Itália, dando, esta Igreja, um novo rumo missionário, centrado sobretudo na ação social (desenvolvimento integral do homem, a promoção humana e social e particularmente da dignidade da pessoa humana), iniciando esta nova era que veio até nós.

Em suma, analisando o percurso efetuado ao longo deste capítulo, podemos afirmar que a situação sociopolítica e eclesial do país foi, durante todos esses períodos, uma realidade extremamente desafiante, em que muitos homens e mulheres perderam as suas vidas. A nível político, infelizmente, a situação acima referida sobre a democracia, a justiça e a paz, continua frágil e débil, apesar dos esforços incansáveis de muitos homens de boa vontade e as estruturas (instituições) sociais, como a Igreja. Neste campo, há, ainda hoje, um enorme trabalho, sobretudo a nível da consciencialização das entidades políticas e os seus líderes. No contexto eclesial, houve um grande progresso a nível da organização e no empenho social (a promoção social). Esta situação deve-se à contribuição incansável de D. Settimio, de todos os seus colaboradores sacerdotes e fiéis leigos, como veremos no próximo capítulo.

## Capítulo II

### Um missionário para a Guiné: D. Settimio Arturo Ferrazzetta

A vida de cada ser humano, o seu comportamento, o seu agir e tudo o que realiza é, geralmente, determinada pelo meio social em que nasceu e se desenvolveu, porque a sua personalidade é modelada segundo a forma de pensar, de olhar e de interpretar as realidades desta sociedade. Para conhecer e compreender verdadeiramente qualquer pessoa e a sua atitude, é necessário conhecer o seu ambiente social. Esta é uma das razões pelas quais queremos, neste capítulo, abordar ou percorrer brevemente os traços significativos da vida de Dom Settimio, desde o primeiro momento da sua existência até à sua nomeação ao episcopado e, como primeiro bispo da diocese de Bissau. Esses traços permitir-nos-ão compreender melhor todo o seu empenho e dedicação no progresso ou no desenvolvimento da Guiné-Bissau, no qual o seu papel foi primordial.

#### 2.1. Os dados biográficos

Para além da realidade e do ambiente social, temos, igualmente, o ambiente familiar que é determinativo para a vida da pessoa, na sociedade. E, como afirma o papa João Paulo II, na sua encíclica “*Centesimus Annus*”, de 1991, a família é central e fundamental para a pessoa humana, porque é o primeiro lugar da socialização, onde aprende a relacionar-se com os outros, adquirindo, ao mesmo tempo, as primeiras noções da verdade e do bem, logo, a viver em comunhão com os outros, numa doação mútua de amor e de fraternidade: «a primeira e fundamental estrutura a favor da “ecologia humana” é a família, no seio da qual o homem recebe as primeiras e determinantes noções acerca da verdade e do bem, aprende o que significa amar e ser amado e, conseqüentemente, a querer, em concreto, ser uma pessoa» (C A 39). Neste sentido, a família é a base da sociedade, porque é nela que a pessoa começa a desenvolver as suas capacidades ou potencialidades, tomando progressivamente consciência da sua dignidade e da dos outros, e preparar-se para melhor enfrentar o seu destino que é único e irrepetível: «pensa-se aqui na família fundada sobre o matrimónio, onde a doação recíproca de si mesmo, por parte do homem e da mulher, cria

um ambiente vital em que a criança pode nascer e desenvolver as suas potencialidades, tornar-se consciente da sua dignidade e preparar-se para enfrentar o seu único e irrepitível destino» (C A 39). E isto seja na sociedade em geral como na sua vida, enquanto cristão leigo, padre ou religioso missionário.

### **2.1.1 Experiência familiar e formação religiosa**

Dom Settimio Arturo Ferrazzetta era um missionário da ordem dos frades menores (franciscanos), filho de Anacleto Ferrazzetta e de Lúcia Cisámolo. Nasceu em Selva de Progna, na província e diocese de Verona, região de Véneto, Itália, no dia 8 de dezembro de 1924, dia da festa da Imaculada Conceição da Virgem Maria, numa família numerosa, na qual ele é o sétimo de dez filhos. A sua família era uma família profundamente religiosa. No dia 22 de dezembro do mesmo, foi batizado na sua paróquia, onde foi crismado oito anos depois, no dia 5 de junho de 1932. Aos quatro anos, foi atingido profundamente por uma doença, até ao ponto de quase toda a família ficar desesperada, acreditando que tudo acabara para ele, mas a mãe continuava a confiar na vontade e na providência de Deus, na vida do seu filho. Por isso, continuava a rezar e pedir à Virgem Maria para interceder junto de Jesus a favor do seu filho. E como afirma São Paulo, na sua carta aos Romanos, quando esperamos e pomos a nossa confiança em Deus, nunca seremos dececionados: «e a esperança não nos engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rm 5, 5). Depois de algum tempo, Dom Settimio foi salvo desta doença e a família considerou esta cura como um milagre. Um sinal particular que mostra que Deus está sempre presente nos momentos difíceis e de desespero.

Aos 13 anos começou a sentir o apelo de Deus à vida religiosa e decidiu responder a este apelo, entrando, em 30 de setembro de 1937, no colégio seráfico de Chiampo e, mais tarde, no convento de São Francisco de deserto, onde recebeu o hábito franciscano, em 23 de julho de 1943, com 19 anos. A cerimónia durante a qual assumiu ou adquiriu, como de costume, neste período, em várias congregações religiosas, o nome de Frei Settimio, para simbolizar e recordar a sua posição ou lugar entre os seus irmãos. Em 23 de julho de 1944,

fez a sua primeira profissão religiosa temporária e, em 29 de junho de 1948, fez a sua profissão solene ou perpétua, em Vittorio, Veneto. Depois dos três anos da filosofia e da teologia, foi ordenado sacerdote em Veneza, a 1 de julho de 1951, com 27 anos<sup>61</sup>. Logo após a ordenação, foi nomeado vice-reitor e professor do seminário menor de Chiampo, mas o sentimento ou o desejo profundo que o animava sempre, desde o primeiro dia da sua vida como franciscano, era a missão fora do seu país: em primeiro lugar, desejava ir para a China, em seguida, para o Japão e, por fim, em Jerusalém, o que significa que a África não figurava na lista do seu projeto missionário, mas, por vários motivos, não conseguiu ir para nenhum desses países, porque o ministro provincial dos franciscanos deste período achava isso como loucura, sobretudo quando pediu para aprender o Inglês<sup>62</sup>. Mas, apesar disso, não perdeu a esperança na providência de Deus que acabou por se realizar, não para os países que antes desejava, mas para o continente Africano, precisamente na Guiné-Bissau. E, como afirma a Sagrada Estrutura, os nossos pensamentos e planos não são os pensamentos e planos de Deus, como os seus serviços. Ele chama-nos sempre onde precisa de nós e onde há necessidade.

A sua escolha como superior e membro da primeira equipa missionária dos frades menores da província de Veneza para a Guiné faz parte, efetivamente, da dinâmica do desígnio de Deus para a salvação de todo o universo: «Ide por todo o mundo anunciar a boa nova» (...). Isso aconteceu para ele, graças ao pedido incessante do prefeito Apostólico da Guiné, Martinho da Silva Carvalhosa, em 1954, junto do ministro geral dos frades menores, em Roma, a fim de poder disponibilizar alguns missionários franciscanos para a assistência aos leprosos em Cumura, Guiné-Bissau, que fazia parte do programa do governador Sarmiento Rodrigues, em 1945. Dando-se conta da necessidade urgente neste país, o geral aconselhou-o a apresentar a sua proposta à província franciscana de Veneza, porque havia vários missionários desta província expulsos da China, logo após a proclamação da república popular de China, em 1949. Quarenta (40) frades, entre os quais dois bispos, foram obrigados a deixar o país e a leprosaria de Mosimien, no Tibete Chinês<sup>63</sup>. Esta situação dramática foi favorável, de uma certa forma, para as missões da Guiné, porque,

---

<sup>61</sup> G. MAZZOTTO, (... et al), *Settimio Arturo Ferrazzetta Sono allora africano? Raccolta di lettere alla famiglia 1943-1999*, Siz, Verona, 2009, p 125.

<sup>62</sup> Cf. R. FURLATO, *Diocese de Bissau, perfil de Dom Settimio Artur Ferrazzetta*, Bissau, 1999, p 1.

<sup>63</sup> Cf. R. FURLATO, *P. Settimio em Cumura, Cumura precisa de missionários*, p 1.

logo que o pedido do prefeito apostólico da Guiné chegou à província, três frades responderam favoravelmente, entre os quais Padre Settimio Arturo Ferrazzetta, de 30 anos, Frei José Andreatta, de 58 anos, com 22 anos de experiência na assistência aos leprosos, no Tibete, e Frei Epifânio Cardin, de 31 anos, com 3 anos de experiência na assistência aos leprosos, no Tebete. Depois de um momento em Lisboa para aprender o português, prosseguiram a viagem para a Guiné, viagem que durou 10 dias, chegando, assim, ao território guineense, em (5-6) de maio de 1955. E permaneceram em Bôr até 19 de junho de 1956, quando foram para Cumura:

«Em 1954, o perfeito Apostólico da Guiné, mons. Martinho da Silva Carvalhosa, foi ter com o ministro geral dos Frades Menores, em Roma, para pedir missionários para a assistência dos leprosos em Cumura; foi convidado a pedir à província franciscana de Veneza, cujos missionários haviam sido expulsos da leprosaria de Mosimien, no Tibete. À circular que propunha a possibilidade de missionários em Cumura, responderam logo três franciscanos, a saber: p. Settimio Artur Ferrazzetta, de 30 anos; Fr José Andreatta, de 58 anos, com 22 anos de assistência aos leprosos no Tibete; Fr Epifânio Cardin, de 31 anos, com 3 anos de assistência aos leprosos no Tebete. Estes três foram logo para Lisboa para o estudo da língua portuguesa; chegaram à Guiné a 5 de maio de 1955, desembarcando no dia seguinte. Estiveram em Bôr até 19 de junho de 1956, quando foram para Cumura<sup>64</sup>».

Numa das entrevistas, que lhe foram pedidas, afirma que os dois acontecimentos significativos da sua vida e tantas outras foram sinais visíveis e concretos de que a sua vida estava destinada ao serviço de Deus e do seu povo, como franciscano, em primeiro lugar, depois, como sacerdote ao serviço da Igreja e, particularmente, da Guiné Bissau e, em seguida, como bispo, neste país da África Ocidental. Ele acredita que Deus acompanha sempre os seus prediletos e tinha razão em acreditar, porque o que se realizou no momento da sua doença e noutros momentos revelam exatamente a presença e a mão do Senhor na sua vida. Por isso, diz ele: ponho toda a minha esperança na mão do Senhor<sup>65</sup>, porque a missão não nos pertence, mas pertence Àquele que nos chamou e fez de nós dignos de participar na vida de Deus, seu Pai e nosso Pai. O seu nascimento, no dia da festa da Imaculada Conceição da Virgem Maria é, para ele, uma graça providencial ou um milagre,

---

<sup>64</sup> R. FURLATO, *Diocese de Bissau, perfil de Dom Settimio Artur Ferrazzetta, Bissau*, p 1.

<sup>65</sup> Cf. F. LOPES, *Monsignor Settimio Arturo Ferrazzetta, testimone di pace in Guinea Bissau, (1924-1999)*, L'harmattan Itália Srl, 2013, p. 27.

olhando à sua vida, depois de 73 anos. E tinha a certeza que Nossa Senhora estava sempre presente na sua vida. Ela acompanhou-o durante todos esses anos, nos momentos bons como nos momentos difíceis ou das vicissitudes<sup>66</sup>.

## **2.2. Experiência Missionária**

A vinda de Dom Settimio e dos dois confrades, acima citados, para a Guiné, pode ser considerada como uma providência e graça de Deus para este povo. A sua presença, no meio, não somente dos leprosos, mas também da população em geral de Cumura e Prabis, foi verdadeiramente significativo e benéfico para eles. As suas ações concretas e visíveis, no seio deste povo, ficaram e ficam ainda hoje marcadas na memória de muitas pessoas que as viram realizar e que delas beneficiaram. Isso porque, desde a chegada, foram, pelas experiências já tidas em Tibete e no seminário menor de Chiampo, para Settimio, capazes de estarem mais próximos da população e dos doentes, descobrindo ao mesmo tempo, de forma progressiva, a necessidade mais urgente deste povo, como iremos ver explicitamente neste ponto.

### **2.2.1. De leprosaria de Cumura ao Episcopado**

Antes de entrarmos profundamente na abordagem da missão dos três missionários franciscanos junto dos leprosos e da população desta área do país, queremos, em primeiro lugar, demonstrar a origem e os motivos do apelo aos missionários franciscanos para esta obra que surgiu na ocasião da comemoração dos quinhentos (500) anos da chegada do primeiro português a este território. Neste momento oportuno, o novo governador Sarmiento Rodrigues queria comemorar o evento com mais solenidade, criando várias iniciativas, entre as quais a fundação ou a criação de uma leprosaria, em Cumura, para os vários leprosos existentes no país; a iniciativa foi concretizada alguns anos depois e inaugurada em 1952. Mas a questão que se colocava era esta: qual a instituição que podia assumir a assistência diária dos doentes? A resposta, seja do governo, seja do prefeito apostólico

---

<sup>66</sup> Cf. F. LOPES, *Monsignor Settimio Arturo Ferrazzetta, testimone di pace in Guinea Bissau* p.26.

Martinho da Silva Carvalhosa, apontava para um instituto religioso. Mas onde encontrar esse instituto, em Portugal? Era impossível, porque entre os vários institutos presentes em Portugal, nenhum deles se sentia preparado para este trabalho. E, face a esta situação de impossibilidade, o prefeito apostólico era obrigado a solicitar aos institutos religiosos de outros países, como Itália. Foi ter com o ministro geral dos franciscanos, em Roma, que lhe sugeriu que se dirigisse à província franciscana de Veneza:

«Em 1945 foram comemorados os 500 anos da descoberta da Guiné. O governador recém-nomeado era Sarmiento Rodriguês, que quis comemorar o acontecimento com solenidade. entre as várias iniciativas foi inserido o projeto de uma leprosaria em Cumura. A leprosaria foi construída alguns anos mais tarde e foi inaugurada em 1952. Quer o governador quer o prefeito apostólico queriam um instituto religioso na assistência aos doentes de lepra, além do pessoal de saúde e dos serviços. Apesar dos pedidos, foi impossível encontrar em Portugal um instituto religioso disponível. Assim o novo prefeito Apostólico, mons. Martinho da Silva Carvalhosa, foi a Roma para ter com o ministro geral dos frades menores, que o enviou à província franciscana de Veneza<sup>67</sup>».

Como acima referido, os três pioneiros chegaram a Bissau no dia 5 de maio, mas tiveram que desembarcar no dia seguinte, devido à visita oficial do presidente de Portugal, Craveiro Lopes e do ministro do ultramar, Sarmiento Rodriguês, e foram bem acolhidos pelos frades menores da província portuguesa presentes no país, que os levaram imediatamente para Bôr, onde permaneceram até 19 de julho de 1956. Após a sua chegada, os dois irmãos enfermeiros queriam iniciar o serviço da assistência aos doentes, mas não conseguiram por causa da resistência do médico responsável da leprosaria, que não tinha um bom sentimento com os religiosos. Eles tiveram que esperar um mês para começarem, porque a leprosaria estava ainda sob a responsabilidade do Estado do qual estavam dependentes, o que os impedia de tomarem qualquer iniciativa nesse momento<sup>68</sup>.

O padre Settimio, superior do grupo, como não era enfermeiro e não tinha nenhuma experiência nesta área, foi encarregado da provisão dos alimentos para os leprosos, da catequese e das escolas católicas dos sectores de Prabis e de Safim. E, sem perder tempo, começou a catequese na própria leprosaria, onde foram administrados os primeiros

---

<sup>67</sup> R. FURLATO, *P. Settimio em Cumura, Cumura precisa de missionários*, p 1.

<sup>68</sup> Cf. R. FURLATO, *P. Settimio em Cumura, Cumura precisa de missionários*, p 2.

batismos, apesar da sua concorrência com os protestantes e, ao mesmo tempo, começou a construção da capela do hospital Colónia do Mal de Hansen, que veio a ser inaugurado em 1958<sup>69</sup>. E, como os três não podiam tomar iniciativas por causa do governo colonial que continuava a controlar a leprosaria, o teto e chão do hospital, Colónia do Mal de Hansen, começaram a degradar-se progressivamente. O governo tinha feito um pedido de ajuda à Fundação Gulbenkian de Lisboa, para a renovação da mesma, mas não chegou a ser realizada, porque, segundo o governo, o financiamento foi utilizado para a construção de dois pavilhões de leprosaria e 18 palhotas. E, quando o dinheiro terminou, o trabalho foi suspenso<sup>70</sup>. Face a esta situação, o padre Settimio, na qualidade de superior do grupo, tinha que tomar decisão e aproveitou, em 1969, a visita do doutor Andrade, alto funcionário do Ministério da Saúde em Portugal, para lhe propor três condições e soluções necessárias para acabar com esta situação desagradável: «que o governo colonial peça ao governo de Portugal o dinheiro para acabar a obra; ou que o governo peça outra ajuda à Fundação Gulbenkian; ou que o governo colonial entregue a leprosaria à missão católica<sup>71</sup>». E o doutor Andrade preferiu que fosse a terceira condição, porque, para ele, é mais prático para os dois lados. Assim, em 20 de maio do mesmo ano, foi publicado o documento que assinalava legalmente a entrega da leprosaria à província Franciscana de Veneza, quer dizer, ao cuidado dos dois pioneiros, abrindo, assim, uma nova era para a leprosaria e hospital de Cumura<sup>72</sup>.

A seguir a esta entrega, o padre Settimio começou a escrever várias cartas a pedir ajuda financeira e material em Itália, para poder terminar as obras começadas. Os benfeitores responderam positivamente, o que lhe permitiu terminar os dois pavilhões com satisfação, em 1970. E, a partir deste momento, deu início, igualmente, à colaboração entre a missão católica de Cumura e os vários benfeitores Italianos, o que lhes permitiu realizar muitas obras, entre as quais: o lar João XXII, construído, em 1970-1971, pela decisão da missão católica, para os filhos dos leprosos que já não podiam continuar a residir no hospital, mas fora dele, num lugar digno, e foi confiado às irmãs. O edifício foi utilizado, mais tarde, para as atividades das irmãs e, depois, como alojamento dos voluntários e,

---

<sup>69</sup> Cf. R. FURLATO, *P. Settimio em Cumura, Cumura precisa de missionários*, p 2.

<sup>70</sup> Cf. R. FURLATO, *P. Settimio em Cumura, Cumura precisa de missionários*, p 2.

<sup>71</sup> R. FURLATO, *P. Settimio em Cumura, Cumura precisa de missionários*, p 3.

<sup>72</sup> Cf. R. FURLATO, *P. Settimio em Cumura, Cumura precisa de missionários*, p 3

também, para os retiros do pessoal missionário; a construção da Igreja paroquial de Cumura, durante cinco 5 anos, foi inaugurada no dia 15 de maio de 1965:

«uma missão católica é um centro de evangelização, por isso precisa da Igreja. A capela do hospital estava reservada para os doentes, não era conveniente que os outros participassem na mesma celebração litúrgica: por isso o P. Settimio decidiu de construir a Igreja paroquial, dedicada a S. Francisco de Assis, o amigo dos leprosos. Na altura havia em Cumura só dois frades: Settimio e Epifânio; outros dois estavam em Bolama e dois em Quinhamel. A construção custou muito, quer em dinheiro quer em fadiga, por causa da situação. P. Settimio escreveu várias cartas falando da lentidão das obras dizendo que ele, chefe de obra, tinham outras coisas a fazer: catequese, controlo das escolas, despesas, assistência aos pobres. Foi inaugurada depois de cinco anos de trabalho, a 15-5-1965, na presença do novo governador, que disse: “Eu pensava que se tratava duma capela, afinal podia ser uma catedral”<sup>73</sup>».

A carpintaria e oficina mecânica, que serviam para a formação dos técnicos competentes para a autossuficiência dos mesmos, foram edificados separadamente pela iniciativa do Padre Settimio, de 1967 a 1968-1974 a 1975. Foi previsto igualmente a construção do hospital de maternidade e de pediatria, mas a questão que se colocava era quem ia tomar conta dessas obras, porque apesar da vontade, da dedicação, da dinâmica e da utilidade do trabalho dos frades, estavam conscientes que, com isso, não iam a nenhum lugar e ia ter grandes consequências negativas na eficácia do trabalho que, até então, era autêntico. Logo, o padre Settimio decidiu fazer apelo a uma congregação feminina disponível em tomar conta dessas obras, para poderem ser bastante úteis à população e sobretudo às crianças.

O outro objetivo dessa procura da nova congregação feminina, apesar da presença das irmãs franciscanas hospitaleiras da Imaculada Conceição, era também para ajudar na assistência aos leprosos e às outras obras da maternidade e pediatria, previstos no seu programa. Dirigiu-se às várias congregações, mas sem sucesso. No entanto, a sua perseverança na procura acabou por dar resultados positivos: a congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias do Coração Imaculado de Maria respondeu favoravelmente, enviando seis religiosas, em 1970. Ao chegarem, foram divididas em dois grupos de três

---

<sup>73</sup> R. FURLATO, *P. Settimio em Cumura, Cumura precisa de missionários*, p 4.

peessoas, um grupo para Cumura e outro para Quinhamel. E, como estava previsto, foram construídos, por esta ocasião, hospitais de maternidade, nas duas missões.

«A presença e o trabalho dos frades era muito útil, mas não completo. Até o ano de 1969 a única Congregação religiosa na Guiné era a das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. P. Settimio reparou na necessidade das irmãs quer na assistência aos leprosos quer na maternidade e pediatria, que era preciso construir. Bateu a muitas portas, até que conseguiu a disponibilidade das Irmãs Franciscanas Missionárias do Coração Imaculado de Maria, que em 1970 enviaram as primeiras seis religiosas, três para Cumura e três para Quinhamel. Foram construídos os hospitais de maternidade nas duas missões. depois de quase 40 anos, agente sabe quanto são preciosas pelas atividades em favor da Guiné-Bissau<sup>74</sup>».

A chegada da nova congregação foi, para o padre Settimio, uma vitória, no seu objetivo de continuar a ajudar, quanto pudesse, a população da Guiné-Bissau, mas o outro problema que isso suscitou era a questão da residência das irmãs. Elas não tinham onde morar. Por isso era urgente encontrar uma casa ou residência para elas. Nesta situação, o padre Settimio decidiu, com acordo dos seus confrades, deixarem a casa, onde moravam, para as irmãs e ocuparem uma parte da carpintaria, esperando a extensão da casa, que foi feita mais tarde. Mas, apesar disso, era necessário construir uma nova residência para eles, a fim de permitir às irmãs ocuparem totalmente a casa. Surgiu, assim, um novo projeto que, depois de ser apresentado ao governo da Guiné e aos seus superiores, foi aprovado unanimemente, iniciando-se, assim, a construção da nova residência para os frades, de 1974 a 1977.

«A 24-2-1970 chegaram as irmãs para Cumura, mas a casa não existia: como fazer? P. Settimio decidiu que os frades se retirassem numa parte da carpintaria, deixando a casa para as Irmãs; mais tarde a casa foi feita mais grande. Assim foi necessário construir uma residência para os frades. O projeto foi aprovado pelo governo da Guiné e pelos superiores e foi construída nos anos de 1974-1977. Logo depois da inauguração P. Settimio teve de transferir-se para o paço episcopal de Bissau<sup>75</sup>».

---

<sup>74</sup> R. FURLATO, *P. Settimio em Cumura, Cumura precisa de missionários*, p 4.

<sup>75</sup> R. FURLATO, *P. Settimio em Cumura, Cumura precisa de missionários*, p 4.

Por fim, criou a aldeia para os leprosos que não precisavam de serem internados no hospital, mas com dificuldade de regressarem para as suas próprias casas, por causa da mutilação<sup>76</sup>.

«os leprosos clinicamente são deviam sair do hospital e regressar para as suas casas: mas eram aceites depois de anos e anos de ausência e com deficiências físicas? Vários doentes já operados não mãos e nos pés não podiam trabalhar, porque mutilados. Por isso P. Settimio pensou em resolver o problema construindo uma aldeia para eles perto do hospital. Existia um projeto de 40 casas, mas foram construídas só oito, com dois apartamentos cada, com água e luz oferecidas pela missão, que sempre garantiu a assistência sanitária. Quando se estava construindo os alicerces chegou a nomeação do P. Settimio a primeiro bispo da Guiné: que fazer? Deixar tudo aos outros? O eleito bispo julgou conveniente dizer ao enviado da nunciatura apostólica de esperar para dar o anúncio oficial, para acabar os alicerces: depois com certeza a obra humanitária devia ser acabada. O centro missionário de Pádua e os benfeitores colaboraram muito bem!<sup>77</sup>».

Em 22 anos, o padre Settimio não somente se tornou mais próximo do povo, tentando responder sempre às suas necessidades mais urgentes, mas conseguiu, para o mesmo objetivo, realizar várias obras necessárias para o bem-estar de todo o povo, sem esquecer a questão da evangelização e da formação intelectual do homem.

Numa entrevista que lhe foi solicitada, afirmou que a sua dedicação e vontade pelo trabalho, sempre que possível e necessário, é um caracter ou espírito que adquiriu da sua família e dos seus pais, porque, para além da família ser muito numerosa, não era também uma família economicamente abastada, mas de classe média, o que exigia o esforço de todos os seus membros. Cada um fazia o que podia para todos. Este facto faz-nos compreender o seu espírito de sacrificio, mas também o seu amor e espírito atento à necessidade dos outros. Ele já o fazia para os seus irmãos, quando várias vezes, diz ele, devia, depois da escola, ir procurar vinho e lenha ou outra coisa qualquer. A partir deste período, o espírito de trabalho tornou-se uma realidade concreta e um horizonte de vida. E hoje, depois de tanto trabalho sem descanso, agradece a seus pais que imprimiram este carater no seu espírito porque, com isso, percebeu que o homem normal e verdadeiro deve

---

<sup>76</sup> Cf. R. FURLATO, *Diocese de Bissau, perfil de Dom Settimio Artur Ferrazzetta, Bissau*, p 2.

<sup>77</sup> R. FURLATO, *P. Settimio em Cumura, Cumura precisa de missionários*, p 5.

ter a capacidade de ser fiel à sua vocação, à sua vida e sempre pronto a sacrificar-se por si mesmo e por todos, sobretudo como testemunho aos outros: «o trabalho sempre fez parte da minha própria vida, porque o aprendi do meu pai e da minha mãe, todos os dias, mesmo durante o período da escola. Depois das aulas, quando voltava a casa, era sempre necessário ir fazer alguma coisa: seja à procura do vinho, ou seja, à procura da lenha e muitos outros serviços, deste género, que se faziam... Hoje, depois de tantos anos incessantes de trabalho, agradeço a meu pai e a minha mãe pela educação que me deram. Isso me acompanhou verdadeiramente e me fez compreender que o homem normal deve ser fiel à sua vocação, à sua vida e pronto a sacrificar-se por si e pelos outros, a fim de que o seu trabalho seja um testemunho para os outros<sup>78</sup>».

Ele foi capaz de colocar ao serviço dos seus irmãos, numa realidade concreta, todo o benefício adquirido na família e na sociedade que o viu nascer, sem nenhuma complexidade, porque compreendia efetivamente as necessidades e as dificuldades em que vivia o povo nesses sectores. A sua forma de anunciar a palavra de Deus é nas coisas concretas e realistas; Jesus, mesmo, não se limitava ao anúncio e à pregação da palavra, atuava também, curando os doentes e ressuscitando os mortos. A sua nomeação ao cargo de primeiro bispo da nova diocese em construção é, não somente, pela vontade e a graça de Deus, mas também pela sua capacidade de atenção aos outros e às suas necessidades e, como ele mesmo afirmou, numa das entrevistas acima referida, a sua capacidade de se sacrificar para o bem dos outros. As ações concretas e visíveis falam mais do que as próprias palavras e atraem os corações dos homens. E, como vimos, o padre Settimio era um homem muito simples, mas ativo e realista; quando surgiu a perspectiva da elevação da prefeitura apostólica da Guiné, até então dependente da nunciatura apostólica de Lisboa, à dignidade de diocese dependente da nunciatura mais próxima, que é a nunciatura de Dakar, ninguém pensava nele, porque, como é normal, pensou-se num candidato natural da Guiné. A única e última pessoa, natural desta terra e que podia assumir este cargo, era Mons. Amândio Domingues Neto, que tinha chegado à Guiné em 1941 e permaneceu como missionário durante 35 anos, na missão de Suzana e Cacheu, como superior local, depois,

---

<sup>78</sup> Cf. F. LOPES, *Monsignor Settimio Arturo Ferrazzetta, testimone di pace in Guinea Bissau* p. 29.

como superior regional e pároco de Bissau e, finalmente, como prefeito Apostólico, em 1966 a 1977<sup>79</sup>.

A sua nomeação ao episcopado era evidente, mas o problema é que já tinha anunciado a sua retirada definitiva da Guiné-Bissau, no início do mês de março de 1977, deixando ao padre João Alberto, seu sobrinho, o governo da prefeitura. Intenção que reiterou com precisão durante o seu encontro em Dakar com o delegado Apostólico para a África Ocidental, Mons. Luigi Barbarito, que o informou igualmente da posição favorável do Vaticano, em relação ao seu pedido de resignação, mas com a condição de permanecer prefeito Apostólico até à nomeação do novo Bispo, mesmo residindo em Portugal. Ele devia também regressar à Guiné, mais tarde, para a transferência da administração ao seu sobrinho padre Alberto, que tinha a experiência suficiente para o fazer, mas declarou que deixou a Guiné com a intenção de não regressar mais, apesar de continuar com o título de prefeito Apostólico.<sup>80</sup> Segundo alguns textos, o motivo da sua demissão tem a ver com o facto de se reconhecer como português e, por esta razão, tinha colaborado fortemente com o governo colonial: «Ele, humildemente, reconheceu ser português e, enquanto tal, ter colaborado com o governo colonial e, por isso, recusou<sup>81</sup>».

Face a esta situação de resignação do Mons. Amândio Neto, a primeira proposta era escolher um dos bispos Senegaleses; esses, por sua vez, propuseram um candidato francês, o que tornava a situação mais complexa, porque os franceses nunca colaboraram na evangelização da Guiné. Por causa disso, não podia ser um francês, Logo pensou-se num bispo lusófono, vindo de Angola ou de Moçambique, mas era igualmente um estrangeiro, e não podia ser. Então, o que fazer nesta circunstância? A resposta era imediata: escolher um candidato entre os missionários presentes no país, mesmo sendo estrangeiros e, o candidato que sobressaía unanimidade de todos era o padre Settimio, por causa do seu empenho e dedicação no trabalho. O próprio nuncio o definia como «trabalhador incansável»:

«Quem podia ser o primeiro bispo? O candidato natural era o último prefeito apostólico, Mons. Amândio Domingues Neto, chegado à Guiné em 1941, tendo trabalhado como missionário em Cacheu, em Suzana e sobretudo em Bissau como responsável da catedral e

---

<sup>79</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 882.

<sup>80</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 882-883.

<sup>81</sup> R. FURLATO, *Bispo Settimio Ferrazzetta, primeiro bispo de Bissau, 2009*, p 1.

depois como prefeito Apostólico. Mas ele, humildemente, reconheceu de ser português e enquanto tal de ter colaborado com o governo colonial, por isso recusou. Falou-se dum bispo do Senegal, mas os senegaleses falam do francês e nunca houve colaboração na evangelização. Pensou-se num bispo de língua portuguesa, vindo da Angola ou do Moçambique, mas era sempre estrangeiro. E porque não escolher um missionário da Guiné? E assim o candidato principal foi P. Settimio A. Ferrazzetta, definido trabalhador incansável pelo nuncio Apostólico<sup>82</sup>».

Assim, o padre Settimio foi nomeado primeiro Bispo da Diocese de Bissau pelo Papa Paulo VI, com a bula “*Rerum Catholicaram*”, em 21 de março de 1977, sem nenhuma contestação da parte do governo que o estimava muito e, da parte dos missionários presentes no país, inclusive o padre João Alberto, sobrinho do Mons. Amândio Rodrigues Neto, encarregado da gerência da prefeitura, depois da retirada do seu tio, no mesmo ano. E, com esta nomeação, teve que deixar tudo o que fazia em Cumura para a residência episcopal em Bissau, oferecida pelo governador Sarmiento Rodrigues, em 1956, ao prefeito Apostólico Mons. José Ribeiro de Magalhães<sup>83</sup>. Assim se fechou um capítulo importante das missões católicas da Guiné, abrindo, ao mesmo tempo, um outro capítulo com autonomia própria da Igreja da Guiné-Bissau<sup>84</sup>.

Antes de prosseguir a nossa abordagem, queremos expor, em breve, o extrato da bula *Rerum Catholicaram* e do documento pontifício da nomeação de Dom Settimio traduzidos em português a partir do original latino:

«PAULO, BISPO, SERVO DOS SERVOS DE DEUS, para perpétua memória.

*O incremento da fé católica, que felizmente se verificou na prefeitura Apostólica da Guiné-Bissau, fruto de grande solícitude dos arautos da fé cristã, e que, com o auxílio de Deus, se prevê venha ainda a ser maior no futuro, é a causa validíssima pela qual queremos aceder ao parecer dos nossos Veneráveis Irmãos Cardiais da Sagrada Congregação para a Evangelização dos povos no sentido de a mesma prefeitura ser elevada à dignidade de Diocese. Portanto, no uso de todo o Nosso poder, elevamos a dita circunscrição eclesiástica ao grau de Diocese, a qual deverá chamar-se DIOCESE DE BISSAU e que ficará imediatamente sujeita a esta Sé Apostólica. Assim, determinamos que a Diocese*

---

<sup>82</sup> R. FURLATO, *Bispo Settimio Ferrazzetta, primeiro bispo de Bissau*, p 1.

<sup>83</sup> Cf. R. FURLATO, *Bispo Settimio Ferrazzetta, primeiro bispo de Bissau*, p 1.

<sup>84</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 883.

*criada fique dependente da Sagrada Congregação para a Evangelização dos povos; que a sede do Bispo seja estabelecida na cidade de Bissau e que a cátedra do magistério episcopal seja no templo dedicado a Deus em honra da Bem-Aventurada Virgem Maria, venerada com o título de Nossa Senhora da Candelária, o qual templo, por isso mesmo, será considerado catedral. Ordenamos, além disso, que sejam eleitos consultores diocesanos, em vez do colégio dos Cônegos, os quais, com o seu conselho e trabalho auxiliem o Bispo, e que todos os demais assuntos referentes ao recto governo da nova Diocese sejam regulados segundo as prescrições do Direito Canónico. Finalmente, estas Nossas ordenações sejam cumpridas convenientemente e sejam exarados documentos daquilo que for feito e enviados à Sagrada Congregação para a Evangelização dos povos, depois de devidamente assinados e autenticados com o selo. Queremos que esta Constituição Apostólica tenha valor no presente e no futuro, não obstante quaisquer prescrições em contrário. Dada em Roma, junto de São Pedro, a 21 de março de 1977, ano 14º do Nosso Pontificado. Card. João Villot, Secret. De Estado*

*Card. Agnelo Rossi, Prefeito da S. C. para a Evangelização dos povos, Protonotários Apostólicos José Del Ton. E Eugénio Servi<sup>85</sup>».*

*«PAULO, BISPO, SERVO DOS SERVOS DE DEUS*

*Ao querido filho Septímio Ferrazzetta, da Ordem dos Frades Menores, Bispo eleito de Bissau, saúda e envia Bênção Apostólica. Sendo necessário providenciar ao governo da Diocese de Bissau, criada neste mesmo dia mediante a bula *Rerum catholicaram*, julgámos bem propor-te, querido filho, como seu Bispo. De facto, os teus dotes naturais e o conhecimento e prática que tens da pastoral alimentam a melhor esperança de que aí há-de trabalhar com grande utilidade das almas. Portanto, anuindo ao parecer dos nossos veneráveis Irmãos Cardeais da Santa Igreja Romana que estão à frente da Sagrada Congregação para a Evangelização dos povos, com o Nosso supremo poder te nomeamos Bispo da Diocese de Bissau, com todos os direitos e correspondentes obrigações, anexos à tua dignidade e ao teu pesado cargo. Permitimos que recebas a ordenação episcopal de qualquer Bispo católico, ao qual assistam, consoante a norma das leis litúrgicas, dois Bispos. Todavia, terás de fazer antes a profissão de fé católica e prestar juramento de fidelidade a Nós e aos Nossos sucessores, servindo de testemunha qualquer Bispo de fé recta. Enviarás as formulas empregadas à Sagrada Congregação para a Evangelização*

---

<sup>85</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 883-884.

*dos povos, devidamente assinadas e autenticadas com o selo. Além disso, mandamos que esta Nossa carta seja lida ao clero e ao povo na Igreja catedral da tua Diocese em dia de preceito. Exortamos estes filhos que nos são queridos em Cristo que não só te recebam de ânimo alegre e bem-disposto, mas também te obedçam de bom grado em tudo, enquanto trabalhas para o seu supremo e eterno bem. Finalmente, querido filho, imploramos para ti as copiosas riquezas de Deus e de Sua Mãe Santíssima, como Rainha dos Apóstolos e, conseqüentemente, dos Bispos.*

*Dado em Roma, junto de São Pedro, dia 21 de março de 1977, ano 14º do Nosso Pontificado. João Card. Villot, Secretário de Estado, José Del Ton, Prof. Apost<sup>86</sup>».*

Estes documentos assinalam, oficialmente, a sua nomeação ao episcopado, e no seu encontro com o cardinal prefeito da congregação da Propaganda Fidei (Agnelo, Cardeal Rossi), a fim de encarar vários assuntos, aproveitou para colocar as suas questões, entre as quais, o critério da escolha dos bispos, sendo que nunca fez uma formação nesta área que pudesse justificar a sua nomeação. O prefeito da Congregação, por sua vez, perguntou-lhe: o que esteve a fazer todos esses tempos na Guiné? Missionário, respondeu o padre Settimio. Está certo, respondeu o prefeito. Continue a evangelizar como bispo:

«Nestas ocasiões o candidato bispo tem de apresentar-se aos superiores do Vaticano para encarar vários assuntos. Ao card. Prefeito da Congregação da Propaganda Fidei P. Settimio perguntou: “qual é o vosso critério para escolher os bispos? Eu não fiz nenhum curso para ser bispo. E o que fizeste neste tempo na Guiné? O missionário, está certo, continue a evangelizar como bispo<sup>87</sup>».

Após o seu encontro com o prefeito da Congregação da Propaganda Fidei, a primeira proposta que lhe foi dirigida é que a sua consagração episcopal fosse celebrada no Vaticano ou na sua região natal, em Verona, mas preferiu que fosse no meio do povo para o qual é chamado a servir, quer dizer, na Guiné-Bissau, a fim de dar satisfação aos guineenses: «Alguém fez proposta da consagração episcopal no Vaticano ou em Verona, mas o P. Settimio disse: É boa coisa dar satisfação aos guineenses, celebrando a consagração episcopal em Bissau.<sup>88</sup>».

---

<sup>86</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 885.

<sup>87</sup> R. FURLATO, *Bispo Settimio Ferrazzetta, primeiro bispo de Bissau*, p 2.

<sup>88</sup> R. FURLATO, *Bispo Settimio Ferrazzetta, primeiro bispo de Bissau*, p 2.

Para respeitar o seu desejo e do povo guineense, a sua consagração episcopal realizou-se em Bissau, no dia 19 de junho de 1977, ao ar livre, em frente da sua catedral, na presença de vários cristãos vindos de toda a parte do país, e de vários representantes eclesiásticos, entre os quais: Mons. Luigi Barbarito, núncio Apostólico em Dakar, que presidiu à celebração, Mons. Pierre Sanha, bispo de São Luís (Senegal), Mons. Augustin Sanha, bispo de Ziguinchor (Senegal) e Dom António Francisco Marques, bispo de Santarém (Portugal), ex-provincial dos franciscanos portugueses, ministros provinciais franciscanos de Portugal e de Veneza, Itália, etc. O governo guineense, que muitas vezes manifestou explicitamente a sua satisfação pela nomeação de Dom Settimio, fez-se representar por Francisco Mendes, Comissário principal ou primeiro-ministro, João da Costa, comissário de estado da saúde e assuntos sociais, Cármen Pereira, vice-presidente da Assembleia Nacional Popular, Fernando Fortes, Comissário de Estado dos correios e telecomunicação, Lucete Cabral, esposa do presidente do conselho de Estado Luís Cabral e Joseph Turpin, diretor geral das pescas<sup>89</sup>.

Por outras palavras, como podemos verificar e como já referimos no primeiro ponto, D. Settimio chegou à Guiné-Bissau sete anos antes do início da luta de libertação e dezoito anos antes da independência, o que significa que viveu uma boa parte da colonização e todo o período da luta de libertação. Baseando-nos neste facto, podemos perguntar se estava ou não a favor da independência e qual foi a sua posição em relação a esta questão. Para responder, queremos, em primeiro lugar, salientar que, relativamente a essas interrogações, não há um documento nem testemunhos concretos que aprovem, de forma precisa, a sua posição explícita, sobretudo em relação ao seu apoio ao partido.

O que sabemos através da sua própria declaração, numa das entrevistas que lhe foi feita, é que estava perfeitamente a favor da independência, não somente da Guiné-Bissau, mas também de todas as nações Africanas, porque todos tinham o direito de a obter. Para ele, isso era óbvio e foi sempre um dos seus desejos ver a África independente e autónoma, não através ou por meio da guerra, mas por meio do diálogo que permitiria encontrar uma solução rápida, viável e autêntica de transição. Este diálogo facilitaria verdadeiramente o desenvolvimento desses países em todas as dimensões. Em relação à Guiné-Bissau,

---

<sup>89</sup> Cf. H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 887.

segundo ele, isso chegou muito tarde, devido à resistência implacável do governo português que não queria e nem tinha a intenção de conceder a independência à Guiné-Bissau. E quando isso acontece, diz ele, que uma parte exige os seus direitos e que a outra parte resiste ou recusa atribuir-lhos, é evidente que isso pode desencadear confronto e conflito entre as duas partes, como aconteceu na situação da Guiné-Bissau. A resistência do governo português desencadeou uma guerra que durou quase doze 12 anos:

«Já se sabia que os povos Africanos queriam a independência e tinham direito de a adquirir, isso também foi sempre o meu desejo de ver chegar um dia em que esses povos e também da Guiné-Bissau deverão ser independentes. É óbvio que quando há uma posição deste tipo que reclama a independência e encontra uma resistência na outra parte, eis a origem da guerra da luta de libertação, em vez de se entender necessariamente e dialogar sentando a volta duma mesa e discutir o problema a fim de encontrar uma solução rápida. Ao contrário na Guiné-Bissau a solução chegou muito tarde, assim de 1962 a 1974, doze anos de grandes vicissitudes da guerra com vários mortos (...)»<sup>90</sup>

Em suma, as diferentes etapas da evolução progressiva da vida de Dom Settimio Arturo Ferrazzetta, desde a infância até ao episcopado, com todas as ações e obras concretas realizadas, mostram-nos explicitamente a autenticidade da sua vida, mas também a sua personalidade humanista, através da atenção e preocupação pelo bem-estar dos outros, valor adquirido no seio da sua família, na sociedade em que nasceu e durante a sua formação religiosa. A educação e a experiência familiar acompanharam-no durante toda a sua vida, permitindo-lhe ser mais fecundo e eficaz no seu ministério sacerdotal e pastoral ao serviço de Deus, socorrendo os pobres, os marginalizados, os abandonados (excluídos) e os oprimidos. Esta experiência familiar e social fez-lhe encarnar, na sua vivência quotidiana, o espírito de abertura à cultura e aos valores fundamentais dos outros, do diálogo e da atenção aos que estão em necessidade, em dificuldade e agir no sentido de os ajudar a ultrapassar essas dificuldades, como veremos mais detalhadamente no próximo ponto.

---

<sup>90</sup> Cf. F. LOPES, *Monsignor Settimio Arturo Ferrazzetta, testimone di pace in Guinea Bissau* p 49

### **2.3. Um rosto do missionário a exemplo de Jesus e de São Francisco: Da consagração episcopal ao Conflito de 1998**

Fiel à sua missão de anúncio da boa nova de salvação a toda a humanidade, a Igreja nunca cessou de contribuir essencialmente para o bem-estar de todos os homens e em toda a parte do mundo, através do anúncio da boa nova e dos princípios morais de ordem social, emitindo juízos sobre quaisquer realidades ou situações humanas, enquanto exigem os direitos fundamentais da pessoa humana e a salvação das almas (Cf. C D C 747.2). Jesus Cristo veio ao mundo, revelando-se aos pequenos, aos afastados, aos oprimidos, aos marginalizados e aos pobres. Logo, a missão da Igreja é ir ao encontro dessas pessoas, a fim de os ajudar espiritual e materialmente<sup>91</sup>.

Seguindo os passos e atitudes de Cristo, a Igreja da Guiné quis, desde a sua chegada a esta terra, através da sua riqueza espiritual e cultural, estar mais próxima do povo, dedicando-se totalmente ao seu serviço, através do ensino e da saúde que são meios do desenvolvimento integral do homem, da promoção da dignidade da pessoa humana e da evangelização. E, nessa dedicação, queremos destacar uma das figuras mais relevantes que é D. Settimio Arturo Ferrazzetta, Ex-bispo de Bissau. O seu contributo, nessas dimensões e tantas outras, foi profundamente significativo. Razão pela qual queremos abordá-lo neste momento, fixando-nos sobre alguns aspetos, como: o diálogo com a cultura, os principais pontos da sua ação pastoral e o seu perfil espiritual.

#### **2.3.1. Diálogo com a cultura e valores morais Guineenses**

Uma semana após a sua consagração episcopal, D. Settimio decidiu visitar toda a Guiné-Bissau e sobretudo as missões e comunidades católicas, a fim de ter uma ideia exata sobre a situação das missões ou da situação religiosa, sanitária, cultural, em todo o país. E, para além disso, aproveitar não somente para estabelecer, o mais rápido possível, o contacto com os missionários e o povo, mas também agradecer ao povo pelo apoio que lhe foi atribuído durante a sua nomeação e presença massiva na sua consagração. Esta visita

---

<sup>91</sup> Cf. H. M. O. CÁ, *O papel da Igreja católica no processo da implementação da democracia na Guiné Bissau*, p 45.

permitiu-lhe obter uma visão de conjunto para melhor atuar e centralizar-se nas situações mais urgentes e essenciais.

«uma semana após a sagração, D. Settímio sai em rápida visita às missões. Despede-se da Cumura em 26 de Junho; de 27 a 30 está em Suzana; em 9e 10 julho ausculta Mansoa e Bissorã; desce a Bubaque em 16 de Julho e regressa a Bissa em 18; nos dias 20 e 21 percorre Bafatá, Gabu e Bambadinca; dá uma saltada ao sul, a Catió, 22 de Julho com demora até 25; passa dois dias em Bolama, de 6 a 8 de Agosto; visita o Bairro da Ajuda no dia 14 de Agosto vai a Nhacra em 21 de Agosto. Não visitou as missões de Canchungo Cacheu, Bula-Binar e Quinhamel-Biombo por os respetivos superiores estarem em férias<sup>92</sup>».

Como se pode notar, e segundo o testemunho dos seus colaboradores, a sua experiência missionária no meio dos leprosos e do povo deu-lhe a vontade e o desejo de aprofundar e conhecer melhor os valores e costumes da cultura guineense, o que lhe permitiu exigir, mais tarde, durante o seu episcopado, um estudo aprofundado dos gestos e os seus sentidos usados nesses costumes, a fim de poderem ser integrados ou incorporados na liturgia, porque, segundo ele, a cultura guineense, como qualquer cultura do mundo, contem valores morais e éticos profundamente consistentes que merecem ser mantidos, uma vez que não estão em oposição com os valores universais e os valores evangélicos, como, por exemplo: o respeito e a proteção da vida (recusa do aborto, porque não faz parte dos valores morais e éticos da sua cultura e da sua convicção religiosa):

«A mulher da Guiné tem ótimas qualidades que aqui simplesmente aponto: espírito de trabalho, de iniciativa, desejo de autonomia económica, desejo de promoção, reivindicação de igualdade social. Mas falta ainda a pérola das suas virtudes: o respeito à Vida. A mulher da guiné defende a vida do seu minino, e por razão nenhuma o aborto faz parte do seu ser, do seu sentir, da sua filosofia da vida. O menino no seio materno, uma vez concebido, é um ser humano, e a mulher sabe que foi abençoada por Deus, que lhe deu mais um filho. É por isso a sua gravidez é ostentada com orgulho.... A mulher guineense sempre rejeitou o aborto, estranho à sua cultura e a sua moral... quantas vezes as mulheres guineenses vêm

---

<sup>92</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 889-890.

desabafar na missão católica: “E que? Hoje matam-se crianças no seio da mãe? Que horror! São coisas de brancos. Nós pretos nunca fizemos isso<sup>93</sup>».

Para além desses valores há, igualmente, outros valores, como: respeito aos pais (pai e mãe), não roubar, não levantar falsos testemunhos, não desejar a mulher do outro (adultério), etc. Esses valores eram verdadeiramente respeitados por todos, o que é significativo e autenticamente louvável incorporá-los na fé e na liturgia cristã, porque isso não diminui em nenhum sentido o valor da fé. São Paulo soube ser grego com os gregos, etc. Com este exemplo, D. Settimio não via nenhum problema de a Igreja se revestir das características da cultura e valores Guineenses, mas para isso era necessário, como já afirmamos, uma verdadeira e autêntica reflexão:

«A unidade da Igreja exige que ela seja depositária duma Fé autêntica. Tal não impede certa adaptação ao meio em que se implantou, ou pretende implantar. A comunidade cristã da Guiné-Bissau pode revestir a roupagem característica da cultura africana. O grande São Paulo de Tarso não soube ser grego com os gregos e bárbaro com os bárbaros?... D. Settimio Arturo Ferrazzetta vê semelhante adaptação no uso das línguas nativas, por exemplo, na liturgia; na harmonização dos valores eternos do Evangelho com a realidade social e cultural na Guiné; na coragem de saber descer ao nível cultural dos guinéus, a fim de que possam subir a cultura superior. Para que tal subida se concretize, torna-se indispensável aos cristãos serem fogo que arda, luz que não se apague, fermento que levede, levante e renove<sup>94</sup>».

As conclusões tiradas nessa reflexão ou estudo dos valores e gestos realizados por alguns jovens guineenses provaram que faz, efetivamente, sentido integrar alguns desses valores e gestos na liturgia, como, por exemplo: a cerimónia de ação de graças realizada em cada ano, no fim da colheita; o gesto de arrependimento que se exprime por meio das mãos cruzadas no peito ou nos ombros, baixando ao mesmo tempo a cabeça; o gesto de agradecimento que se expressa juntando as mãos um pouco vergadas; o gesto de alegria que se expressa através dos cânticos, da dança, do toque de instrumentos e do bater das palmas; o gesto de adoração que se expressa de joelhos, com as mãos a tocar no chão e as palmas viradas para cima; o gesto de súplica que se expressa de joelhos, com as mãos levantadas a

---

<sup>93</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Mensagem do bispo de Bissau para o ano internacional da família, 1993-1994*, p 12-13.

<sup>94</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 906-907.

meia altura e mexendo levemente, etc. Esses gestos foram aplicados imediatamente na Eucaristia que foi celebrada após a apresentação dessas conclusões, na presença de Dom Settimio, mesmo sabendo que era necessário purificar algumas coisas<sup>95</sup>.

Na mesa redonda, realizada no mesmo período, foram abordadas, igualmente, outras questões relativas aos costumes ou usos, como o fanado, em que os jovens são iniciados na vida adulta, etc. E, no final desta assembleia, os jovens encarregados deste trabalho afirmaram claramente que o objetivo deste trabalho não é uma rotura total com os usos e costumes, mas sim, tentar conservar todos os valores compatíveis com a fé, afastando-se, ao mesmo tempo, dos que não são compatíveis, porque é necessário, segundo eles, um cristianismo vivido em África sem ser fundamentalmente diferente do cristianismo do Evangelho e da Igreja universal: «Numa palavra, terminam os jovens de Bissau, a nossa posição de base não é um corte radical com todos os usos e costumes da terra, mas sim um saber guardar tudo aquilo que seja valor, e saber afastar tudo aquilo que se oponha diretamente à fé que abraçamos. Procuraremos um cristianismo vivido em África, mas que não seja fundamentalmente diferente do cristianismo do Evangelho e da Igreja Universal<sup>96</sup>».

O objetivo de D. Settimio, em relação a esta realidade, é pôr o cristianismo em diálogo com a própria cultura guineense e os seus valores fundamentais que não estão em contradição com os valores evangélicos e mesmo universais, como vimos, porque a mensagem evangélica é verdadeiramente compreendida pelo povo no meio do qual é transmitida, quando valoriza autenticamente o que há de valor e de importante nessa cultura. Claro que são esses valores que fazem a identidade do povo. Jesus mesmo, diz: Eu não vim abolir a lei, mas levá-la à plenitude. Esta é uma das razões pelas quais D. Settimio não quis abolir o que faz a identidade guineense, mas aproveitar tudo o que há de fundamental nela, para a melhor compreensão da mensagem evangélica.

---

<sup>95</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 909.

<sup>96</sup> H. P. REMA, *História das missões católicas da Guiné*, p 911.

### **2.3.2. Principais pontos de ação pastoral de D. Settimio para a construção do país**

Neste ponto, queremos pôr em evidência as dimensões mais relevantes da ação pastoral de D. Settimio, durante quase vinte e dois (22) anos do seu episcopado, sobretudo em relação à promoção social, em vista ao desenvolvimento integral do homem guineense e da promoção da dignidade da pessoa humana, isto é, a construção do país, partindo, como é óbvio, da ação evangelizadora. Mas antes de iniciarmos esta abordagem, queremos salientar que as dimensões mais relevantes da sua ação pastoral são: a dimensão intelectual (ensino), dimensão sanitária (saúde), promoção humana, através de vários tipos de formação, sem esquecer as outras dimensões, ou melhor, as realidades sociais, tais como: a questão dos salários dos trabalhadores, a questão do trabalho (desemprego), etc.

A elevação da Igreja guineense à dignidade de diocese foi muito importante para a continuidade do trabalho de evangelização, porque, a partir deste período, a Igreja fortificou ou intensificou a sua missão do anúncio da boa nova, criando novas missões no Sul como no Norte do país, entre os quais: Tite, Bedanda, Cafal, Empada, Caboxanque, Gabu, Buba, Catió, Bula, Ingore, Mansoa, Bajob, Betenta, Tubebe, Bigene, Utiacor, Bissorã etc<sup>97</sup>. Essas novas missões e as outras que já existiam antes da independência e da criação da diocese permitiram ou facilitaram a irradiação do evangelho para o interior do país, nas aldeias mais profundas ou mais distantes, atingindo, assim, o povo, através da catequese dos adultos, que foi promissora para o enraizamento da fé nesse território<sup>98</sup>.

Este período foi, igualmente, o período de grande esforço para um caminho diocesano em comum ou a unificação da ação pastoral, porque a criação da diocese permitiu também o influxo de várias congregações religiosas de diferentes países e culturas, sobretudo femininas, no país. E era necessário estabelecer algumas linhas fundamentais comuns da pastoral. O esforço e o empenho de todos permitiram a aprovação dessas linhas

---

<sup>97</sup> Cf. F. LONGO, *Os frades menores de Veneza na Guiné-Bissau anos de história para recordar (1955-2005)*, p 130.

<sup>98</sup> Cf. P. C. ZILLI, *Anuário de dioceses, de Bissau e Bafatá*, p 6.

de ação pastoral comum, em 1988<sup>99</sup>, ação que envolvia não somente os cristãos, mas também toda a sociedade guineense, sem distinção de classe e de religião.

A nível eclesial, foram organizadas várias assembleias diocesanas, para fixar os objetivos e propriedades da ação evangelizadora da Igreja. Por exemplo, a assembleia do pessoal missionário de 1991, onde foi possível fixar alguns elementos fundamentais, como a formação das comunidades vivas e a formação dos agentes de pastoral e valorizar o caminho do catecumenado, a curto prazo; a assembleia diocesana de pastoral de 1996, que assentou em dois objetivos: estabelecimento progressivo ou gradual da Igreja como família, formação de pequenas comunidades vivas, a inculturação e a formação de todos os agentes de pastoral e, sobretudo, dos agentes de pastoral familiar. A pastoral que suscitou, mais tarde, outros campos da missão, como a pastoral juvenil e de adolescência, diálogo inter-religioso e interétnico, para a justiça, a paz e a reconciliação na Guiné Bissau:

«numa diocese com missionários de uma dúzia de países e ainda no início duma caminhada como verdadeira Igreja particular, não é fácil nem rápido chegar-se à obtenção dum mesmo caminho pastoral, pelo menos seus aspetos mais fundamentais, ou seja, nos objetivos que se pretendem alcançar e nas ações concretas para os atingir. Isto em todos os domínios, seja na catequese, na administração dos sacramentos, na promoção social etc. Esse esforço da caminhada comum foi já concretizado em duas assembleias apenas do pessoal missionário (padres e irmãs), realizadas em 1987 e 1991. E acaba de ser alargado a toda a diocese (missionários e leigos), na 1ª assembleia diocesana de pastoral realizada de 24 a 29 de junho de 1996 em Bissau. Dessa assembleia diocese de 150 pessoas (mais de metade das quais eram leigos saíram algumas perspetivas verdadeiramente mobilizadoras para o futuro próximo desta diocese. Conseguiu-se identificar um objetivo geral pleno de sugestão: a construção de uma Igreja guineense que, em sintonia com o recente sínodo dos bispos para África e com a constituição apostólica “Igreja em África” possa ser cada vez mais uma Igreja, família de Deus. Identificaram-se também quatro objetivos específicos para os próximos anos: a constituição de pequenas comunidades vivas; a inculturação; a formação de todos os agentes de pastoral; pastoral familiar. Por decreto de 1 de setembro de 1996, esses objetivos (gerais e específicos), bem como algumas orientações pastorais concretas,

---

<sup>99</sup> Cf. P. C. ZILLI, *Anuário de dioceses, de Bissau e Bafatá*, p 6.

foram assumidos e promulgados pelo bispo D. Settimio Ferrazzetta, para valerem como caminho comum<sup>100</sup>».

Os diferentes pontos acima abordados mostram, de forma objetiva, a evolução progressiva ou gradual da Igreja na Guiné Bissau, sobretudo depois da Independência, com a criação da diocese autónoma de Bissau, o que nos permite afirmar que a Igreja guineense começou a formar-se objetivamente depois da independência, através do empenho de muitas congregações presentes no país, apesar da implementação do regime ou do governo laico de tipo marxista-leninista. Isto permitiu, igualmente, à Igreja contribuir muito para o desenvolvimento humano, através da evangelização, do ensino e da sua ação no campo social. Contribuiu e contribui, ainda hoje, para a estabilidade política e, sobretudo, para a democracia, a justiça, a paz, a reconciliação nacional e a erradicação da situação extrema de pobreza.

A Igreja sempre contribuiu para a situação sociopolítica da Guiné, no desenvolvimento integral do homem e na promoção do respeito da dignidade da pessoa humana, sem distinção de raça (etnia), de cor e religiosa, com consideração, respeito e liberdade. Isso desde início, mas sobretudo durante os 22 anos de episcopado de D. Settimio Arturo Ferrazzetta. Ele considerava sempre o povo guineense como um povo bondoso e pacífico, apesar de várias situações dramáticas que surgiram ao longo do tempo. Por isso, agir pastoralmente, com o objetivo de renovar as consciências dos guineenses, e fazê-los retomar e valorizar profundamente o que já têm como valores morais e éticos, seria uma contribuição enorme para o futuro do país.

«Nesta terra guineense, vive um grande e variado povo, que ama a paz, que tem um sentido profundo da festa como um valor que torna alegre a vida, que é hospitaleiro e que não conhece o racismo, que não desconhece o valor do trabalho duro da bolanha ou do rio e que luta, apesar de tudo, por uma reconstrução nacional que lhe possa estimular e promover o caminho de desenvolvimento. É um bem estimável aquele que se goza na Guiné-Bissau: o do sossego social, com ausência de qualquer conflito armado, que ensanguenta infelizmente tantos países além-fronteiras. Oxalá que esta possa ser sempre uma feliz esperançosa constatação! Existem porem motivos de forte inquietação que neste momento preocupam

---

<sup>100</sup> Cf. P. C. ZILLI, *Anuário de dioceses, de Bissau e Bafatá*, p 6.

muita gente, que ensombram um tanto o quadro social da Guiné-Bissau, e para os quais se deseja que possam ser atempadamente ultrapassados... salários frequentemente em atraso e geralmente insuficientes, falta de trabalho e delinquência crescente sobretudo nos centros urbanos, família que perdeu sua força formativa, saúde insuficientemente defendida quanto a medicamentos de primeira necessidade e hospitalização, delapidação ou mau uso dos bens públicos, autonomia do poder judicial e preocupante situação do ensino<sup>101</sup>».

Em relação à questão do atraso e da insuficiência dos salários e que muitas vezes permanecem sem pagar, D. Settimio estava consciente que não era fácil ultrapassar esta situação que, não somente viola a dignidade e os direitos fundamentais da pessoa humana, mas também impede o crescimento e o desenvolvimento do país. Por esta razão era urgente, quaisquer que fossem as consequências, lutar contra esta prática. A Igreja não pode ser indiferente a tal realidade, porque é uma situação moralmente inaceitável que desumaniza o povo. «Não queremos ser irrealistas nem usar de demagogia fácil, porque são várias e difíceis de ultrapassar as causas desta situação de facto. Mas não poderemos deixar de reconhecer que, sem este problema suficientemente resolvido, não haverá perspectivas para uma habitação condigna, para condições de vida mais humanas e mesmo para a fuga à corrupção e para a paz familiar e social<sup>102</sup>».

Em relação à falta de trabalho, como todos sabemos, quando, numa sociedade, a maioria da população está desempregada ou sem emprego fixo, esta sociedade corre um grande risco de submergir numa grave e lamentável situação de instabilidade social e de todas as formas de violência: assaltos armados e tantas outras injustiças que desrespeitam a dignidade da pessoa humana e impedem o autêntico desenvolvimento integral do homem. A questão do atraso dos salários é situação que induz facilmente o povo na corrupção, nas desigualdades, nas injustiças que favorecem o desequilíbrio social e a ausência da paz. E, como afirma D. Settimio, esta situação imprime nas consciências dos jovens, sobretudo, um caráter moralmente inaceitável para a coesão social. Esta dimensão está patente neste exerto:

«Outro campo onde o realismo e a tomada de consciência corajosa devem estar presentes. A falta de trabalho por vezes também de hábitos de trabalho, na ausência de critérios morais

---

<sup>101</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Diocese de Bissau carta pastoral, esperança num futuro melhor*, p 6-9.

<sup>102</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Diocese de Bissau carta pastoral, esperança num futuro melhor*, p 7.

sólidos, um número crescente de jovens vai enveredando pelo futuro (por vezes já com violência física), pela prostituição, etc. espera-se que o Estado, em união com as famílias, possa intervir com mais atenção, e se necessário com mais dureza, para dissuadir esta escalada nefasta e acreditar verdadeiramente a autoridade policial junto da opinião pública<sup>103</sup>».

A outra situação essencialmente preocupante para o futuro do país, segundo ele, é a saúde, um dos primeiros e fundamentais bens. Quando este bem é totalmente manipulado e dependente dos interesses pessoais e egoístas, os mais pobres ou fracos tornam-se cada vez mais oprimidos e marginalizados, como o caso da Guiné-Bissau, onde a corrupção se tornou uma regra de sobrevivência, porque o preço das consultas e dos medicamentos são muito elevados, o que impede os mais pobres de terem acesso a essas necessidades primárias e básicas. Muitas pessoas perdem a vida, não somente porque não têm possibilidade de pagar as consultas e medicamentos ou não são atendidas, mesmo sendo moribundos, mas também porque a maioria dos medicamentos e do material médico, destinados aos hospitais públicos e a toda a população, são desviados para as clínicas e farmácias privadas que fixam preços exorbitantes. Esta é uma das situações lamentáveis e moralmente inaceitáveis em que vivia e vive, ainda hoje, o povo guineense: «É a saúde o primeiro dos bens. Se ela for deixada demasiadamente sujeita à iniciativa particular e à lei da oferta e da procura, sem controlo rigoroso por parte das instâncias superiores competentes, os preços atingem limites tais, que a maior parte das pessoas não os pode alcançar. Alguns passos terão de ser dados para melhorar a situação presente<sup>104</sup>».

Esta situação tem como uma das causas fundamentais, não somente os interesses pessoais ou individuais, mas também a falta de sentido de amor ao próximo, da honestidade, da verdade, da caridade, da solidariedade, da justiça, dos valores morais e do respeito ou aplicação correta do princípio do destino universal dos bens, o que leva a que os mais poderosos ou as entidades políticas se apoderem, sem escrúpulos e sem vergonha, desses bens, deixando a maioria da população nas necessidades máximas e nas situações da mais extrema pobreza. Esta situação, segundo D. Settimio, é intolerável, porque não defende os valores humanos, sociais e morais. «Qualquer força organizada, como também

---

<sup>103</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Diocese de Bissau carta pastoral, esperança num futuro melhor*, p 7.

<sup>104</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Diocese de Bissau carta pastoral, esperança num futuro melhor*, p 9.

qualquer indivíduo, preocupados na defesa dos valores sociais e morais, não podem tolerar e devem denunciar todos os desvios de fundos públicos, delapidações, mau uso dos bens comuns<sup>105</sup>». Mas, infelizmente, na Guiné, a realidade é outra, porque a instituição jurídica, que podia lutar contra este fenómeno, é totalmente dependente da própria força política, o que a impede de exercer livremente e com transparência sincera a sua função, determinando as normas e leis que condenam rigorosamente tais atos: «que, cada vez mais, a justiça seja efetivamente transparente e independente do poder político-militar. Assim, cada cidadão se sentirá mais responsável e protegido<sup>106</sup>».

Todas as situações verdadeiramente preocupantes, acima referidas, têm como base ou raiz fundamental a profunda perda do sentido da formação familiar e social das crianças e jovens porque, com a modernidade, várias famílias tradicionais que eram verdadeiramente exigentes em termos da educação e da formação moral dos seus filhos e filhas, abandonaram essas tarefas em nome da liberdade e a consequência de tudo isso é a construção de uma sociedade sem referência moral e sem o espírito de amor ao próximo, de fraternidade, de solidariedade e de justiça. O que toma lugar neste sentido é o espírito de ego pessoal (egoísmo). E isso repercute-se nas outras áreas ou dimensões da vida.

«Tanto a família tradicional como a família cidadina, perderam em boa parte a sua força formativa. A formação bebida na família tradicional não encontrou substituto válido quando se viu ultrapassada pela nova situação social vivida sobretudo nas praças. A falta de critérios éticos consistentes, jovens e adultos viram-se confrontados com o vazio e o incerto e o individualismo passou então vir ao de cima: a solidariedade e o espírito de serviço foram sendo ultrapassados pelo lucro fácil a qualquer preço, pela insensibilidade e por vezes mesmo abandono dos alguns velhos ou deficientes, e por outros vários campos negativos, que podem ser constatados cada vez com mais clareza. Espera-se que a família e a escola possam vir a preencher o vazio formativo que se está verificando<sup>107</sup>».

A perda desses valores formativos e de critérios morais éticos desencadeou, ao longo dos tempos, várias consequências gravíssimas na organização e no equilíbrio social, sobretudo na área do ensino, que é fundamental para o desenvolvimento e para a construção

---

<sup>105</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Diocese de Bissau carta pastoral, esperança num futuro melhor*, p 9.

<sup>106</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Diocese de Bissau carta pastoral, esperança num futuro melhor*, p 9.

<sup>107</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Diocese de Bissau carta pastoral, esperança num futuro melhor*, p 8.

de qualquer país do mundo. Por esta razão, o governo tem obrigação de promover o ensino em todos os cantos do país. Ele deve fazer parte das prioridades de qualquer governo guineense, porque é uma obrigação moral e é necessário: «o ensino é um dos pilares fundamentais da construção de um país. Também na Guiné-Bissau o ensino deve renascer. Há motivos de esperança para isso. Qualquer pessoa de responsabilidade não deve só criticar, mas deve cooperar para o relançamento da qualidade da escola: estão empenhados o Estado, as organizações religiosas, os privados e as famílias<sup>108</sup>».

Perante estas várias situações, acima referidas, D. Settimio e toda a Igreja da Guiné, na sua missão continuadora da obra redentora de Cristo, quer dizer, na luta pela libertação plena do homem, através do anúncio do evangelho e do seu testemunho vivencial, não podiam ficar indiferentes, nem se obstinar frente a esta realidade, porque são chamados, pela sua vocação, a estabelecer o Reino de Deus no mundo: o Reino de paz, de amor e de alegria (salvação do homem). Este é o verdadeiro desígnio de Deus para com toda a humanidade. Eis uma das razões fundamentais que motivou D. Settimio e toda a Igreja da Guiné a empenhar-se sem medida, em união com toda a Igreja universal, na procura dos meios autênticos para a resolução dessas situações. E, como pastor da Igreja católica, a sua intervenção e o seu empenho não podiam fundamentar-se em qualquer doutrina ou unicamente na vontade pessoal. A Igreja possui uma riqueza inestimável que aborda com rigor e simplicidade essas situações. Logo, é com toda a certeza que a contribuição significativa de D. Settimio Arturo Ferrazzetta e, com ele, toda a Igreja da Guiné, está no processo de desenvolvimento da Guiné-Bissau em todos os níveis e dimensões da vida humana, pois tem como base a mensagem evangélica e a própria doutrina social da Igreja.

Numa das suas cartas pastorais afirmava claramente que a Igreja católica, apesar de não ter um remédio mágico para cada problema humano que surge no mundo, tem uma verdadeira doutrina social inspirada na revelação Bíblica, na reflexão de vários pensadores cristãos e na voz do magistério da Igreja, em relação às situações humanas e sociais. Ela é o resultado do confronto da nossa fé cristã com a vida concreta ou real do dia a dia dos homens e o memento da história de cada um. É o verdadeiro olhar sobre os problemas individuais, coletivos e, sobretudo, dos problemas sociais, à luz da mensagem de Cristo.

---

<sup>108</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Diocese de Bissau carta pastoral, esperança num futuro melhor*, p 9-10.

Logo, o verdadeiro conhecimento desta doutrina social e toda a tentativa de o pôr verdadeiramente em prática podem ajudar a resolver vários problemas sociais, políticos e económicos que abalam o mundo e sobretudo a sociedade guineense:

«A Igreja católica não tem o remédio mágico para cada problema humano surgido em qualquer parte do mundo. Ela não é perita em problemas técnicos, embora o seja em humanidade como disse o Papa Paulo VI. De facto, ela tem uma verdadeira doutrina social inspirada na revelação bíblica, na reflexão dos pensadores cristãos dos primeiros séculos e na voz autorizada dos papas sobretudo a partir dos fins do século XIX. A sua doutrina social é o resultado do confronto da fé cristã com a vida real dos homens em cada momento histórico. É o olhar dos problemas da vida individual e social à luz da mensagem clarificadora de Jesus. Conhecer esta doutrina social e sobretudo pô-lo em prática, poderá, também, na Guiné-Bissau, ajudar a resolver convenientemente muitos problemas, vistos sempre à luz do respeito que é devido a cada criatura humana<sup>109</sup>».

Por outras palavras, a doutrina social da Igreja é, para ele, um instrumento e meio eficaz para a resolução de vários problemas e dificuldades que alastram e violam quotidianamente a dignidade e os direitos humanos. A sua riqueza permite, não somente à Igreja, mas também a todos os homens, tomarem consciência das consequências gravíssimas que os seus próprios atos infligem aos povos. Ela permite, através das suas propostas concretas, construir uma sociedade justa e coerente, onde reine a paz e a fraternidade. Entre essas propostas, as mais relevantes para o verdadeiro e autêntico desenvolvimento da sociedade guineense, são: o respeito da dignidade da pessoa humana, o salário justo, o emprego fixo, o matrimónio e a família, a isenção do poder judicial e o bem-comum, porque permitem unificar a sociedade e evitar situações de divisões, de injustiças, de desigualdades, de tentações, de lutas desnecessárias, de conflitos e de situações de extrema pobreza, que desumanizam o povo guineense. E, retomando as palavras do concílio vaticano II, afirma que esses valores são fundamentais para o desenvolvimento de qualquer sociedade, porque, através deles, aumenta nos homens a consciência da supremacia da dignidade e dos direitos da pessoa humana, que são universais e invioláveis. A missão da Igreja, sobretudo particular, como da Guiné-Bissau, é de incentivar e convidar todos os homens a encarnarem nas suas vidas esses valores. Mas antes de o fazer, ela deve,

---

<sup>109</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Diocese de Bissau carta pastoral, esperança num futuro melhor*, p 11.

em primeiro lugar, ser testemunha desses valores, porque é necessário tornar acessível aos homens, não somente os valores, mas também, e sobretudo, o que necessitam para levarem uma vida digna, como: «alimento, vestuário, casa, direito de escolher livremente o estado de vida e de constituir família, direito à educação, ao trabalho, à boa fama, ao respeito, à conveniente informação, direito de agir segundo as normas da própria consciência, direito à proteção da sua vida e à justa liberdade, mesmo em matéria religiosa» (G S 26). Só assim é que cada pessoa ou o género humano pode atingir plenamente a sua perfeição e procurar sempre o bem de todos.

«Cada grupo deve ter em conta as necessidades e legítimas aspirações dos outros grupos e mesmo o bem comum de toda a família humana. Simultaneamente, aumenta a consciência da eminente dignidade da pessoa humana, por ser superior a todas as coisas e os seus direitos e deveres serem universais e invioláveis. É necessário, portanto, tornar acessíveis ao homem todas as coisas que necessita para levar uma vida verdadeiramente humana: alimento, vestuário, casa, direito de escolher livremente o estado de vida e de construir família.... A ordem social e o seu progresso, devem, pois, reverter sempre em bem das pessoas, já que a ordem das coisas deve estar subordinada à ordem das pessoas e não ao contrário... Essa ordem, fundada na verdade, construída sobre a justiça e vivificada pelo amor, deve ser cada vez mais desenvolvida e, na liberdade, deve encontrar um equilíbrio cada vez mais humano. para o conseguir, será necessária a renovação da mentalidade e a introdução de amplas reformas sociais.» (G S 26).

Consciente da importância fundamental desses valores para a consciencialização dos guineenses sobre a primazia da dignidade da pessoa humana e sobre qualquer preocupação ou interesses egoístas, afirma que é intolerável para os guineenses e, de forma particular, para as entidades políticas que são chamadas a guiar o povo, adotarem os comportamentos e atitudes que se opõem ao desenvolvimento integral do homem, em todas as dimensões da vida e transgridem a integridade da pessoa humana, como afirma o concílio vaticano II:

«são infames as seguintes coisas: tudo quanto se opõe à vida, como seja toda a espécie de homicídio, genocídio, aborto, eutanásia e suicídio voluntário; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, os tormentos corporais e mentais e as tentativas para violentar as próprias consciências; tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana,

como as condições de vida infra-humanas, as prisões arbitrárias, as deportações , a escravidão, a prostituição, o comércio de mulheres e jovens; e também as condições degradantes de trabalho, em que os operários são tratados como meros instrumentos de lucro e não como pessoas livres e responsáveis. Todas essas coisas e outras semelhantes são infamantes; ao mesmo tempo que corrompem a civilização humana, desonram mais aqueles que assim procedem, do que os padecem injustamente; e ofendem gravemente a honra devida ao criador» (G S 27).

Esses comportamentos e atitudes destruidoras devem ser combatidos em todas as sociedades e sobretudo na sociedade guineense. As entidades políticas e estruturas sociais, como a própria Igreja, devem estar permanentemente vigilantes e rigorosas nesta luta, para que a dignidade de todos os funcionários públicos, como das entidades ou estruturas privadas, seja rigorosa e escrupulosamente respeitada e valorizada, porque faz parte dos direitos humanos de cada homem. Logo, não deve ser explorado ou usado como meio de rendimento pessoal e egoísta. As estruturas e as entidades políticas devem, igualmente, ser vigilantes para que o valor do matrimónio e da família seja protegido, a fim de favorecer a sua verdadeira e autêntica natureza. «A autoridade civil há de considerar como um dever sagrado reconhecer, proteger e favorecer a sua verdadeira natureza, assegurar a moralidade pública e fomentar a prosperidade doméstica». (G S 52).

Mas, para que esse ensinamento valioso da Igreja seja respeitado e cumprido na sociedade guineense, é necessário o esforço de todos, não somente do governo ou das entidades políticas. Neste sentido, a Igreja da Guiné, como instituição religiosa, tem obrigação moral de partilhar, com todo o povo sem distinção de religião, as esperanças e os temores, as vitórias e as derrotas. A expressão jurídica dos católicos guineenses deve sentir-se ligada profundamente e em todos os momentos da sua existência, em tudo e por tudo, aos destinos deste povo da Guiné: «esta instituição religiosa da Guiné-Bissau compartilha todas as esperanças e os temores, as vitórias e as derrotas deste povo. É expressão jurídica dos católicos guineenses e sente-se ligada, em tudo e por tudo, aos destinos humanos deste povo da Guiné<sup>110</sup>». E acrescenta:

---

<sup>110</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Irmãos, dialoguemos, mensagem para o ano 1992*, p 1.

«A nota característica fundamental, que constitui o nosso código de vida, é vivermos como irmãos no meio de inúmeros outros irmãos muçulmanos ou de religião tradicional, com os quais compartilhamos a vida nesta terra e os bens materiais, e nos regozijamos com eles partilhando valores religiosos e morais: a Fé em Deus e os princípios éticos. Esta é a base sobre a qual, de comum acordo, podemos colaborar na futura sociedade guineense preconizada para 1992<sup>111</sup>».

As boas intenções e a boa vontade de D. Settimio Arturo Ferrazzetta, acima referidas, para o desenvolvimento integral, o respeito da dignidade da pessoa humana e a renovação da mentalidade do homem guineense, não permanecerão como ideias no ar ou nos papéis, mas procurará pô-las em prática, dedicando toda a sua vida, desde a sua chegada a esta terra da Guiné até à sua morte, através de ações concretas, visíveis e realistas, baseando-se sempre nos ensinamentos da Igreja. Como ele mesmo afirmou, não foi um defensor utópico, mas realista com coisas visíveis:

«nós somos defensores, não utópicos, mas realistas, de um caminho que nos conduzirá a todos a concretizar o que cada um deseja: uma revolução da sociedade sem abalos de nenhum tipo. O processo deve ser pacífico, dentro da legalidade. Só existe um caminho: é o diálogo.... Só o diálogo é capaz de esclarecer, de informar, de comunicar, de conduzir ao entendimento, de criar confiança mútua, de abrir caminhos para a colaboração entre as forças políticas, de levar à reconciliação<sup>112</sup>».

Esta é uma das razões pelas quais o seu dinamismo pastoral, como veremos mais tarde, estava orientado não somente para o anúncio da boa nova de Cristo, mas também e sobretudo para o campo social, através do ensino, da saúde e de várias formas de formação intelectual e humana, porque isso é um dos meios ou instrumentos eficazes e apropriados para a conversão dos corações e, sobretudo, para a transformação total dos guineenses. Mas, para atingir este objetivo, era necessário o testemunho verdadeiro da sua parte e da parte da própria Igreja, fazendo-se guineense com os guineenses e meter-se na história e na cultura do povo<sup>113</sup>, porque só assim é que ele podia anunciar a boa nova de libertação, conduzindo todos os homens guineenses ao desenvolvimento integral e ao respeito da dignidade da pessoa humana.

---

<sup>111</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Irmãos, dialoguemos, mensagem para o ano 1992*, p 1.

<sup>112</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Irmãos, dialoguemos, mensagem para o ano 1992*, p 2.

<sup>113</sup> Cf. J. COSTA, *Guiné Bissau, D. Septímio, pastor e pai, ação missionária, 1999*, nº 689, p 12.

D. Settimio Arturo Ferrazzetta estava profundamente convencido que é por meio de ações concretas e realistas que ele e toda a Igreja da Guiné podiam contribuir verdadeiramente para o crescimento e a renovação de todos, induzindo, ao mesmo tempo, nas consciências, uma nova visão e compreensão do amor ao próximo e o sentido do bem-comum. É por isso que a maior tarefa da Igreja guineense é a formação das consciências, com o objetivo de mudar ou transformar a mentalidade, porque um dos grandes fatores que induz o povo guineense nos confrontos e nos conflitos permanentes é a luta de interesses individuais egoístas que animam e motivam, sobretudo os políticos, à corrida ao poder, não ao bem-estar de todos. Isso desencadeou, por sua vez, um outro fator que é a má gestão do bem comum, a todos os níveis, tanto da parte do povo em geral como da parte das entidades políticas que visam o poder, não com o objetivo do bem de toda a sociedade, mas para o bem pessoal, familiar e o enriquecimento ilícito e abusivo. A luta contra essa mentalidade destrutora era umas das prioridades da sua ação pastoral e da sua vida quotidiana como pastor, razão pela qual dedicou toda a sua vida, durante vinte e dois anos, como bispo de diocese de Bissau, a promover uma evangelização centrada na realização e no desenvolvimento. Ele permitiu à Igreja da Guiné contribuir, com toda a sua força e capacidade, para a dignificação da pessoa humana, em todo o país. Todas as paróquias criadas neste período eram automaticamente pontos de referência da defesa da saúde e da promoção humana e da mulher, sobretudo onde existiam comunidades religiosas. Ele percebeu que a missão da Igreja não podia limitar-se unicamente ao aspeto doutrinal ou moral, mas a todas as dimensões da vida humana:

«num dos países que ainda figura entre os mais pobres do mundo, a evangelização não pode limitar-se a algo de meramente doutrinal ou vagamente moral, embora a própria mensagem evangélica já seja em si o primeiro e o maior fator de promoção de dignidade da pessoa humana. É necessário, no entanto, acorrer também às carências que afetam a vida das populações guineenses e que diariamente impedem muitas delas de acederem a uma vida realmente digna, a nível da educação e dos cuidados básicos de saúde. É por isso que a diocese tem colaborado, à medida das suas capacidades, neste esforço por auxílio à dignificação da pessoa humana, tanto nas cidades como no interior o país. Geralmente- e é fácil de o poder verificar- uma missão é também automaticamente um pequeno ponto de

referência para a defesa da saúde ou para a promoção da mulher, sobretudo onde se encontram religiosas<sup>114</sup>».

E, como se pode notar no que foi referido, a preocupação fundamental de D. Settimio e da Igreja da Guiné, era o desenvolvimento integral do humano e o verdadeiro respeito da dignidade da pessoa humana, porque isso é, não somente a missão da Igreja no mundo, mas também e, sobretudo, o desígnio de Deus. Jesus passou a fazer o bem, a libertar os oprimidos e marginalizados de todas as formas. E a Igreja, como continuadora da obra salvífica de Cristo, não pode ignorar os problemas e dificuldades que abalam o mundo. Consciente disso, D. Settimio fixou, como objetivos e prioridades da sua missão evangelizadora na Guiné, o crescimento humano e espiritual dos guineenses. Objetivos esses, realizados através da colaboração significativa dos missionários e de todos os cristãos leigos. E, nessa realização, duas dimensões da vida humana (ou campos) foram essencialmente prioritários: a saúde e a educação.

Em relação à primeira dimensão que é a saúde, D. Settimio dedicou a sua pastoral, em colaboração com todas as congregações missionárias presentes no país, à criação de vários postos de saúde que serviam e servem, ainda hoje, para promover a saúde da população local, ocupando-se das questões básicas. Ele acreditou na saúde, porque, como sabemos todos, sem saúde não podemos falar, desejar ou sonhar num futuro melhor, na formação autêntica dos povos. Esta é uma das razões pelas quais ele aceitou, desde a sua chegada à Guiné, tomar conta da leprosnaria de Cumura, antes da independência. E depois da independência, como bispo, incentivou e apoiou a construção desses centros de saúde.

«Além de três hospitais de maiores proporções e duma leprosnaria, estão sob responsabilidade das missões católicas uma trintena de pequenos centros, onde diariamente as pessoas acoem e onde bebés desnutridos ou adultos com toda a sorte de doenças ou problemas, vêm procurar alívio, está-se procurando para todos estes centros um modo comum de atuação e uma definição clara do papel que devem desempenhar, integrados naturalmente também nas preocupações e nas diretrizes das autoridades do país para a saúde<sup>115</sup>».

---

<sup>114</sup> J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 79.

<sup>115</sup> J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 80.

Ele acreditou, igualmente, no ensino, porque, para ele como para todos, a educação é um dos meios ou instrumentos da formação das consciências e da transformação das mentalidades. Ela é fundamental para o desenvolvimento de qualquer país do mundo. Ignorar esta dimensão ou ser indiferente a ela é ser indiferente ao desenvolvimento integral do homem e à promoção da dignidade da pessoa humana, quer dizer, ao futuro do povo. A sua dedicação à formação intelectual e humana dos homens guineenses tinha, como um dos objetivos fundamentais, a renovação das consciências e da mentalidade, sobretudo egoísta e personalista. Logo, as escolas não foram somente meios de evangelização ou de transmissão dos valores cristãos, mas também dos valores universais, como: a gestão correta, honesta, justa e verdadeira dos bens comuns e o respeito dos direitos humanos (a promoção da dignidade da pessoa humana). Para que isso seja concretizado, D. Settimio procurou criar escolas no país e enviar igualmente muitos jovens, através das bolsas, a estudarem fora do país, quer dizer, na Europa, para que a Guiné pudesse dispor de homens cultos e preparados intelectual e humanamente para o seu verdadeiro desenvolvimento em todas as dimensões. Lutou, igualmente, para que as escolas católicas nacionalizadas no momento da independência fossem devolvidas à Igreja, e, com a colaboração de todos os missionários, foram criadas várias escolas, desde o jardim infantil até às escolas da formação técnica, como CIFAP de Bula e de Bissau.

«Nos primeiros anos após a independência verificou-se uma espécie de alegrias pelas atividades escolares. Hoje, após a devolução por parte do governo de uma dezena de escolas que antes pertenciam às missões, está-se redescobrimo a importância da escola tanto para a promoção social como para a evangelização. Caminha-se claramente para o reassumir de algumas escolas, devolvidas ou a devolver pelo Estado, em regime do ensino particular, envolvendo os pais e os responsáveis da educação na manutenção e no pagamento da escola. A diocese possui já um liceu diocesano e duas escolas profissionais médias; aceitou, como se disse, a devolução e a direção de uma dezena de escolas infantis e primárias. E começou a desenvolver, com resultados bem animadores, vários cursos de alfabetização integrada para mulheres, em diferentes missões. Aí se juntam noções básicas de leituras, escrita, bem como cuidados primários de higiene e conhecimentos práticos de costura e bordados. Amigos das missões permitiram até hoje um número muito significativo de bolsas; mais de 200 guineenses estudaram fora da Guiné com bolsas alcançadas pela diocese. Hoje, porém, as bolsas continuam a ser dadas, mas para estudar dentro do país: no

liceu João XXIII, ou nas faculdades de medicina e direito em Bissau. A opção por este auxílio dentro do país pretende conscientemente contrariar a tendência de bastantes bolseiros em não desejarem regressar ao país após a conclusão do curso, não ajudando assim diretamente à luta local por condições de vida melhores para toda a população<sup>116</sup>».

Tudo o que foi referido, como palavras e obras, na dimensão social, que engloba as outras dimensões entre as quais a organização política, económica e jurídica, leva-nos a afirmar, sem engano, que D. Settimio foi um homem, não somente de boas ideias morais e éticas e que tinha a coragem de denunciar as injustiças, as desigualdades e a imoralidade, mas sobretudo o homem muito realista e muito concreto. Ele denunciava e propunha ao mesmo tempo os novos caminhos e as vias para a resolução desses problemas. E, para que o seu empenho não permanecesse nessas boas ideias, tentou realizar e pôr em prática, durante toda sua vida, o que ele mesmo propunha, porque um dos objetivos essenciais do anúncio da boa nova de salvação é a libertação total do homem, em todas as dimensões da vida humana, sobretudo o desenvolvimento integral do homem que envolve a sua promoção. Esta é uma das razões pelas quais D. Settimio não cessou de orientar a sua ação pastoral e de toda a Igreja da Guiné neste sentido, porque a ação pastoral é uma das vias ou caminhos da formação e da renovação das consciências, como o ensino e a saúde. A sua profunda e inestimável contribuição no desenvolvimento da Guiné-Bissau, em todas as áreas, é o fruto do seu incansável empenho e de todos os missionários, inclusive dos fiéis. Este empenho e dedicação deu-lhe, igualmente, a força e a vontade de lutar e promover a paz social, sobretudo durante vários conflitos, entre os quais o mais relevante é o de 1998, que se seguiu à sua morte, sempre na procura da paz.

### **2.3.3. Perfil espiritual**

Em relação ao seu perfil espiritual, não temos grande matéria sobre esta questão, mas podemos dizer alguma coisa, baseando-nos nas suas afirmações. D. Settimio nasceu e cresceu numa família profundamente religiosa e católica. Como ele mesmo afirmou, numa das entrevistas, na sua família a oração era um dos princípios fundamentais da vida

---

<sup>116</sup> J. D. VICENTE, (... et al), *Breve história da evangelização da Guiné*, p 80.

quotidiana, seja a oração matinal que a mãe sempre lhes exigia, a fim de pedir a Deus para que o dia fosse agradável, seja a oração do terço, à tarde. A sua mãe insistia e fazia tudo, igualmente, para que não faltassem a nenhuma formação religiosa, como: catequese na paróquia, as celebrações Eucarísticas, a adoração ao Santíssimo e todas as atividades religiosas deste género. As suas vidas desenvolviam-se neste ambiente de recolhimento, de oração, de tensão espiritual. Isso fazia parte dos princípios fundamentais da família, porque eram valores morais encarnados pelos seus próprios pais e que queriam transmitir generosa e continuamente aos seus queridos filhos<sup>117</sup>.

Esta afirmação leva-nos a dizer, como é evidente, que D. Settimio, graças aos seus pais, cresceu com bases espirituais sólidas que lhe permitiram permanecer sempre em comunhão com Deus. A prova disso é a sua força, empenho e dedicação incansável e preferencial aos pobres, aos marginalizados, aos oprimidos, aos excluídos, sem esquecer o resto do povo. O seu empenho e dedicação pelos outros não se limitou unicamente aos aspetos externos, ou simplesmente mundanos, como: o desenvolvimento humano, intelectual, cultural e social do povo, mas também e, sobretudo, do crescimento espiritual de todos, inclusive dele mesmo, dos missionários e de todos os que trabalhavam para o progresso do país e para a expansão da boa Nova de Cristo. Um verdadeiro e autêntico crescimento espiritual era, para ele, um fator absolutamente necessário e indispensável para todos, sobretudo os missionários e missionárias, sacerdotes e todos os colaboradores leigos, porque a autenticidade e eficácia da ação evangelizadora de qualquer deles dependia da sua íntima relação e comunhão com Deus. Eles necessitavam de uma profunda evangelização que se realiza através dos momentos de retiros, de reflexões, de discernimento e de oração. Por isso, era necessário um lugar apropriado para esses momentos de revisão espiritual. Isso levou-o a criar, em N'Dame, um centro de Espiritualidade<sup>118</sup>. E numa das suas cartas dirigidas ao presidente da ação Católica numa paróquia romana, em 1964, afirma: «peço-vos a todos, insistentemente, apenas uma coisa: não apenas trabalhar e recolher meios e

---

<sup>117</sup> Cf. F. LOPES, *Monsignor Settimio Arturo Ferrazzetta, testimone di pace in Guinea Bissau*, p 30-31.

<sup>118</sup> Cf. F. LONGO, *Os frades menores de Veneza na Guiné-Bissau anos de história para recordar (1955-2005)*, p 130.

vestuário para a missão de Cumura, mas sobretudo rezar pela Missão, porque vestir uma pessoa nua é fácil, mas convertê-la... é apenas obra da graça de Deus<sup>119</sup>».

Os vários fatores, que já referimos, mostram explicitamente as bases fundamentais da espiritualidade de D. Settimio, que se traduziam nas suas ações concretas do dia-a-dia. E podemos dizer que a eficácia e autenticidade da sua força dinamizadora, do seu empenho e da sua dedicação pastoral para o desenvolvimento de todos têm como base a vida interior (espiritual) e a sua comunhão permanente com Deus. Ele era um homem profundamente espiritual, o que alimentava sempre o seu desejo de fazer o bem pelos outros na gratuidade e na esperança permanente da ação de Deus nos corações dos guineenses e na transformação ou renovação das consciências desse povo. Esta dimensão espiritual foi reconhecida por todos. O prefeito Apostólico, na sua carta dirigida ao ministro provincial dos franciscanos, afirmou explicitamente: o «P. Settimio é santo. Ótima maneira de ser e atividade infatigável são as suas principais virtudes. Mas ele tem todas as virtudes em grau considerável<sup>120</sup>». E, na sua homilia da celebração Eucarística do aniversário dos 25 anos da ordenação sacerdotal do padre Settimio, acrescentou: «modelo e exemplo para todos: religiosos, crentes e não crentes, (...) nestes vinte e um anos de vida missionária o p. Ferrazzetta tornou credível a mensagem evangélica na Guiné, terra que ele escolheu como sua segunda pátria, para que também aqui Cristo fosse conhecido e amado. Sua serena humildade, sua prudente reserva, sua incondicional dedicação alcançaram-lhe a estima, a amizade, a simpatia, o carinho de todos, em particular dos pobres e dos doentes para os quais sempre está pronto a sacrificar-se<sup>121</sup>».

Por outras palavras, segundo o nosso parecer, baseado nos diferentes e vários aspetos que foram referidos ao longo deste capítulo, D. Settimio foi um pastor que se preocupava essencialmente com o crescimento autêntico e verdadeiro das suas ovelhas e de todo o povo ou sociedade, no meio da qual essas ovelhas viviam e dela faziam parte integrante. Isso, em todos os níveis: humano, cultural, sanitário, intelectual e social. Foi

---

<sup>119</sup> F. LONGO, *Os frades menores de Veneza na Guiné-Bissau anos de história para recordar (1955-2005)*, p 135.

<sup>120</sup> F. LONGO, *Os frades menores de Veneza na Guiné-Bissau anos de história para recordar (1955-2005)*, p 134.

<sup>121</sup> F. LONGO, *Os frades menores de Veneza na Guiné-Bissau anos de história para recordar (1955-2005)*, p 134-135.

igualmente um pastor atento às necessidades do povo e à capacidade de agir pastoralmente em relação a essas necessidades. É por isso que não se baseou muito nos documentos ou cartas pastorais, apesar de ter elaborado alguns. Ele privilegiava mais o contacto e o diálogo pessoal com todos, sem distinção de classe nem de religião.

Foi um pastor que sempre acreditou na ação e na eficácia da própria mensagem evangélica. Para nós é o modelo do pastor, do qual falava Jesus no evangelho de São João, capítulo décimo. O pastor conhece as suas ovelhas e as suas ovelhas conhecem-no: «Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem» (Jo 10, 14). Mas isso só pode acontecer quando o pastor abre o seu coração, se aproxima e vive com as suas ovelhas. Um homem que foi capaz, apesar da sua fragilidade humana, de tentar viver em concreto o que acreditava, o que ensinava e o que ele mesmo exigia aos outros, como a pastoral de exclusão, quer dizer, orientar a sua ação pastoral para pobres, excluídos, marginalizados e oprimidos. Um pastor sempre alegre e que procurava transmitir essa alegria a todos os que dele se aproximavam. E, como já referimos, privilegiava mais o diálogo do que o confronto; mas isso não o impedia de denunciar o mal ou as injustiças. Um pastor corajoso, capaz de enfrentar dificuldades juntamente com o povo, procurando sempre as vias e caminhos viáveis para uma autêntica solução.

### Capítulo III

#### Contribuição de um homem da Igreja para a construção de um país

Conforme foi referido no capítulo precedente, D. Settimio foi um missionário e um pastor profundamente ativo e atento às necessidades essenciais do povo, por meio do anúncio do Evangelho, contribuindo autenticamente para o desenvolvimento integral do homem e a promoção da dignidade da pessoa humana. Mas a questão que se coloca é: em que medida a promoção humana é evangelização? Que articulação existe entre o evangelho e a promoção humana? Para muitos (cristãos), diz Walter Kasper, as duas realidades são absolutamente distintas uma da outra, o conteúdo evangélico não tem nada a ver com a vida concreta e a verdadeira realidade humana. Baseando-se na visão de K. Rahner, segundo a qual a “fórmula abreviada do cristão é auto doação gratuita de Deus aos homens”, afirma que toda a realidade aponta para Cristo e tem como fim (meta) a salvação<sup>122</sup>, porque se considerarmos o universo (mundo) como criação de Deus, significa considerá-lo como imagem e semelhança de Deus. E o homem, pela sua natureza humana de criatura, goza de dignidade inviolável independentemente da sua raça e cultura<sup>123</sup>. O que significa que a promoção humana e o desenvolvimento integral do homem fazem parte integrante da missão da Igreja. E como afirma o Papa Paulo VI, qualquer obra evangelizadora que omite uma das duas dimensões - evangelização e promoção humana -, significa ignorar o verdadeiro conteúdo evangélico sobre o amor ao próximo em dificuldade e em necessidade:

«Entre evangelização e promoção humana, desenvolvimento, libertação, existem de fato laços profundos: laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não um ser abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto de problemas sociais e económicos; laços de ordem teológica, porque não se pode nunca dissociar o plano da criação do plano da redenção, um e outro abrangem as situações bem concretas da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada; laços daquela ordem eminentemente evangélica, qual é a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem?... É impossível aceitar “que a obra da evangelização possa ou deva

---

<sup>122</sup> Cf. W. KASPER, *Teología e Iglesia*, Herder editora, Barcelona, 1989, p 325.

<sup>123</sup> Cf. W. KASPER, *Teología e Iglesia*, p 246-247.

negligenciar os problemas extremamente graves, agitados sobremaneira hoje em dia, no que se refere à justiça, à libertação, ao desenvolvimento e à paz no mundo. Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do evangelho sobre o amor ao próximo que sofre ou se encontra em necessidade» (E.N 31).

A promoção humana é uma das dimensões privilegiadas da ação evangelizadora e, como afirma o Papa João Paulo II, «A Igreja é perita em humanidade, e isso impele-a necessariamente a alargar a sua missão religiosa aos vários campos em que os homens e as mulheres desenvolvem as suas atividades em busca da felicidade» (SRS 41). «Como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder, Ele que passou fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com Ele» (Act 10,38). A Igreja alcança a plenitude da sua missão quando realiza e atua, sinceramente, no âmbito social e no mundo com todas as suas realidades. A salvação e a redenção têm a ver não somente com o âmbito privado e pessoal do homem, mas também da dimensão sociopolítica. Jesus é a nossa paz (Ef 2, 14) <sup>124</sup>. A dignidade humana, quase divina, baseada na ideia da criação, faz referência a Deus, o que faz verdadeiramente sentido a universalidade da mensagem evangélica. Ela não é uma realidade estranha ou oposta à realidade humana <sup>125</sup>. Por outras palavras, apesar da promoção humana ou social não ser automaticamente evangelização, no entanto é uma das dimensões nucleares (centrais) e incontornáveis da evangelização. Segundo Ginés Garcia Beltrán, «a dimensão social da evangelização é uma dimensão profundamente essencial, sem a qual estaremos a mutilar o conteúdo evangélico ou o próprio evangelho e a sua verdadeira transmissão. Se ela não está explicitamente clara, corremos o risco de desfigurar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora, porque no centro do conteúdo evangélico está a vida comunitária e o compromisso pelos outros. Logo, é profundamente contraditório anunciar o evangelho ou a Boa Nova de Cristo, opondo, ao mesmo tempo, a sua dimensão social. A dimensão social não é um acrescento a modo de epílogo da mensagem evangélica <sup>126</sup>.». O serviço da caridade efetiva ao próximo, à compaixão que compreende, assiste e promove, é igualmente uma das dimensões essencialmente constitutivas da missão da Igreja e expressão irrenunciável da

---

<sup>124</sup> Cf. W. KASPER, *Teología e Iglesia*, p 291.

<sup>125</sup> Cf. W. KASPER, *Teología e Iglesia*, p 247.

<sup>126</sup> Cf. G. Garcia BELTRÁN, *La dimensión de la evangelización en la Exortación Apostólica Evangelii Gaudium*, in *Scripta Theologica*/ Vol 46.2, Granada, Espanha, 2014, p 463- 467.

sua própria essência e da sua natureza. A dimensão social faz parte integrante da revelação, logo, a obra evangelizadora não pode excluir a realidade social<sup>127</sup>. Para cada cristão, a preocupação pelos outros deve ser um dos elementos centrais da sua vivência, porque isso faz parte da essência da própria fé. A visão cristã sobre a realidade social tem, como critérios fundamentais, a dignidade da pessoa humana e o bem comum. É por isso que a Igreja, na sua vocação evangelizadora, deve procurar o bem do homem, em todas as dimensões da vida, porque o anúncio evangélico envolve o homem na sua totalidade e plenitude<sup>128</sup>.

Analisando pastoralmente a situação dos afro-colombianos, Naftaly Mung'athia Matogi afirma que a Igreja, sendo o prolongamento da ação de Cristo, que procurava sempre libertar integralmente o ser humano da realidade opressora e das estruturas do pecado que o desumaniza, ela deve pôr em prática aquilo que é a verdadeira essência da sua missão, que é a evangelização integral e transformadora<sup>129</sup>, porque o próprio evangelho é proposta de libertação integral que não se limita unicamente à dimensão económica, política, social e cultural, mas inclui o homem todo ou na sua integridade, inclusive a sua abertura ao absoluto que é Deus<sup>130</sup>. E como afirma o Papa Francisco, na sua exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* «Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente» (E G 76); qualquer ação evangelizadora que ignora esta finalidade, corre o risco, como já referimos, de desfigurar o sentido autêntico e integral desta obra evangelizadora (Cf. E G 76). A redenção humana tem um sentido social, porque «Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também, as relações sociais entre os homens... o próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem salvar-nos sozinhos. A partir do coração do evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora» (E.G 178).

---

<sup>127</sup> Cf. G. Garcia BELTRÁN, *La dimensión de la evangelización en la Exortación Apostólica Evangelii Gaudium*, p 467- 469.

<sup>128</sup> Cf. G. Garcia BELTRÁN, *La dimensión de la evangelización en la Exortación Apostólica Evangelii Gaudium*, p 480.

<sup>129</sup> Cf. N. M. A. MATOGI, *Fundamentos teológico- pastorales de una pastoral afro-colombiana*, in reflexiones teológicas 8, Bogotá, Colômbia, 2011, p 79.

<sup>130</sup> N. M. A. MATOGI, *Fundamentos teológico- pastorales de una pastoral afro-colombiana*, p 83.

Qualquer obra evangelizadora que não põe no centro da sua ação “todos os homens e o homem todo” é uma obra falhada: «sabemos que a evangelização não seria completa, se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que fazem constantemente o evangelho e a vida concreta, pessoal, social, dos homens» (E.G 181). Na medida em que o Reino de Deus, que anunciamos, consiga reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz e da promoção da dignidade da pessoa humana (Cf. E.G 180). Isso leva-nos a afirmar, explicitamente, que a evangelização e promoção humana estão intimamente ligadas uma à outra, porque o Evangelho e a vida humana ou realidade mundana que envolve a vida humana, caminham juntos. Uma obra evangelizadora que não envolve ou não está ligada à realidade humana é uma evangelização abstrata.

### **3.1. A sua visão sobre a realidade política da Guiné**

O olhar de D. Settimio sobre a realidade sociopolítica guineense foi sempre um olhar de esperança, uma realidade em construção e que precisava necessariamente duma sincera orientação, a fim de purificar várias convicções e vários sistemas incompatíveis com os próprios valores guineenses e universais, porque, segundo ele, a transição feita entre o regime colonial português e o novo regime que vigorou depois da independência não ajudou a criar um espírito de comunhão e de reconciliação entre os combatentes da libertação do PAIGC e o resto dos combatentes que lutaram por Portugal. Esta situação suscitou, no quadro político, o espírito de ódio, de confrontos e de luta permanente pelo poder, o que suprimiu totalmente o desejo de diálogo. O outro apelo importante que continua a criar a divisão no quadro político guineense é a luta de interesses que perpetua os conflitos e violências no país. Isso, porque não há justiça social, pois cada um faz a sua própria justiça. Para ele, todos esses fatores é que impedem a implementação da verdadeira democracia, da mudança e da paz na Guiné Bissau.

Por outras palavras, a situação sociopolítica da Guiné Bissau construiu-se na base das ideias maquiavelistas, com os seus nefastos princípios e cálculos, que são: fraude ou desvio dos bens comuns, a não transparência na gestão desses bens, a mentira, o engano, a ditadura, a hostilidade e a violência. E, para além dessas ideias maquiavelistas, a política

guineense desenvolve-se, igualmente, com uma paixão política desordenada, considerando-se como democracia, o que alimenta as rivalidades e confrontos. Eis as razões pelas quais ele nunca cessou de solicitar às entidades políticas e a todos os guineenses a desenvolverem o espírito de honestidade, de verdade e o sentido do bem comum. Esses valores devem estar particularmente presentes na vida de todos os guineenses, disse ele na sua carta pastoral: “a esperança num futuro melhor” de 1994, no período da preparação para as eleições<sup>131</sup>, porque todos esses valores, e sobretudo o sentido do bem comum exigem, segundo ele, que todos participem nas eleições, estando preparados e esclarecidos sobre os direitos e deveres do exercício da liberdade democrática. O povo não pode continuar a ser enganado com boas palavras, pondo toda a sua esperança nessas palavras enganadoras. Se os diferentes partidos fossem capazes de possuir e defender os verdadeiros valores morais como a verdade, a honestidade, a transparência e o respeito da dignidade humana, a situação política da Guiné seria outra, porque o povo guineense, apesar de muitos não terem conhecimento da realidade política, têm um profundo sentido da verdade e da justiça<sup>132</sup>.

Segundo ele, todos os políticos e entidades políticas guineenses deviam ser portadores desses valores, porque o ser humano, com toda a sua dignidade inviolável, é o valor supremo feito à imagem e semelhança de Deus; logo, não pode estar, em nenhum momento, em segundo plano de toda a ação político-social. Mas esta realidade parece-nos estar longe da preocupação dos políticos guineenses que substituíram o ser humano pelos interesses egoístas, desumanos e desonestos. Esta situação desespera, totalmente, o povo guineense que desejava um governo capaz de exercer o poder, como serviço feito a todos, sem distinção étnica e de classes. Por esta razão, é necessário o esforço de todos a fim de mudar não somente a mentalidade, mas construir também uma sociedade consciente e politicamente honesta, que encarna a verdade. É necessário, igualmente, dizia ele, uma formação autêntica e total do homem guineense, sobretudo dos jovens, para que o país possa prosseguir verdadeiramente o caminho de desenvolvimento. adotando uma política que valorize profundamente os princípios morais e éticos, como: o respeito e o desenvolvimento do homem em todos os níveis da sua vida, a retidão, a justiça, o diálogo, a

---

<sup>131</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Diocese de Bissau carta pastoral, esperança num futuro melhor*, 1994, p 1.

<sup>132</sup> Cf. S. A. FERRAZZETTA, *Mensagem por ocasião do encontro da paz, do dialogo e da fraternidade*, Bissau, 1994, p 1.

transparência e a realização correta da distribuição dos bens comuns, porque permitem erradicar o espírito de corrupção que se tornou uma regra ou meio de enriquecimento abusivo neste país. Esta mentalidade, que guia os políticos guineenses, deve ser purificada, a fim de promover sinceramente a unidade nacional que passa necessariamente pela luta contra o tribalismo, um dos fatores da degradação da situação da Guiné. É necessário, igualmente, neste sentido, uma nova libertação do povo do sistema político baseado no triunfo egoísta e no prestígio pessoal. É preciso pensar politicamente no triunfo comum, através de uma política diferente, baseada na verdadeira democracia que é o valor universal<sup>133</sup>.

Segundo D. Settimio, neste contexto, as autoridades e sobretudo os políticos guineenses necessitam duma ajuda moral que lhes permita compreender e interiorizar o verdadeiro sentido da política e dos objetivos fundamentais ou essenciais que ela envolve, porque o poder que o povo confia a cada um deles pelos votos não deve ser compreendido como propriedade pessoal ou privada que dá possibilidade de gozar dos privilégios que isso lhes concede com arrogância para explorar o mesmo povo e se enriquecer abusivamente, mas sim, como um serviço com toda a liberdade, verdade e honestidade. Isso deve ser claro para todos os guineenses e de forma particular para os políticos. Cada um deve saber que não está no governo por conta própria e para bem-estar pessoal e familiar, mas ao serviço do povo inteiro que o elegeu<sup>134</sup>. «Chi arriva al potere e governa, si tratti dell'uno o dell'altro, deve avere un punto chiaro, anzi chiarissimo: noi siamo qui per fare un servizio al popolo, un servizio! Non siamo qui per impossessarci delle ricchezze e parlare con arroganza<sup>135</sup>».

A política não deve fundamentar-se na mentira, no espírito de ganância, no egoísmo, na desonestidade e na corrupção, mas sim na verdade e na justiça. Ela deve ter como centro e fundamento da sua ação, da sua atuação e da sua preocupação, o homem. É por isso que todo o poder político de qualquer país e especialmente na Guiné Bissau, deve ser pensado e compreendido por todos como um serviço à comunidade humana:

---

<sup>133</sup> Cf. F. LOPES, *Monsignor Settimio Arturo, Ferrazzetta, testimone di pace in Guinea Bissau (1924-1999)*, L'Harmattan Itália Srl, 2013, p 87.

<sup>134</sup> Cf. F. LOPES, *monsignor Settimio Arturo, Ferrazzetta, testimone di pace in Guinea Bissau (1924-19999)*, p 90.

<sup>135</sup> F. LOPES, *Monsignor Settimio Arturo, Ferrazzetta, testimone di pace in Guinea Bissau (1924-19999)*, p 90.

«A conclusão é evidente: os governantes não procurem o próprio bem-estar ou o enriquecimento, mas, sim, o bem-estar de todo o povo, tentando satisfazer as suas exigências. O bem comum exige um Estado atento a manter a paz social, o abastamento alimentar, os salários convenientes, o apoio à produção agrícola, artesanal e industrial, a dar solução aos problemas relacionados com a educação, a saúde, a segurança social. O bem comum exige também autoridades regionais e locais aptas a resolver os problemas do meio ambiente em que vive a população, nomeadamente o fornecimento suficiente de água e luz, a limpeza pública e os esgotos<sup>136</sup>».

Todo o sistema político que ignora ou recusa esses valores cai necessariamente no egoísmo, no espírito de ganância, como já referimos, e no protagonismo orgulhoso, o que fomenta, como é óbvio, a semente de guerra, de desordem e desequilíbrio total. A mentira não salva a sociedade, a injustiça tudo destrói: a vida humana e os bens<sup>137</sup>. Para pôr em prática essas ideias, D. Settimio não se cansava de solicitar, convidar e incentivar os cristãos a participarem ativamente no desenvolvimento integral do país, sendo, ao mesmo tempo, vigilantes e testemunhos do evangelho, agindo sempre segundo os valores morais e evangélicos no meio da sociedade, em todas as suas atividades: escola, emprego, campo, saúde e política. Convidou, igualmente, os cristãos a cultivarem, profundamente, o espírito do amor ao próximo, de solidariedade, de caridade e de fraternidade, sem distinção étnica nem religiosa e prestar atenção sobretudo aos desprotegidos, marginalizados e pobres:

«Caros irmãos na fé, possa esta carta incentivar-vos a participar ativamente no desenvolvimento integral desta terra e de modo particular no momento sociopolítico que estamos atravessando. Em todas as vossas atividades (escola, emprego, campo, saúde, participação política) procurai agir sempre de acordo com os valores do evangelho. Praticai a solidariedade cristã, dum modo especial com mais desprotegidos, sem olhar a religião ou categoria social. Recorrei, quando o achardes possível, à formação de associações profissionais católicas, de modo a melhor vos auxiliardes mutuamente. Escolhei em consciência a pessoa e o partido político que melhor vos pareçam salvaguardar o bem-comum e que respeitem algumas normas objetivas, nomeadamente: que não sejam de plataforma étnica, confessional ou de categoria social; que não sejam fundamentalistas ou extremistas; que sejam uma pessoa ou um partido com um projeto político aberto, isto é,

---

<sup>136</sup> Cf. S. A. FERRAZZETTA, *Diocese de Bissau carta pastoral, esperança num futuro melhor*, 1994, p 19.

<sup>137</sup> Cf. S. A. FERRAZZETTA, *São António de Bandim missa de agradecimento pelo fim da guerra*, 1998, p 1.

sem exclusivismos ou extremismo, onde o seu fundamento esteja na própria força e valor moral do próprio programa, devidamente clarificado<sup>138</sup>».

Em suma, como já referimos, a visão de D. Settimio Arturo Ferrazzeta, sobre a realidade política guineense, é uma visão de esperança num futuro sempre melhor, mas essa esperança não o impediu de assinalar e denunciar os vários fatores que estão na base do disfuncionamento e da instabilidade política permanente no país, como: a mentira, o espírito de ganância, o egoísmo, a arrogância, a corrida ao poder com a intenção de enriquecer, do bem-estar pessoal ou familiar, a transformação do poder, a propriedade privada e o protagonismo orgulhoso que levam os políticos a esquecerem-se que o poder é para servir todo o povo.

Por esta situação, ele propunha como caminho viável deste problema, a verdade, a justiça, a honestidade, a transparência e clareza nos programas de todos os concorrentes ao poder, a erradicação do espírito de manipulação e colocar, no centro de todo o processo ou sistema político guineense, o ser humano. Deve estar claro para todas as entidades e grupos políticos que o objetivo fundamental deste lugar é o serviço, através da aplicação correta e verdadeira do princípio do destino universal dos bens e não à apropriação dos mesmos, o que exige necessariamente a construção e a nova libertação do homem guineense, através da educação e de todas as formas que ajudam a consciencializar todos os guineenses e, de forma particular, as entidades políticas.

O seu grande desejo era ver chegar o dia em que todos os guineenses e, de forma particular, os políticos compreendessem que a melhor forma de atuar politicamente é a aplicação correta desses valores, rejeitando, ao mesmo tempo, todos os fatores egoístas que não favorecem a coesão e o equilíbrio social. Esta é uma das razões pelas quais ele e toda a Igreja da Guiné não cessaram de promover os valores morais e éticos, acima citados, através do ensino e de outras formações, criando, ao mesmo tempo, as estruturas necessárias e apropriadas para isso.

---

<sup>138</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Diocese de Bissau carta pastoral, esperança num futuro melhor*, 1994, p16-17

### 3.2. As instituições fundadas por D. Settimio Arturo Ferrazzetta

Como já vimos, D. Settimio foi um homem e pastor de grandes iniciativas e dinamizador das missões, desde a sua chegada, em 1955, até à sua morte, em 1999. Realizou muitas obras e instituições que tinham como objetivo principal o desenvolvimento do país em todos os níveis e dimensões da vida humana e a expansão da Boa Nova de Cristo, em todos os cantos do território. Entre essas obras e instituições destacamos as que nos parecem mais relevantes e que ajudaram e ajudam, ainda hoje, ao crescimento espiritual e humano de muitos guineenses. A nível eclesial, para além da Igreja paroquial e da capela do hospital-colónia, D. Settimio criou várias missões em nove paróquias: Nossa Senhora de Ajuda (bairro de Ajuda), Nossa Senhora de Fátima, Antula, Bandim, Cristo Redentor, Brá, Nhoma, Bajob e Igoré. Criou, igualmente, o centro de espiritualidade de N'Dame, o secretariado para a pastoral, que deu origem, mais tarde, ao secretariado para a evangelização e o secretariado para a promoção social, os seminários menor e maior, a casa de formação para as aspirantes a Irmãs guineenses que o levaram a fundar, em 1993, o instituto das Irmãs do Divino Espírito Santo para a evangelização<sup>139</sup>. Fundou a Cáritas diocesana, implementada em todas as missões, com o objetivo de socorrer os pobres, os oprimidos, os marginalizados e os excluídos, e o centro social diocesano<sup>140</sup>.

A nível social (saúde, ensino), para além da renovação de dois pavilhões do hospital-colónia da leprosaria, da carpintaria, da oficina mecânica, da aldeia para os leprosos, do hospício para os filhos e filhas dos leprosos, que veio a ser uma casa de retiro para os missionários,<sup>141</sup> promoveu, igualmente, em todas as missões onde existiam as comunidades religiosas (freiras), postos sanitários, por exemplo: em Cumura, Quinhamel, Tite, Bula, Ingore, Bedanda, Brá, Mansoa, Suzana, Banbadinca, pediatria do Hospital Simão Mendes, para além dos hospitais e maternidades em Cumura e Quinhamel<sup>142</sup>. Conseguiu assinar, com o ministério da educação da Guiné Bissau, a restituição das escolas missionárias nacionalizadas após a independência. E, em colaboração com todos os

---

<sup>139</sup> Cf. F. LONGO, *Os frades menores de Veneza na Guiné-Bissau anos de história para recordar (1955-2005)*, p 130-131.

<sup>140</sup> Cf. R. FURLATO, *Bispo Settimio Ferrazzetta, primeiro bispo de Bissau, 2009*, p 3.

<sup>141</sup> Cf. R. FURLATO, *Bispo Settimio Ferrazzetta, primeiro bispo de Bissau*, p 3-5.

<sup>142</sup> Cf. R. FURLATO, *Diocese de Bissau, perfil de Dom Settimio Artur Ferrazzetta, 1999*, p 3.

membros da diocese, conseguiu abrir muitas escolas, desde o jardim infantil até ao liceu. Abriu a escola interna do Seminário que se transformou, mais tarde, no Liceu João XXIII, com capacidade para quase 600 alunos. Sob a proposta do presidente da República, abriu dois centros de formação profissionais: CIFAP de Bula e de Bissau, em colaboração com os Josefinos, para a formação profissional dos jovens guineenses<sup>143</sup>.

As diferentes obras e instituições, acima referidas ou inúmeradas, são exemplos visíveis, concretos e irrefutáveis da dedicação e do empenho incansável de D. Settimio na construção ou no progresso da construção e desenvolvimento da Guiné-Bissau, a nível humano, intelectual, cultural e social. Elas mostram, igualmente, quanto a pessoa humana, com toda a sua dignidade, estava no centro não somente da preocupação de D. Settimio, mas também e, sobretudo, em toda a sua ação pastoral.

### **3.3. Consolidação da paz e reconciliação nacional**

O ponto mais alto ou culminante da ação pacificadora e da contribuição estimável de D. Settimio no desenvolvimento integral do homem guineense e do bem-estar de todos foi no processo de paz e de reconciliação durante a guerra sangrenta de 1998. O conflito que destruiu, significativamente, muitas vidas humanas, entre as quais a sua própria vida. A sua contribuição na procura da paz e da reconciliação, neste período, mostrou-nos, claramente, quanto ele amava este povo e dedicou toda a sua vida para o seu bem-estar, procurando sempre a coesão e o equilíbrio social, mesmo nos momentos mais difíceis. A sua ação e o empenho na estruturação social e na renovação das consciências dos guineenses, através da saúde e sobretudo do ensino, da catequese e de várias formações realizadas no país, tinham, como objetivos essenciais, despertar, nas consciências e nos corações dos guineenses, o espírito de amor ao próximo, da paz e reconciliação, da justiça, do diálogo, da verdade, de honestidade, de fraternidade, de tolerância, de liberdade, de solidariedade e de caridade, a fim de poder erradicar o espírito de egoísmo, de

---

<sup>143</sup> Cf. F. LONGO, *Os frades menores de Veneza na Guiné-Bissau anos de história para recordar (1955-2005)*, p 129.

individualismo, de vingança, de violência e de divisões que começavam a dominar os corações desses homens.

Nas suas várias cartas pastorais e mensagens dirigidas a toda a Igreja da Guiné, não cessava de incentivar, encorajar e convidar todos os guineenses, sem distinção de classe e religião, a cultivarem os valores morais e éticos, porque só assim pode haver uma verdadeira e autêntica coesão, equilíbrio e paz social: «Dirijo-vos esta carta, desejando proporcionar um aprofundamento da fé aos católicos, e solicitar um diálogo de amizade e fraternidade, sobre problemas morais e religiosas, com todos os amigos e homens de boa vontade que não compartilham da nossa fé. Trata-se de valores evangélicos que sempre foram pregados pela Igreja e sempre foram apreciados pelo bom povo da Guiné<sup>144</sup>».

A aplicação correta desses valores permite reconciliar a própria sociedade com Deus e com os homens entre si e promover a paz para todos, porque a paz não é um bem automático, mas um bem que se constrói, assegurando, verdadeiramente, o bem de todas as pessoas. Ela é uma realidade que se adquire e conquista todos os tempos. Ela não se adquire de uma vez para sempre, mas diariamente, porque, como afirma o Concílio Vaticano II, é o fruto da justiça e do amor. «A paz não se pode alcançar na terra a não ser que se assegure o bem das pessoas e que os homens distribuam entre si, livre e confiadamente, as riquezas do seu espírito criador. Absolutamente necessárias para a edificação da paz são, ainda, a vontade firme de respeitar a dignidade dos outros homens e povos e a prática assídua da fraternidade. A paz é, assim, também, fruto do amor, o qual vai além do que a justiça consegue alcançar» (G S 78).

Baseado nesta visão, D. Settimio afirma que é absolutamente necessário cultivar os valores morais e éticos que nos unem e nos reconciliam, através da distribuição honesta e verdadeira dos bens comuns, porque a paz é igualmente o fruto individual de relações justas e honestas a todos os níveis: social, económico e cultural, etc<sup>145</sup>. A paz consegue –se, igualmente, através da reconciliação, que implica acordo de todas as partes. Mas, para chegar a este ponto, é necessário, como no caso da Guiné Bissau, que cada parte reconheça e respeite as opiniões diferentes e construir, todos juntos, um novo caminho da construção e

---

<sup>144</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Mensagem pascal: reconciliação e paz*, diocese de Bissau, carta pastoral, 1986, p 1.

<sup>145</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Mensagem pascal: reconciliação e paz*, diocese de Bissau, carta pastoral, p 3.

o desenvolvimento de todos os guineenses, porque enquanto cada um se considera o detentor da verdade absoluta, não somente desencadeia o crescimento excessivo das rivalidades e confrontos, mas favorece, igualmente, o verdadeiro caminho da paz e da tranquilidade plena. É necessário também o espírito de perdão, porque a reconciliação e a concórdia exigem o perdão, a aceitação do outro, a humildade e uma larga visão do bem comum.

«A reconciliação é o caminho necessário para a paz. Reconciliação quer dizer: chegara a uma concórdia. E a isto se chega quando todas as partes estão despostas a cancelar as rivalidades e desavenças passadas, para concordar num novo caminho, de mãos dadas, como irmãos. Então a reconciliação e a concórdia exigem o perdão. É por causa disso que a Igreja sempre afirmou como força o princípio: haverá paz onde reina o perdão. A concórdia baseada na responsabilidade de cada um e no sentido do perdão, valorizará em muito a vida coletiva dos cidadãos... A força do perdão é maior do que crime<sup>146</sup>».

A paz não é uma realidade que podemos estabelecer de uma vez para sempre, mas diariamente, no dia-a-dia da nossa vida. É por isso que todos os homens, sobretudo os guineenses, são chamados a cultivarem o espírito do respeito mútuo e da própria vida humana, porque uma das causas da instabilidade e do impedimento da paz é a violação da dignidade e dos direitos humanos que envolve outras formas de desrespeito do homem, em todas as dimensões da sua vida. Essas formas de desrespeito da vida humana são os primeiros obstáculos de estabelecimento da paz no mundo e, especialmente, na Guiné. Entre esses obstáculos, temos: as injustiças, as desigualdades, desprezo e desvalorização do próprio homem no quadro do trabalho, os castigos injustos e exagerados, a humilhação do povo pelas situações de extrema pobreza e muitas outras vias de desrespeito da vida humana, o que quer dizer que todos somos chamados, com responsabilidade, a lutar sem cessar, para que essas situações ou realidades sejam erradicadas nas nossas sociedades. E, como afirma D. Settimio numa das suas cartas ou reflexões, a paz não é uma realidade que surge de forma espontânea, mas como uma casa que se constrói progressivamente. E, quando surgem os conflitos, as divisões, o egoísmo, a rivalidade, o desejo demasiado do poder, orgulho, inveja, espírito de individualismo, prepotência e arrogância, etc, este processo de construção é interrompido e traz consequências verdadeiramente negativas. A

---

<sup>146</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Mensagem pascal: reconciliação e paz*, diocese de Bissau, p 3.

paz constrói-se e defende-se através de vários meios ou caminhos, entre os quais: o amor aos irmãos, a reconciliação e o perdão, como já referimos, o diálogo e a concórdia.

«A paz não nasce espontânea, mas deve ser construída, como edifício, bloco a bloco. É que o espírito de paz encontra inumeráveis obstáculos no seu caminho: egoísmo, rivalidades, desejo exagerado de poder, orgulho, prepotência, arrogância. São vícios e doenças espirituais que sempre podem meter em perigo a paz. A paz é um bem individual, em primeiro lugar: nasce e é cultivado no coração de cada pessoa. E quando a paz existe verdadeiramente no espírito da gente, não pode deixar de aparecer exteriormente, torna-se um bem social que beneficia toda a população. Uma terra é sossegada porque a sua gente é sossegada e tem a paz que cada um tem em seu coração. Quando uma terra está em paz é porque os seus habitantes, dia após dia, vão criando pensamentos de paz. Quando começam as guerras e as divisões? Só quando alguém, esquecendo os pensamentos de paz, cria no seu espírito sentimentos de divisão, de contradição. A paz se defende com os dons do Espírito como foi dito na mensagem de natal: o fruto do espírito é: caridade, alegria, paz paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, temperança e temperança (Gal, 22-3)<sup>147</sup>».

Estes últimos valores devem continuar a ser cultivados nas consciências e nos corações dos guineenses, a fim de evitar todas as violências que continuam a destruir o país, tornando-o cada vez mais pobre e, os direitos humanos, a dignidade da pessoa humana violados. E necessário despertar nesses corações os valores fundamentais que existem nas suas culturas, porque a terra da Guiné é uma terra em que a maioria da população é bastante pacífica e hospitaleira. Esses valores devem ser incentivados e defendidos<sup>148</sup>. A paz pode ser, igualmente, defendida nesta terra, através do diálogo que respeita as opiniões dos outros, da renúncia, do poder como serviço devido à população, da concórdia e da defesa do bem comum, porque esses fatores ou valores impedem o crescimento do espírito de vingança da parte daquele que sofreu a injustiça<sup>149</sup> e criam o espírito da paz que é um dom de Deus, razão pela qual é necessário uma nova cultura humana, porque ninguém é

---

<sup>147</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Mensagem de ano 1993, dia 1 de janeiro =dia mundial da paz há 25 anos, reflexões sobre a paz*, p 1.

<sup>148</sup> Cf. S. A. FERRAZZETTA, *Mensagem de ano 1993, dia 1 de janeiro =dia mundial da paz há 25 anos, reflexões sobre a paz*, p1.

<sup>149</sup> Cf. S. A. FERRAZZETTA, *Mensagem de ano 1993, dia 1 de janeiro =dia mundial da paz há 25 anos, reflexões sobre a paz*, p 2.

condenado ou obrigado a cultivar o espírito negativo de violência e de todos os vícios acima inumerados:

«pois a paz é um dom de Deus: a paz é fruto do espírito de fraternidade; a paz é fruto de justiça individual e social; a paz é fruto de respeito dos direitos de cada homem; a paz é fruto do respeito devido à dignidade de cada homem. É preciso uma nova cultura da pessoa humana, que nascerá como efeito positivo da tristeza desta guerra. Quando cada um de nós se perguntará as razões desta guerra, a resposta estará nos seguintes pontos: ninguém dá ao poderoso o direito de ser arrogante; ninguém dará ao soberbo o direito de ser prepotente; ninguém dará ao injusto o direito de ser usurpador dos bens dos outros; ninguém dará ao rico o direito de escravizar os pobres; ninguém dará a quem exerce o poder o direito de roubar o que pertence aos outros e ninguém dará o direito ao corrompido de matar o inimigo<sup>150</sup>».

Perante toda esta situação, diz ele: a Igreja é chamada a lutar e favorecer, na procura da solução, tudo o que é necessário para unir, para pacificar, criar condições de concórdia, de compreensão, solidariedade, condições de perdão mútuo. Mas, para atingir este objetivo, é necessário que os cristãos católicos aceitem inserir-se, livremente, em todos os partidos, guardando sempre o espírito de amor ao próximo, de verdade e de honestidade, o que, felizmente, começa a realizar-se.

«A concórdia necessária. A Igreja católica favoreceu e favorecerá tudo o que serve para unir, pacificar, criar concórdia, compreensão, solidariedade, condições de perdão tanto necessário. Nota-se com muita satisfação que há católicos praticantes inseridos, livremente, em todos os partidos políticos. Seguindo livremente os próprios ideais, pensam assim servir melhor a pátria comum. É bom também lembrar o que foi dito bastantes vezes: a Igreja só se pronunciará sobre os pontos programáticos dos partidos que tocam a moral católica no seu conjunto global<sup>151</sup>».

Esta denúncia permanente de D. Settimio dos comportamentos e das atitudes desumanos e imorais que favoreciam o estabelecimento de sistemas sociais e políticas inapropriadas e inaceitáveis para o desenvolvimento autêntico e verdadeiro do homem, com

---

<sup>150</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Rezemos, irmãos, a paz está à vista! Mas palavra i ca limpo inda! Homilia do Senhor bispo de Bissau, 1998*, p 1.

<sup>151</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Rezemos, irmãos, a paz está à vista! Mas palavra i ca limpo inda! Homilia do Senhor bispo de Bissau*, p 2.

toda a sua dignidade inviolável, não foi uma realidade unicamente teórica, com boas ideias e palavras, mas também, e sobretudo, uma realidade realizada por ele mesmo, no concreto. Ele percorria os caminhos ao encontro de todos os guineenses de boa vontade e de todos os políticos, sem exceção, a fim de que todos juntos e unidos encontrassem, através de diálogo e reflexões profundas, as soluções e vias (caminhos), viáveis e visíveis da reconciliação e da paz para o melhor desenvolvimento integral e a verdadeira promoção da dignidade da pessoa humana, respeitando, ao mesmo tempo, os direitos humanos de cada cidadão. Esta contribuição significativa no processo do desenvolvimento do país tornou-se mais visível e mais expressiva, apesar de muitas obras realizadas por ele mesmo, sobretudo no domínio do ensino e da saúde, durante o último conflito armado e sanguento, de 1998, que destruiu totalmente o país, a nível humano (física e psicologicamente) e material, deixando, assim, traços gravíssimos nas consciências de muitos guineenses, como ele mesmo afirmou, contestando esta guerra ou conflito.

«Este nosso grito a Deus é expressão da nossa fé, do nosso ser humano, pois como homens nos sentimos em sintonia total com toda a gente da Guiné-Bissau de qualquer fé que seja: fé católica, evangélica, muçulmana e de religião tradicional. nos sentimos unidos em contestar esta guerra... a guerra é um ato de violência gravíssima, porque ma gente, porque faz sofrer todas as famílias, que choram os seus mortos, os feridos, os aleijados para toda a vida, porque destrói as habitações, deixando muita gente sem casa. Quem ajudará a reconstruir tudo? Porque paralisa a atividade humana: a lavoura que dará comida; o trabalho que dará os meios para viver; a iniciativa pública e privada; as escolas. A guerra é uma desgraça para todos<sup>152</sup>».

Para além dessa mensagem e tantas outras, dirigidas não somente ao povo em geral, mas sobretudo aos políticos e autores principais deste conflito (General Ansumane Mane, chefe de junta militar e Nino Vieira), não cessou de percorrer as estradas e atravessar os rios e as bolanhas, quase todos os dias, ao encontro desses homens, a fim de poderem sentar-se à mesa, todos juntos, para encontrarem uma solução comum que permitisse acabar, não somente com a guerra, mas também encontrar uma via sólida de reconciliação e de paz, o que não era fácil, porque isso exigia o abandono das armas dos dois lados, Mas,

---

<sup>152</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Mensagem do bispo de Bissau à população da Guiné-Bissau difundida pela rádio nacional, 1998, p 1.*

sem perder a coragem e a esperança, continuou a convidar e solicitar as duas partes a abandonarem as armas, porque, quem mais sofre com esta guerra é a população e, sobretudo, os vulneráveis. Logo, é obrigação e exigência moral que todos abandonem as armas destruidoras da vida humana. Ele não cessava, igualmente, de ir ao encontro de todas as entidades políticas e das estruturas sociais e privadas, para solicitar o seu empenho na resolução do conflito. Dirigia-lhes, também, alguns apelos através de cartas, onde insistia, fortemente, sobre o espírito de diálogo e do encontro fraternal entre todos os guineenses, a fim de que a guerra terminasse. Estes apelos eram dirigidos, igualmente, a todo o povo.

«Em prol, portanto, de uma resolução interna da crise político-militar em via do restabelecimento da paz definitiva na Guiné-Bissau, pondo ponto final ao sofrimento das populações, fazemos um vivo apelo para que: as partes em conflito se sentem à mesma mesa e, através de um diálogo sincero, pondo os interesses do país acima dos interesses pessoais, encontrem uma saída para o conflito político-militar; os partidos políticos e as ONG'S encontrem a maneira de organizar encontros de reflexão e debates sobre a crise que abala o país., propondo soluções concretas às duas partes em conflito e sensibilizando a opinião nacional e internacional sobre a crise político-militar e social; a sociedade civil, em geral, organize marchas e manifestações em prol da justiça e da paz definitiva na Guiné-Bissau<sup>153</sup>».

Estes apelos e ações concretas manifestam, claramente, o empenho significativo de Dom Settimio na pacificação do conflito, na consolidação da paz e na reconciliação nacional. Ele foi um dos grandes protagonistas, para não dizer o único protagonista e promotor da paz e da reconciliação no país, durante toda a sua vida e, neste momento específico, um dos principais mediadores, ou melhor, o responsável da comissão mediadora dos representantes religiosos e civis que, depois de vários momentos de diálogo e de encontros com cada uma das partes, conseguiu um acordo de paz, assinado em Abuja Nigéria, no dia 1 de novembro de 1998, e que permitiu a formação de um governo de unidade nacional, tendo, como primeiro-ministro, Francisco Fadul, que viria a organizar as eleições que permitiram, igualmente, o regresso ao seu país da força militar Senegalesa e a entrada da força de interposição da África Ocidental (ECOMOG). Esta ação foi um dos pontos mais

---

<sup>153</sup> S. A. FERRAZZETTA, *Um apelo ao governo da Guiné-Bissau, à junta militar, aos partidos políticos, às ONG'S, à sociedade civil, 1998, p 1-2.*

altos da sua contribuição, não somente para a verdadeira e autêntica consolidação da paz no país, mas também para a promoção da dignidade da pessoa humana, como já o fazia antes do conflito. Como pastor da diocese de Bissau, teve sempre coragem de enfrentar os diferentes regimes para os incentivar a adotarem o comportamento e espírito de paz e denunciar, ao mesmo tempo, as injustiças e desigualdades, quando era necessário.

«Este lado bondoso e terno não lhe diminuía a sua coragem nem lhe apagava a voz quando era preciso anunciar a paz e denunciar as injustiças. Foi o único a poder visitar o deposto presidente Luís Cabral, preso em residência fixa: em 86, quando o regime eliminou as primeiras vozes da liberdade, Paulo Correia e Viriato Pan, ele enfrentou o próprio regime pedindo clemência e denunciando o ato praticado; isto para não falar do papel importantíssimo que desempenhou no conflito armo de junho passado, que opôs a junta militar a Nino Vieira cuja palavras ainda guardamos na memória. Lutou por uma escola diferente, exigiu e conseguiu liberdade de ensino para os seminaristas quando todo o sistema era ateu e se ensinava que não há Deus: percebendo o risco dos futuros intelectuais serem formados só em Cuba e na União Soviética, arranhou imensas bolsas de estudos Itália para onde enviou muitos jovens formar-se; quando ainda não sopravam os ventos da democracia ele mostrou com palavras e gestos o que significava defender o povo e os direitos humanos. No meio das maiores dificuldades mantinha viva a esperança e o bom humor. “Eu sou um homem de esperança. Para viver nesta terra é preciso esperança” dizia ele<sup>154</sup>».

Defendeu igualmente os direitos de alguns missionários, entre os quais, frei Elzeário e o padre Giulio Barratto. Isso, quando o governador regional deu ordem de expulsar imediatamente do país frei Alzeario, por causa de uma acusação sem provas autênticas, e o padre Giulio que, preocupado com a situação, recorreu ao Bispo, que, sem demora, tentou resolver o problema, pedindo audiência ao governador, com provas escritas<sup>155</sup>.

O povo é consciente e reconhece com sinceridade o esforço e a luta estimável deste homem, para o verdadeiro e autêntico desenvolvimento do país. E, por meio dele, toda a Igreja da Guiné continua, através dos seus sucessores, a lutar para o bem do mesmo povo. Ele merece a honra e consideração de todos os guineenses: «todos temos presente a sua

---

<sup>154</sup> J. COSTA, *Guiné Bissau, D. Settímio, pastor e pai, ação missionária, 199, nº 689, p 12.*

<sup>155</sup> F. LONGO, *Os frades menores de Veneza na Guiné-Bissau anos de história para recordar (1955-2005)*, p 131.

ação para levar os beligerantes a deporem as armas e a encetarem o caminho do diálogo e da reconciliação. Atravessou bolanhas cheias de lama para poder chegar a Bissau, e depois, passou horas e horas viajando de um lado para o outro à procura de soluções para o referido conflito, pela via pacífica <sup>156</sup>». Isto deixou uma imagem que ficou marcada na memória do povo guineense, imagem esta que correu pelo mundo fora.

A morte de D. Settimio foi, para todos os guineenses, uma profunda perda do grande e amável pastor que deu a sua vida pelas suas ovelhas (cristãos e a sociedade inteira), sem distinção. Homem de grande fé e que nunca cessou de acreditar, até ao último dia da sua vida terrena, na consolidação da verdadeira paz e reconciliação nacional na Guiné. O seu grande sonho era ver, não somente a Guiné-Bissau bem organizada, politicamente, mas retomar, vivamente, com sinceridade e responsabilidade, os seus valores morais e éticos tradicionais que fizeram deles um povo pacífico, acolhedor e respeitador da vida humana.

### **3.4. A morte e sepultura**

«Eu sou o bom Pastor: o bom pastor dá sua vida pelas suas ovelhas. O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê o lobo aproximar-se, abandona as ovelhas e foge, e o lobo as arrebatou e dispersa, porque ele é mercenário e não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem, como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou a minha vida pelas minhas ovelhas. (Jo 10, 11-15).

Quase todos os mercenários, os representantes diplomáticos, das organizações mundiais e os cooperantes abandonaram o povo guineense, num dos momentos cruciais da sua história, o momento em que a Guiné mais precisava deles<sup>157</sup>. O bom pastor, que dá a sua vida pelas suas ovelhas, soube estar perto delas neste momento de tribulação e de angústia, até ao último momento da sua vida. Este ato mostrou claramente a autenticidade e veracidade do seu testemunho evangélico, no meio deste povo. E, como afirma o

---

<sup>156</sup> E. INDEQUE, *O papel da Igreja no processo da reconciliação sociopolítica na Guiné Bissau*, p 41.

<sup>157</sup> Cf. R. FURLATO, *Bispo Settimio Ferrazzetta, primeiro bispo de Bissau*, p 5.

evangelista Mateus, «os justos irão para a vida eterna» (Mt 25,46). Este é o grande desejo de todos.

A sua morte foi uma surpresa e um choque para todos os guineenses, porque, como de costume, ele ia sempre a Itália para o tratamento e regressava tranquilamente, com vontade de reencontrar o povo em paz e alegria, apesar das dificuldades, mas, neste ano, as coisas não foram como ele sempre desejava. Claro, no seu regresso de Itália, encontrou-se bloqueado no Aeroporto de Lisboa, porque os voos para a Guiné estavam cancelados por causa da disputa entre o presidente Nino Vieira e Ansumane Mané, da junta militar, disputa que acabou por desencadear um conflito armado. Esta situação obrigou-o a permanecer em Portugal, durante uma semana, antes de conseguir regressar, via Dakar e, quando chegou a Bissau, uma das suas primeiras preocupações foi encontrar os líderes das duas partes, quer dizer, Nino e Ansumane, a fim de, todos juntos, encontrarem uma solução rápida, viável e duradoura de paz e de reconciliação nacional; mas, mais uma vez, as coisas não correram como ele queria, por causa da resistência das duas partes em abandonarem as suas posições e caminharem juntos.

Apesar desta resistência, o Bispo não perdeu a coragem, continuou a dialogar com cada um, realizando, assim, nove viagens, entre o presidente e a junta militar, interrompidas pela sua queda, numa dessas viagens, partindo o fémur, o que o obrigou a ser evacuado para Itália, passando por Dakar, para ser operado. E, durante a sua estadia na Itália, expressou o seu sentimento ou visão numa entrevista sobre a situação e as dificuldades encontradas no processo de reconciliação e sobre os dois líderes, o que provocou uma perturbação diplomática que quase o impedia de regressar, mas acabou por conseguir<sup>158</sup>. Quando chegou, muitas pessoas queriam falar com ele e, apesar de uma ligeira febre que sentia, conseguiu atender todos, mas não por muito tempo, porque, infelizmente, acabou por morrer, na noite de 27 de janeiro de 1999. Esta morte inesperada não lhe permitiu concluir o grande trabalho de mediação. E, devido ao conflito, foi necessário esperar 50 dias para se realizar ou celebrar as exéquias, no 18 de março do mesmo ano, celebração que reuniu muitas pessoas, Bispos e padres, vindos de várias partes e, sobretudo, dos guineenses.

---

<sup>158</sup> Cf. R. FURTADO, *Bispo Settimio Ferrazzetta, primeiro bispo de Bissau*, p 6.

«regressado o bispo, todos queriam ter com ele, para informar-se e informar: Apesar duma ligeira febre, atendeu a todos. Mas na madrugada do dia 27 de janeiro não se levantou: tinha falecido. Na cúria começou uma atividade frenética para encarar o caso. Feitas as práticas legais da ocasião, foi decidido de celebrar o funeral no dia 3 de fevereiro. No entanto na catedral se celebravam missas muito frequentemente. Quando o cadáver do bispo foi levado para a catedral, aconteceu que no mercado de Bandim a gente parou para render-lhe homenagem. Na madrugada do dia 31 de janeiro a guerra arrebentou outra vez; durou alguns dias, mas com uma intensidade incrível.... Foi preciso esperar 50 dias para poder celebrar dignamente o enterro, a 18-3-1999. Foi celebrado diante de catedral, com a presença do nuncio Apostólico, de alguns bispos e de muita gente... o bispo Settimio é um “homem grande”: merece respeito, veneração, honra, grandeza. Colaborou com todas as suas forças para o progresso humano, científico, sanitário do povo guineense: favoreceu verdadeiramente o bem comum. Alguém disse que dom Settimio é um guineense, nascido por erro na Itália<sup>159</sup>».

Com a sua morte, a Guiné Bissau inteira perdeu o homem de confiança, de coragem, de honestidade e de verdade no qual muitos acreditavam, sobretudo para a resolução do conflito. A Igreja perdeu um pastor, um pai e um amigo. Ele merece respeito, honra e reconhecimento de todos os guineenses. «Ao perder este homem, o povo chora o seu pai. A Diocese chora o seu bispo e pastor. Eu choro um grande amigo com quem aprendi a ser missionário e a ter uma grande paixão pela Guiné. Um dia, talvez não muito longínquo, a Igreja o proclamará como santo, porque os santos não eram muito diferentes dele<sup>160</sup>».

Na sua carta de condolências à província Franciscana de Veneza, o ministro geral dos franciscanos, padre Giacomo Bini declara: «Agora, mais do que nunca, parecia necessária a sua presença em sua Guiné-Bissau, para continuar a obra de reconciliação e de paz que tinha conduzido tenazmente em todos os anos de seu ministério missionário. Só ele, possivelmente, tinha a autoridade moral necessária para pôr todos acima das partes<sup>161</sup>».

Ele foi um grande e verdadeiro missionário que, apesar de muitas dificuldades ou peripécias, conseguiu levar até ao fim da sua vida a missão de Cristo, nesta terra da Guiné,

---

<sup>159</sup> R. FURLATO, *Bispo Settimio Ferrazzetta, primeiro bispo de Bissau*, p 7.

<sup>160</sup> J. COSTA, *Guiné Bissau, D. Septímio, pastor e pai, ação missionária*, p 12.

<sup>161</sup> F. LONGO, *Os frades menores de Veneza na Guiné-Bissau anos de história para recordar (1955-2005)*, p 132.

com uma grande paixão e dedicação em todas as dimensões da vida humana. A sua dedicação missionária para o bem de todos, sem fronteiras de religião, é o exemplo admirável para todos os que o conheceram ou ouviram falar dele. Um modelo também para todos os padres e missionários guineenses. Tentou ser, no meio do povo para o qual foi enviado, um “Alter Christi”, a exemplo de São Francisco de Assis, fundador da sua ordem. Tentou imitar e revestir o rosto de Cristo Redentor que não cessava de ensinar e curar durante toda a sua vida.

## Conclusão

Em suma, esta abordagem (reflexão) pretende ter como base o que foi referido e, podemos concluir que, apesar de várias dificuldades, a contribuição e o papel central de D. Settimio e de toda a Igreja da Guiné-Bissau, no processo do desenvolvimento do país, a nível humano, intelectual, cultural, social, espiritual e, sobretudo, no processo da promoção da dignidade da pessoa humana, foi essencialmente significativa e relevante para o povo Guineense, sem exceção. Pela sua sabedoria e profundo espírito de abertura aos outros e as suas dificuldades e alegrias, soube orientar a sua ação pastoral (Igreja), ao serviço do povo, atuando ativamente em todas as dimensões da vida e, de forma particular, na dimensão social (Ensino, saúde, política e espiritual (crescimento espiritual)). Ele permitiu que a Igreja da Guiné partilhasse com o povo Guineense todos os momentos da sua história, bons como difíceis, os valores morais comuns, os princípios éticos fundamentais e a luta permanente pela defesa do bem comum e a sua distribuição honesta, os fatores que favorecem um ambiente apropriado para o desenvolvimento integral do homem e a promoção da sua dignidade.

Esta perspetiva missionária visada por D. Settimio, a fim de permitir que a Igreja da Guiné vivesse e cumprisse verdadeiramente o que faz parte da sua natureza, não se limitou às meras palavras ou às ideias brilhantes de um missionário zeloso e entusiasmado pela missão, mas tornou-se uma realidade concreta e visível, através das suas ações e da sua profunda dedicação para o bem de todos. Lutou para que a Igreja possa atuar e contribuir, profundamente, para o progresso do país, a todos os níveis: a nível religioso, D. Settimio insistia sobre a verticalidade da vida cristã, porque o seu verdadeiro e único fundamento é a sua autêntica relação com Deus, que se traduz ou se manifesta na vida do dia-a-dia de cada cristão, através da profunda dedicação ao serviço dos outros, sem nenhuma distinção de tipo racial, religioso e ideológico, mas obedecendo aos princípios evangélicos, entre os quais o amor ao próximo, a fraternidade, a caridade e a solidariedade. de esperança e de abertura à realidade espiritual. Mas, para atingir este objetivo, percebeu que era necessário um verdadeiro empenho de todos e o envolvimento da própria Igreja, nas outras dimensões, sobretudo social, porque é uma das dimensões fundamentais ou básicas para o progresso de qualquer sociedade, razão pela qual não cessava de convidar e encorajar, com toda a sua

energia, os vários missionários e congregações presentes no país, a atuarem, fundamentalmente, no ensino, na promoção social e na dimensão sanitária. Convidava-os, persistentemente, a enfrentar os problemas sociais e humanos presentes na sociedade, sobretudo, em relação às famílias, às crianças, aos jovens, aos pobres e aos idosos. Incentivou igualmente todos os cristãos a inserirem-se e atuarem, com as bases e os princípios evangélicos, no quadro político, porque é também uma dimensão importante e central para o desenvolvimento de um país. Logo, a Igreja não pode fugir desta realidade em que vivem os seus membros. Ela está profundamente enraizada na vida deste povo, é uma realidade encarnada no tecido social local, nascida como organização de crentes. Logo, ela tem o dever de agir para o bem de todos, em todas as dimensões da vida humana e social, porque é necessário e urgente a educação para a democracia, para a justiça social, pela paz e reconciliação nacional. A presença dos fiéis cristãos neste quadro é absolutamente útil e necessária.

Esta ação incentivadora e interpeladora não se limitou unicamente aos cristãos, mas também e, sobretudo, às entidades políticas e aos seus líderes, propondo, ao mesmo tempo, caminhos viáveis que podiam garantir autenticamente uma política sã e honesta, que favorece o bem de todos e põe no centro de toda a sua preocupação e ações o ser humano. Ele mesmo atuou com todas as suas forças e vontade por esta causa e tantas outras deste género, razão pela qual deixou nos corações dos Guineenses e na história da evangelização da Guiné-Bissau uma marca inesquecível. Foi, para todos os Guineenses, sem exceção, um sinal de esperança, com a sua sabedoria, o seu jeito de ser e de agir e com a sua humanidade, permitindo à Igreja da Guiné cumprir a sua missão evangelizadora, levando o Evangelho e a sua mensagem para todos os cantos do país. Por isso, ficará para sempre como um modelo e ponto de referência para todos e, essencialmente, para os missionários e sacerdotes Guineenses, porque soube, com a sua grande sabedoria e personalidade infatigável, pôr em prática, não somente o conteúdo Evangélico e os ensinamentos da Igreja, numa determinada realidade e contexto, mas manter, igualmente, a unidade inerente e indivisível da missão evangelizadora e a promoção humana. Soube manter articulação e equilíbrio, mostrando, explicitamente, que não são duas realidades distintas, através da promoção, sobretudo dos pobres excluídos, dos marginalizados e dos oprimidos, a exemplo de Cristo.

Por outras palavras, D. Settimio, com a sua sabedoria e simplicidade, soube guiar a sua Igreja para o essencial, desempenhando, assim, um papel determinante no progresso da sociedade Guineense, através das suas ações concretas, entre as quais, a promoção humana, por meio do ensino, da saúde, da mediação e da pacificação perante as várias tensões e conflitos armados que alastram o país ao longo dos anos, destruindo a vida de muitos Guineenses. Foi um missionário e um pastor com enormes qualidades humanas e espirituais, apesar da sua fragilidade humana, com um elevado espírito de humanismo e de dedicação. E podemos dizer que, apesar da lenta evolução do país, devido às várias situações que continuam a travar o seu progresso, a contribuição de D. Settimio e, com ele toda a Igreja da Guiné, foi e continua a ser muito significativa para o país. Em várias dimensões, ela é o que é, graças à ação evangelizadora da Igreja Católica, centrada e orientada por este objetivo da promoção humana na sua integridade. Ela continua a desempenhar um papel importante nessas dimensões, entre as quais: ensino, saúde, promoção da mulher etc. Este empenho da Igreja mostrou e mostra, ainda hoje, que o Evangelho não é uma realidade oposta à realidade humana, mas está intimamente ligado a essa realidade à qual é chamado a iluminar e purificar. Queremos salientar, igualmente, que as razões fundamentais e incontestáveis que motivaram D. Settimio, em todas as suas ações, têm como base, não somente os valores e os fundamentos evangélicos, mas também a experiência familiar e o exemplo de São Francisco de Assis, fundador da sua ordem.

Analisando tudo o que foi referido ao longo deste trabalho e a situação política atual da Guiné, parece-nos que a contribuição inestimável e o grito incessante de D. Settimio sobre o valor da verdade e da honestidade moral, que leva o homem a olhar o outro como irmão feito à imagem e semelhança de Deus e que possui uma dignidade inviolável, não tem grande eco moral nos corações dos nossos políticos e das nossas entidades políticas. Este valor e exemplo não foi verdadeiramente assumido por todos, apesar do grande esforço que a Igreja, na linha de D. Settimio e dos ensinamentos da Igreja universal, baseada na Sagrada Escritura, continua a apresentar como solução para o progresso, a paz e a reconciliação nacional. A prova disso é a permanente disputa de poder e lutas de interesses que continuam a perpetuar no país a situação de instabilidade político-social e ausência de paz. A Guiné-Bissau precisa da paz, da justiça e da democracia, para poder seguir o verdadeiro caminho de desenvolvimento, a todos os níveis.